

O pitbull é manso,
mas o dono dele já
mordeu uns quantos...



Simone Saueressig

O PIT BULL É MANSO, MAS O DONO
DELE JÁ MORDEU UNS QUANTOS



Simone Saueressig

1ª edição

Novo Hamburgo, 2008

O Pit Bull É Manso, Mas O Dono Dele Já Mordeu Uns Quantos

Simone Saueressig

S255p Saueressig, Simone
O pitbull é manso, mas o dono dele já mordeu uns quantos / Simone
Saueressig. -- Novo Hamburgo : 2008.
p. (disponível em www.porteiradafantasia.com)

ISBN 978-85-904621 1-2-5

1. Literatura infanto-juvenil I. Título

CDU 869.0(81)-93
CDD 028.5

Bibliotecária responsável: Maria Denise Mazzali Konarzewski CRB 10/843

Esta obra pode ser copiada, impressa e/ou distribuída gratuitamente, no todo ou em partes, desde que seja preservada a integridade do texto e a autoria do mesmo.

Proibida a comercialização do todo ou das partes.

Sem apresentação, esta edição em PDF é dedicada às pessoas que me ajudaram de alguma maneira a realizar este projeto: um grande muito obrigada à Marilú Scheinpflug, que ajudou na revisão do texto, e outro à bibliotecária da Biblioteca Pública Machado de Assis, de Novo Hamburgo (RS), Maria Denise Mazzali Konarzewski, pela confecção da Ficha Catalográfica.

*Contudo, o agradecimento especial vai para os meus parceiros de discussão virtual do **Clube de Leitores de Ficção Científica**, cujas palavras de crítica e encorajamento sempre foram bem-vindas. A idéia de fazer de “O pit bull é manso, mas o dono dele já mordeu uns quantos” um livro virtual nasceu justamente das contínuas discussões sobre livro virtual X livro de papel. Obrigada à eles.*

Índice

- 1. No qual alimento grandes esperanças... vãs**
- 2. No qual se desenha a genética da aventura**
- 3. No qual aparece um crânio**
- 4. No qual damos o nosso primeiro depoimento**
- 5. No qual eu quase perco a cabeça (e a Bebel também!)**
- 6. No qual se discute sobre a possibilidade de energizar a água de uma piscina**
- 7. No qual o Marcão vai para a delegacia**
- 8. No qual o Marcão tem uma idéia (infelizmente!)**
- 9. No qual chegamos ao Fundo**
- 10. No qual muita gente tem pressa de dar no pé (inclusive nós!)**
- 11. No qual faço um resumo de nossa situação**
- 12. No qual se chega à conclusão de que alguém andou lendo “O Código Da Vinci”**
- 13. No qual meu amigos vão ao cinema**
- 14. No qual eu começo a roer as unhas**
- 15. No qual eu corro para salvar a minha vida**
- 16. No qual o lobisomem nos agradece**

1. No qual alimento grandes esperanças... vãs

O Fera é o cachorro mais bobo que eu conheço. Tem cara de pit bull, orelha de pit bull, olho de pit bull, aquela caixa torácica que faz esses bichos parecerem um tanque de guerra, mas é o tipo mais covarde que já vi na minha vida. Basta dizer "Fera, pega!", para ele sair correndo na direção oposta àquela que a gente aponta. Dizem que os cachorros não atinam quando a gente aponta, mas eu tenho as minhas dúvidas. O Fera atina. E como!

Eu tenho uma certa pena do Aristides. O Aristides é o meu vizinho, dono do Fera. Ele resolveu comprar o bicho depois de ser assaltado duas vezes na sinaleira da esquina do seu trabalho e de chegar em casa uma tarde e encontrar tudo revirado. Tinha sumido o pouco dinheiro que ele tinha guardado e tudo quanto era coisa eletrônica que ele possuía. O Rivaldo, irmão dele, que trabalha de vigia numa loja do centro, aconselhou-o a instalar um sistema de alarme. O cara achou que um pit bull daria mais certo, porque além de não poder ser desligado, ainda ia ter um bicho para lhe fazer companhia.

Aí ele foi e comprou o Fera.

O Fera tem toda a genética de um pit bull. É forte como um touro, pequeno, robusto, com uma cara de tarado simpático: parece que está sempre sorrindo, mas quando ele faz isso, aparece aquela dentadura branca, carnívora e malvada que dá um tom sádico ao seu sorriso canino. Mas como eu disse, é genética e só genética. O bicho não tem um pingo de coragem, nenhuma noção da força que tem nem do respeito que inspira. É bobo que chega a dar dó. Quando ele me vê costuma deitar com as quatro patas para o ar. Ainda não descobri se ele já está pedindo piedade ou quer que eu coce a sua barriga. Como eu o conheço desde filhote coço, sempre, a barriga. Ele chega a ganir de prazer.

– Esse teu vizinho é engraçado, não é?

Essa era Bebel. Bebel é a minha namorada. Quer dizer, ainda não. Mas é só uma questão de tempo. Eu sou apaixonado por ela e ela está cansada de saber disso. Não dá o braço a torcer porque é teimosa feito uma mula empacada. Mas é linda de morrer. É a mula empacada mais linda do mundo. Marcão, o meu chapa, vive dizendo que ela é uma coleção de curvas macias, e eu concordo, mesmo sabendo que com isso ele quer dizer que ela está fofa demais para o seu gosto. Sorte nossa, porque assim dá para manter a amizade sem ter de se preocupar com a concorrência.

– Engraçado, por que, Bel?

– Ah, sei lá. O cara é esquisito. Tem dias assim, que ele fica estranho.

Dei de ombros. Eu, hein? Ficar espiando a vizinhança nunca foi o meu forte. E naquela tarde, mais importante do que as esquisitices da vizinhança era o trabalho de Química que estava fazendo.

Cálculos e mais cálculos. *Seu* Osmar, o professor de Química, acha que a gente não tem outra coisa para fazer na vida do que estudar. Procurei a borracha para apagar uma bobagem que tinha escrito, e me dei conta de que ela estava no estojo, na ponta da mesa. Suspirei, com preguiça de me levantar e espiei a Bebel. Ela estava debruçada na janela e fiquei algum tempo admirando a sua cintura, os ombros macios, o cabelo longo caindo feito uma cascata. Ela estava de costas para mim, muito interessada nas esquisitices do Aristides, então eu aproveitei e olhei para o estojo de novo, pensando "aqui".

O objeto deslizou sobre a mesa até estar ao alcance da minha mão. Me inclinei para pegá-lo, bem na horinha em que ela se voltou. Por pouco!

– Muito estranho esse seu vizinho. Tem certeza de que ele toma banho?

– Eu, hein?, Bebel! – ri, aliviado e vitorioso por ter alcançado o estojo sem que ela visse. Procurei a borracha com toda tranqüilidade. – Olha lá se vou controlar os banhos do Aristides. Eu não moro com ele!

Ela se voltou para a janela de novo.

– Tem uns dias em que ele parece mais cabeludo.

Essa Bebel tem cada uma, pensei, procurando agora a lapiseira. Droga! Estava na mochila, do outro lado da sala. Se a Bel não estivesse ali, eu teria solucionado o problema num piscar de olhos, mas com a presença dela eu ia ter de pegar a muleta, levantar, perder tempo. Fazer o quê? Levantei e peguei a muleta.

– Quer que eu alcance para você? – ela perguntou distraída, ao ouvir o barulho da ponta de borracha no assoalho de madeira.

– Não, pode deixar.

Claro que eu poderia resolver aquilo muito facilmente. Era só contar para a Bebel sobre a minha habilidade e fim de papo. Duvido que uma menina que não se importa que o sujeito tenha um problema de locomoção, vá se escandalizar com a minha habilidade. Mas eu tinha me prometido: só conto quando ela confessar que também gosta de mim! Porque ela gosta, só que não confessa. E não confessa, não porque eu seja coxo, mas porque é uma teimosa. Se se importasse com a minha perna, não ia estar aqui quase todos os dias com aquelas desculpas nada a ver que as meninas de quatorze anos inventam para estar junto dos garotos de quinze. Um dia era o trabalho de Química, outro o trabalho de História, daí ela vinha jogar não sei que jogo, e aí ela vinha só conversar. A gente era colega desde o começo do ano e desde que ela se mudou para o apartamento perto daqui, nos vemos todos os dias. Quando ela não vem aqui, eu vou na casa dela. Mas eu não preciso de desculpa: já disse que gosto dela e pronto.

Avancei até a mochila, revirei tudo até encontrar a lapiseira metida dentro de uma meia suja. Quando me voltei, Bebel estava me encarando com um ar indefinível. Eu gelei, imaginando o que viria. Normalmente, quando as pessoas me olham assim, eu ouço logo alguma observação piedosa sobre o ruim que é ter quinze anos e ter uma perna mais curta do que a outra.

– E a equipe de natação? – ela perguntou num tom de desafio e exigência que me aliviou de imediato. Que idéia a minha! Bebel com pena de mim? Nunca na vida! Graças a Deus! Acho que isso era o que eu mais gostava nela.

– O que é que tem a equipe de Natação? – desconversei voltando para a mesa.

– Você já telefonou para o *seu* Nelson?

Suspirei. Não, eu não tinha telefonado, apesar da insistência dela. Para quê? Para o cara inventar uma desculpa para não me ver? Neguei com a cabeça.

– Por quê?

Sentei pesadamente e pus a muleta de lado, bem à vista dela. Não queria ter de responder isso.

– Por quê? – ela repetiu.

– Não deu tempo.

– Não deu tempo? – Bebel era a encarnação da incredulidade absoluta. – Nossa! Quer dizer que ontem, desde que começamos a jogar vídeo-game até o momento em que fui embora, você não poderia ter dito "dá licença que eu tenho de fazer uma ligação"? Eu já te trouxe o número do telefone dele. Já falei de você para ele. O que você quer que eu faça, garoto? Que faça a ligação também? Se é para bancar a empresária, vou querer dez por cento, para começar.

– Quero que você me deixe em paz, – eu resmunguei voltando à lição de Química. Assuntos como esse sempre me deixavam de mau-humor.

Foi um instante de silêncio. Depois, o segundo *round*.

– Você está com medo.

Levantei os olhos. Para dizer a verdade, naquele exato instante eu estava era ficando bem zangado.

– Me-do. Você está com medo do que ele vai te dizer – ela repetiu. – "Tato" é uma palavra que no dicionário da Bebel deve ser só o apelido de alguém. – Ou vai dizer que não?

– Quem você pensa que é, garota? – eu me irritei.

Ela pensou. Sorriu um pouco. Parecia que ia dizer uma coisa, mas disse outra:

– Achata que faltava na sua vida. Vai ligar ou não vai ligar?

Tenho de confessar, a Bebel acertou em cheio. Eu não tinha ligado para o treinador do grupo de nadadores do clube porque tinha receio do que ele poderia me dizer. Ou melhor: eu tinha certeza do que ele ia me dizer tão logo me visse chegar mancando, apoiado em Mjólnir, a minha muleta de estimação. Ele ia franzir a cara, pensar na encrenca em que tinha se metido e comentar que "olha só, que azar o seu, fechei a equipe hoje de manhã. Lamento muito garoto. Olha, se a gente abrir vaga para um pára-atleta, te chamo, ok?" Ou algo do gênero.

– Não tô nem aí para o esporte. Não gosto de competição, – resmunguei.

A risada clara da Bebel encheu a sala com aquele som melodioso que tem. Olhei para ela meio apavorado, sem entender o que tinha dado na cabeça dela.

– Você não gosta de competição? Minha nossa! Vou lembrar disso da próxima vez em que jogar corrida de carros no game com você! – ela riu.

Tá, tá bom. Eu *gosto* de uma competição. Adoro. E o bom dos vídeo-games é que tanto faz quanto fez você ter uma perna menor do que a outra. No vídeo-game o que vale é a sua habilidade com o console.

Bom, acontece que na água isso era muito parecido e eu me saía muito bem. Natação foi a primeira atividade física que fiz depois do acidente de carro que me custou cinco centímetros de

diferença entre uma perna e outra. O Jonas, o fisioterapeuta que me ajudou na recuperação, foi quem me sugeriu nadar, como uma boa atividade física, onde eu não teria de correr atrás de ninguém nem de nada. Eu topei e me saí muito bem. Mas daí à idéia da Bebel de eu me inscrever na equipe de natação do clube, ia muita, muita diferença.

– Anda Deco, vai ligar, ou não vai ligar? – ela insistiu, macia.

Assim não dá eu pensei, olhando para aquele sorriso lindo e para aquela boca que eu ainda ia sentir na minha, eu tinha certeza absoluta. Mas quando?

– Se eu ligar eu ganho um beijo? – indaguei, esperançoso. Ela balançou um "não" moleque. Era de deixar o sujeito maluco!

– Vai ligar, vai ganhar um lugar na equipe de natação, depois vai ganhar medalha e ainda por cima quer beijo?! Ta querendo demais, garoto!

Odeio quando ela me chama de garoto. Teimei.

– Só ligo se ganhar um beijo primeiro.

Ela deu de ombros e esgueirou-se na direção da porta da cozinha.

– Azar o seu, Deco. Tchau.

Fiquei olhando a figura dela sumindo pela porta com vontade de que ela continuasse ali, apesar da discussão. Depois olhei para o telefone do outro lado da sala. Olhei para a porta de novo. Estava vazia. Por precaução, pensei "fechada", e a folha se fechou lentamente. Aí eu olhei para o aparelho de novo e suspirei. Levantei, porque o telefone fixo tinha um fio curto que não alcançava a mesa e fui mancando até ele. Ergui o fone, puxei o número que ela havia me dado há uns três dias e olhei para o aparelho pensando, o coração batendo forte. Depois botei o fone no lugar e voltei para o trabalho de Química.

"Depois", eu pensei. E como se eu fosse um dos objetos que movia quando queria, obedeci aliviado.

2. No qual se desenha a genética da aventura

Como castigo por não ter entrado em contato com *seu* Néelson, Bebel ficou dois dias sem ir à minha casa. Eu até tentei atraí-la com uma história triste, mas não funcionou.

- Olha, meu fisioterapeuta vai lá em casa amanhã, – comentei com ela no recreio.
- O que te abduziu? – ela revidou, gelada.

Tudo bem. Eu mereço. Reconheço que mereço. Essa história de abdução é culpa minha. Quando eu conheci a Bebel, a primeira coisa que ela me perguntou foi:

- O que aconteceu com a sua perna?

Normalmente quando o pessoal é assim direto, eu respondo, bem malcriado:

- Nasci assim.

O que não é verdade.

A coisa é que a Bebel me perguntou aquilo num tom que eu não pude revidar. Ela estava me olhando sem pena nenhuma, como costuma acontecer, mas com interesse verdadeiro. Ela *queria* saber o que tinha acontecido porque se interessava. Se eu tivesse dito "nasci assim" ela teria acreditado, mas como estava sendo sincera e sem um pinga de piedade, respondi na mesma medida.

- Um carro cortou a frente do carro do meu pai. Quase morri.
- Puxa!

Um silêncio. Foi a primeira vez que eu conheci esses seus silêncios. Aí ela continuou:

- Ainda bem que você não morreu!

Foi naquele instante que eu soube que ela estava apaixonada por mim. E foi bacana, porque foi na mesma hora em que eu me vi apaixonado por ela. Depois, fui inventando umas histórias bobas:

- Sou assim porque um marciano me abduziu, certa vez.
- Que coisa mais sem cabimento nem graça, Deco!

Silêncio. Depois um olhar e um sorriso:

- Ele bem que poderia ter levado o seu cérebro. Assim você seria menos desmiolado!
- Para quê? Você roubou o meu coração! Alguma coisa tem de ficar.
- Vê se te enxerga, garoto!
- Só tenho olhos para você, menina!

– Euclides? Você e a Berenice vão copiar a matéria do quadro, ou vão ficar trocando gentilezas até o final da aula?

Esta última, é claro, era a dona Eunice, professora de Português e Literatura. Haja paciência!

Por isso, quando a Bebel me esfregava aquela história de abdução no nariz eu tinha mais é que

ficar quieto. Foi eu quem inventou! Imagina o que ela vai perguntar quando finalmente admitir que me ama e eu contar para ela da minha habilidade. Ela vai ficar maluca. "Como é que você consegue?" ela vai perguntar. E eu vou ter de inventar uma história bem melhor do que "não tenho a menor idéia", que é a mais pura verdade.

A questão é que eu sempre tive essa coisa comigo, mas eu só prestei atenção nisso depois que fiquei preso na cama durante alguns meses. Antes eu me entretinha em mover carrinhos, essas coisas, mas não me preocupava muito. Olhava para um carrinho, o imaginava andando e o brinquedo saía rodando sozinho. Às vezes devagar, outras vezes feito um foguete. Normalmente, eles terminavam se espatifando contra um móvel ou uma parede, porque eu não tinha controle nenhum nem me preocupava com isso. Também não tinha idéia sobre como fazer eles mover-se depressa ou devagar. Mas não dava muita bola. Era como um brinquedo a mais.

Então, quando o acidente me prendeu na cama e quando eu comecei a me dar conta da dificuldade que é a gente ter de depender de uma muleta para se locomover também comecei a me dar conta de que aquela habilidade me facilitava a vida. Eu só fui aprender o nome disso um tempão depois:

Telecinese. Do grego "tele", mover. Muito legal. Aprendi sobre isso num livro velho que me deixou muito assustado. Dizia o tal livro que os americanos e os russos estudavam pessoas com essas habilidades.

Imagina: ser levado para um laboratório em algum lugar do mundo e me transformar num objeto de estudos.

Deus me livre!

Na época eu dependia muito da minha mãe. Não conseguia suportar a idéia de ficar longe dela. Então, para evitar surpresas escondi minha habilidade de todo mundo. Bem, não é bem esconder. É simplesmente não contar. Minha mãe não sabe, meus professores não sabem, meus amigos não sabem. Minha garota nem sonha. E eu vou levando. Bem que eu queria contar, pelo menos para ela, mas ela não diz que me ama e daí... trato é trato, mesmo se for feito com a gente mesmo!

E foi justo nesses dias em que Bebel bancava a teimosa e eu não me decidia a falar com o Néilson, que a gente descobriu uma coisa sobre Aristides, o meu vizinho dono do Fera.

Só de lembrar disso fico com a pele arrepiada de pavor.

3. No qual aparece um crânio

Para começo de conversa, ninguém liga se uma criança, dessas que pedem esmola nas sinaleiras, um dia desaparece. Conheço motorista que sente até uma espécie de alívio. Não é nada pessoal. Simplesmente, uma criança que pede esmola incomoda. Se o sujeito tiver consciência, vai senti-la pesada se der dinheiro, por dar, se não der o dinheiro, por não dar. Ou se der a grana, por achar que não devia dar, ou se não der a grana, por achar que devia dar. Tanto faz. Se o sujeito não tiver consciência vai se sentir incomodado com aquela pessoinha batendo no seu vidro, choramingando, atrapalhando o andamento do trânsito. É como uma pedra no sapato.

Então sejamos honestos, se a criança sumir dá uma espécie de alívio. É mais ou menos como se fosse um manco, como eu. Tem gente que não chega perto, acha que vai pegar ou doer, sei lá tanto a manqueira quanto a pobreza. Tem outros que até chegam perto, mas a gente percebe que têm medo. Tem os que têm nojo e não confessam. Essas coisas. A diferença entre um manco e uma criança de rua é que elas estão inteiras. Não falta nada, apenas uma infância decente.

Tem gente que acha mais difícil solucionar isso do que uma perna curta. Para um sujeito como eu você faz uma campanha e compra uma muleta. Dá para ele um atendimento de fisioterapia, tipo atendimento social e bate uma mão contra a outra, satisfeito por ter cumprido com o seu dever.

Uma criança você precisa dar atenção, escola, saúde, família. Custa mais caro e precisa de mais tempo. Em resumo, requer uma atenção completa.

Nem todo mundo está disposto a assumir isso.

Nem todo mundo que está disposto a dar uma atenção completa, pode fazer isso.

E entre um extremo e outro está a maioria da gente, numa sinuca de bico, querendo fazer e não sabendo o quê fazer, contribuindo com serviços sociais, *onguis* e outros babados mas sentindo lá no fundo que o problema é complicado, muito complicado, e que não vai adiantar nada uns fazerem e outros passarem do problema como se ele não existisse.

Então, de novo, quando uma criança que pede esmola na sinaleira desaparece, a maioria das pessoas, mesmo aquelas cheias de boas intenções, sente uma espécie de alívio. Elas não fazem por mal embora isso não justifique coisa alguma.

Quando elas somem devagarinho, uma num mês aqui, outra no mês seguinte lá na outra cidade, ninguém dá pela falta delas. Bem, tem as famílias dessas crianças porque até elas têm família que eventualmente irão à polícia e darão queixa. A polícia dirá que vai procurar e de fato o fará durante algum tempo. Mas depois é tanto ladrão de banco, seqüestro relâmpago, roubo de carro e não sei o que mais, que o sumiço logo, logo é esquecido. Vira uma estatística no meio desse turbilhão.

E estatística, você sabe, é a arte de provar que se você comeu um frango e eu não comi nenhum, nós dois comemos uma metade, cada um. Não adianta o meu estômago protestar. A estatística é surda, não tem nome nem endereço. Tem é faixa etária, estrato social, coluna de crescimento, linhas ascendentes ou descendentes. Dona Marta, a professora de Geografia, vive falando nas estatísticas, mostrando gráficos, comparando porcentagens. Bebel perguntou, um dia desses, como é que se chamam os brasileiros que vivem do Bolsa Família. Queria que a professora citasse uma pessoa só. Por colocar a dona Marta que anda bem estressada, a coitada, contra a parede, foi parar na sala do diretor. O James, na outra ponta da sala, vibrou, porque ele detesta a Bebel. Até fotografou ela com o celular levando o xingão da professora e depois enviou a foto para todo mundo, durante a aula mesmo. Dona Marta viu e, no ato, pegou o telefone dele. Mas depois devolveu. Já a Bebel só voltou para a sala depois do recreio.

Agora, se as crianças começam a sumir na mesma cidade, uma depois da outra, a coisa chama a atenção. Durante algum tempo as pessoas vão dizer que o povão está vendo muita novela, depois dirá que o povão só inventa lenda urbana. E dali a alguns dias, algumas semanas ou alguns meses, o que era um alívio vira desconcerto. De desconcerto vira notícia. E daí para virar medo vai um passo. Quem ama suas crianças não vai pensar que quem sumiu foi uma pobrezinha de marré, que pedia esmola na esquina longe de adultos que deveriam se preocupar com a sua segurança. Vai é pensar que sumiu uma criança e pronto. Que a próxima, quem sabe, pode ser a sua.

Mas o pior mesmo foi quando encontraram a primeira vítima. Nossa, saiu até vereador escrevendo no jornal a barbaridade que era a violência urbana! Isso por causa de uma criança que pede esmola na sinaleira, convenhamos, é um sinal de que a coisa é bem maior do que parece.

Também, pudera!

A coisa começou assim: o *seu* Rodrigo, nosso professor de biologia, pediu para a gente elaborar um projeto para a Feira de Ciências coisa que ele pede todos os anos mas desta vez nos deu um tema: Saúde. Vira daqui, vira dali, a gente não tinha tido nenhuma idéia realmente boa, quando o Marcão teve uma discussão homérica com a mãe dele durante o café da manhã.

Marcão, é bom que se saiba, não toma café da manhã. Toma “refrigerante da manhã”. O cara não sabe beber outra coisa a não ser refri. A primeira coisa que ele põe para dentro é um copo *deste tamanho* de Coca-Cola. A mãe dele fala o tempo todo, que isso não saudável, que ele vai ficar diabético, essas coisas. Só que naquela manhã, ela apelou para a ignorância. Disse que se o Marcão continuasse a beber refri desse jeito, ia ficar com os dentes todos podres.

Podres, é isso aí.

Bom, já fazia alguns dias que o Marcão andava se queixando para mim que tinha um dente incomodando. Então, quando ela falou isso ele ficou doido e os dois tiveram um pega daqueles. Marcão saiu de casa batendo a porta e gritando que iria provar por A mais B, que refrigerante não faz nada para dente algum, que isso era só história inventada por *elas* para que a gente vá mais ao dentista, compre mais pasta de dentes e escove a gengiva até sangrar.

Eu já disse que o Marcão é exagerado feito uma tragédia grega? Pois é.

Como se não bastasse, o cara é doido por uma teoria da conspiração. Por isso, quando sai alguém

dizendo alguma coisa contra um troço que ele gosta, ele logo arruma uma conspiração para justificar isso.

A sorte do Marcão é ter uma saúde de ferro!

– Cara, tive uma idéia para a nossa experiência da Feira de Ciências, – ele veio me contar, assim que consegui subir os três degraus da entrada da escola. Ele chegou a fazer menção de que ia me levantar e me carregar para dentro da sala, de tão eufórico, impaciente e furioso que estava. Tive de sacudi-lo de cima de mim para ver se ele caía na real.

– Nós vamos provar para a dona Geni que refri não faz mal para os dentes, – anunciou.

Levou algum tempo até que ele baixou a bola e me contou a discussão com a mãe dele. E daí ele veio com aquela idéia: a gente ia arranjar uns dentes, colocá-los dentro de vidros e encher os vidros com diferentes substâncias água, leite, álcool, éter, e é claro, dois ou três tipos de refrigerante, e ver o que acontecia.

A idéia me pareceu legal. É o tipo da coisa que conquista os professores, porque é simples e prova aquilo que eles sempre falam sobre o que faz bem e o que faz mal para a gente eu tinha certeza de que o Marcão ia se decepcionar. A idéia era tão boa que imediatamente fizemos uma lista de coisas onde mergulhar os tais dos dentes: água, água com açúcar, água salgada, leite (com açúcar, com sal), molho de tomate, suco de frutas e refri, muitos refris. Marcão até sugeriu de a gente usar também bebida alcoólica, mas o professor barrou este último. Ao todo eram quinze experimentos.

– Ótimo meninos! Então, mãos à obra. Procurem logo um dentista ou então substituam os dentes da experiência por ossos de galinha.

Eu e o Marcão nos entreolhamos.

– Ué, por que? – ele se admirou.

– De onde você vai conseguir quinze dentes para submeter à esta experiência, Marco Aurélio? – perguntou o *seu* Rodrigo. – Não sei de ninguém que vai querer emprestar os seus...

A turma que estava ao redor caiu na risada. Já o Marcão coçou a cabeça e ficou fritando os miolos em busca de uma solução.

Eu sempre fico nervoso quando ele faz isso.

Passou um dia, dois. No terceiro, ele apareceu na janela da minha sala e perguntou com um sorriso enorme:

– E aí, já providenciou os vidrinhos? Porque eu já encontrei os dentes.

Pulei para junto da janela e olhei para o saquinho de pano que ele sacudia diante dos meus olhos.

– Não acredito! Você assaltou algum dentista ou foi uma velhinha? – ri. Ele ficou sério.

– Bah, fica quieto! Esse negócio me custou uma grana.

Eu pisquei meio confuso.

– Você... *comprou* os dentes? Onde? Como? Quanto custou?

– Foi um mano do meu irmão que me ajudou. O saco é que ele me empurrou a caveira completa.

Eu cocei a cabeça.

– Ah... que coisa. Eu não sabia que dá para vender isso. Esquisito. Sinistro. Mas o sinistro de verdade, entendeu?

– Saquei. Mas o cara parece que faz dessas sempre. Vende para um pessoal que estuda medicina na universidade. Ele é coveiro.

– *Tais* brincando!

– Pois é.

– Maneiro!

– Também achei. Além do salário, tira por fora com a venda das peças. Um extra sempre cai bem.

– E como!

– O ruim é que tive de escolher os dentes com cuidado. A maioria estava em péssimo estado. Esse gurizinho não escovava os dentes nunca, eu acho!

– Gurizinho?

– É. O crânio que ele me vendeu é pequeno, sabe? Ele me disse que é de uma criança. E é engraçado: sabia que a gente tem um furo na cabeça?

Foi aí que eu comecei a gelar.

– Furo? – gemi.

– É, bem no meio do crânio. Quer ver? Tá lá em casa. Acho que a minha mãe ainda não botou no lixo.

– Você deu o crânio para... a sua mãe? – gaguejei.

– Ô *Deco*, vê lá se eu sou *lelo*, pô! Botei dentro de um saco plástico ao lado do lixo. Se ela ainda não pôs tudo para fora, ainda tá lá.

Não deu tempo de dizer para ele “você é doido, meu? Nunca viu filme americano, não? Isso vai dar uma bruta encrenca!”, quando um carro da Polícia Civil, de luzinha acesa e sirene apitando, parou cantando os pneus bem diante do portãozinho da minha casa.

– Se ferrou! – eu comentei de passagem, enquanto um sujeito alto e magro abria a porta e descia do veículo.

4. No qual damos o nosso primeiro depoimento

O detetive Gilberto era um sujeito muito bacana. Alto, esguio, negro, um sorriso imenso e uns olhos brilhantes. Cheirava a lavanda. Usava uma camiseta amarela com uns letreiros em latim e calça jeans.

– Oi, estou procurando o Marco Aurélio, – ele disse ainda no portãozinho. Acho que foi aí que o Marcão se deu conta da besteira que tinha feito. Levantou a mão desocupada e acenou sem jeito, enquanto tentava me passar o saquinho com os dentes com a outra.

– Pega aqui, – disse baixinho. Titubeei, mas dei de ombros e peguei a coisa.

– Posso entrar? O dono da casa está? – perguntou o homem.

– A minha mãe está, – disse e me virei para dentro berrando: – Mamãe!

Minha mãe apareceu em seguida, com os meios óculos que usava para fazer as suas bijuterias pendurados na ponta do nariz – ela é artesã – e as mãos segurando um par de brincos que estava terminando de colar.

– Aconteceu alguma coisa? – ela perguntou (minha mãe sempre acha que aconteceu alguma coisa comigo).

– Não, mãe, é só que... a polícia está aí e quer entrar – eu comentei, sorrindo para tentar amenizar a situação. Não consegui. Ela arregalou os olhos espantada.

– Polícia?

– É.

– Entrar?

– Pois é.

– Para quê? O que foi que aconteceu? O que foi que você fez?

Aí ela viu o Marcão parado na janela e adivinhou:

– O que foi que *ele* fez?

Marcão, como se vê, é tristemente famoso na minha casa.

– Ô mãezinha, deixa eu explicar...

Ela fechou a cara definitivamente.

– Você só me chama de “mãezinha” quando aprontou alguma, – ela ralhou. Sorte que o polícia apareceu na janela, acenou para ela e sorriu. O efeito foi mágico.

– Boa tarde, senhora, eu gostaria de entrar um pouco e falar com os garotos, pode ser?

Minha mãe ficou boquiaberta por um longo momento, completamente caída pelo charme do cara. Dei um suspiro e comecei a andar em direção à porta. A muleta estava muito longe e tinha gente demais para eu usar a minha habilidade, então eu fui do jeito que dava. Mas ela tomou a frente, passou

por mim e me entregou os brincos dizendo:

– Segura e deixa que eu abro.

Instantes depois o detetive estava na minha sala, sorrindo para a gente. Minha mãe estava ao meu lado, com um braço protetoramente instalado no meu ombro e a outra mão desarrumando o meu cabelo. Eu continuava a segurar a porcaria dos brincos e o saquinho de pano preso no meu dedo mindinho. Marcão estava sentado numa cadeira ao lado da mesa, as mãos fechadas em punhos bem apertados sobre as coxas. A mãe dele estava parada na soleira da porta da cozinha sem perder uma palavra ou um movimento. O cara olhava para os joelhos com uma certa fúria. Já tinha contado a sua história dado o seu depoimento e o policial agora guardava a caderneta onde havia tomado notas.

O resumo da história, você já deve ter adivinhado e é simples: a mãe do Marcão foi colocar o lixo para fora e estranhou aquele plástico extra. Abriu para ver o que havia dentro e desatou a gritar feito uma buzina. Como fazia uma hora e meia que ela não punha os olhos sobre o filho, correu para o telefone e ligou para a polícia dizendo que alguém tinha assassinado o Marcão.

A mãe do Marcão, como dá para ver, é chegada num filme de terror, daqueles *Halloween* parte 34.

– E agora? – perguntou minha mãe preocupada, olhando para a amiga. A mãe do Marcão tinha chegado à minha casa exatos cinco minutos depois do policial.

– Posso ver o conteúdo do saco de pano? – ele me perguntou com gentileza. Estendi o saco para ele, que o pegou de leve e o desengatou do meu dedo.

– E então? – perguntou minha mãe de novo. O detetive olhou o interior do saquinho e balançou a cabeça.

– Não sei. Por enquanto estamos só investigando. Eu fico feliz que você esteja bem Marco Aurélio, – ele comentou, voltando-se para o meu chapa. – Que bom que sua mãe se enganou.

Marcão deu de ombros.

– A princípio, vamos ouvir o Mendes, o cozeiro que o Marco indicou. Ele deve ter infringido pelo menos dois artigos do Código Penal: o de violação de sepultura e o de destruição, ocultação ou subtração de cadáver.

– Isso dá cadeia? – eu quis saber.

– Dá, dá sim, – Gilberto concordou. – Mas essa história está longe de acabar. Tem muito mais aí por baixo para a gente descobrir.

– Tem, é? – admirou-se minha mãe.

– Sim, senhora. Pior do que o delito cometido por esse sujeito é o delito de assassinato – disse Gilberto muito sério.

– Assassinato? – ganiu o Marcão levantando a cabeça.

– É, meu amigo. Ou você acha que todos nós temos um furo no meio da cabeça?

Marcão enrubesceu vivamente e eu olhei para o outro lado da sala. É triste ver um amigo pagar tamanho mico.

– Alguém matou essa criança. Resta a gente saber quem era ela, por que ninguém deu parte disso e, lógico, encontrar quem fez uma barbaridade dessas, – disse o policial levantando-se. – Acho

que por hoje é isso. Agente volta a se ver. Eu terei de conversar com seu filho mais velho, dona Geni.

A mãe do Marcão sacudiu-se como se tivesse levado um safanão.

– O meu filho jamais faria uma coisa dessas! – ela disse, erguendo o queixo desafiante.

– Eu não disse isso, senhora. Mas preciso falar com ele de qualquer maneira. Assim que vocês o localizarem, liguem imediatamente para mim.

Deixou o cartãozinho dele sobre a mesa, deu um último sorriso e saiu depressa.

– O mano vai me matar! – desabou o Marcão enterrando o rosto nas mãos. Dona Geni atravessou a distância que a separava do filho e aplicou-lhe um cascudo doído.

– Primeiro *eu* vou ter uma conversinha com ele! – anunciou segurando o Marco pelo braço. – E agora mesmo, nós dois vamos ter um papo sério. Como é que vocês dizem? Um papo sinistro!

Coitada da dona Geni. Não entende nada de gíria.

5. No qual eu quase perco a cabeça (e a Bebel também!)

– Vem cá, esse teu vizinho é carnívoro, não é, não? indagou a Bebel com todo o desprezo de que é capaz, quando entrou pouco depois de o detetive ter ido embora.

Tá, ninguém é perfeito, nem a Bebel, fazer o quê? A menina é vegetariana. Do tipo raivoso de vegetariano, se é que vocês me entendem.

– Oi, Bebel, que bom te ver, – eu comemorei, sincero. – Já soube das novidades?

– Já soube das fofocas. Das novidades eu vim saber agora. Mas antes disso me conta, o que é que o teu vizinho vai fazer com tanta carne fresca? Abrir uma churrascaria?

Espiei pela janela e vi um sujeito tentando chegar até a porta do Aristides, carregando uma grande caixa branca coberta por um plástico transparente, enquanto o Fera saltitava alegremente ao redor dele. Quando ele faz isso, invariavelmente as mulheres que eu conheço costumam dizer: “Óóóóiiii, que bicho bonitinho!”

– Sai Fera, sai! – berrava o homem tentando não pisar nas patas dele.

Tanta alegria não era apenas por vê-lo. A grande caixa de plástico estava cheia de carne fresca dos mais diversos cortes.

– Ah, esse é Raul, irmão do Aristides, – eu expliquei. – Ele tem um açougue. Costuma abastecer a despensa do Aristides uma vez por mês, mais ou menos.

Bebel continuou olhando o sujeito até ele sumir casa à dentro.

– Tudo aquilo? É carne para um batalhão.

– É carne para o mês – retruquei um pouco aborrecido por ela dar mais atenção à chegada do Raul do que para o que eu tinha para lhe contar.

– Mesmo assim... – ela resmungou mordendo o polegar. – Parece tanto...

– Você não entende nada de carne: é vegetariana! – eu protestei.

A morena me olhou como se não me visse depois deu um gritinho, se jogou na poltrona e perguntou:

– E aí? O que foi que aconteceu? Me disseram que o Marcão matou a mãe dele. É verdade?

Satisfeito por ter toda a atenção dela, sentei ao seu lado e contei tudo.

– Nossa! – fez ela, quando terminei. Silêncio, depois uma risada divertida.

– Esse Marcão não tem nada na cabeça!

Depois a gente comentou um pouco sobre o que poderia acontecer. Eu disse para a Bebel que eu e o Marcão poderíamos ser presos por receptação de material cadavérico roubado, e por um momento eu vi que ela acreditou. Depois franziu o nariz.

– Deco, não inventa: vocês são menores de idade!

Eu murchei um pouco:

– Bom, talvez a gente vá parar num reformatório, quem sabe? Estou preocupado, entende? Vai que a gente termine na cela com algum daqueles ladrões de ônibus, aqueles, com estilete?

Ela riu, sacudiu a cabeça e puxou o telefone celular e pôs-se a teclar, enquanto me dizia:

– Não viaja, garoto!

Pôs o celular na orelha, esperou, depois disse:

– Oi? Quem fala? Ah, sim? Espere um momentinho, tem alguém querendo falar com o senhor.

E passou o telefone para a minha mão.

– É para você, – comentou com um sorriso. Eu encostei o aparelho na orelha, cheio de medo.

– Sim? Quem fala? – perguntou a voz do outro lado. Um homem.

– Aqui é o Euclides, – respondi. – E o senhor, quem é?

– Aqui é o Néelson. O que você queria comigo?

Olhei para a Bebel furioso, mas ela tinha se levantado e estava muito interessada na aquarela feia que minha mãe tem pendurada ao lado da TV.

– Eu... eu...

– Alô? Sim? Pode falar mais alto? Não estou ouvindo você direito, – pediu a voz no telefone.

Eu suspirei, procurando coragem.

– *Seu* Néelson, aqui quem fala é o Euclides, amigo da Berenice, o senhor conhece?

– Ah, sim, a Bebel! Você é o tal que quer entrar para a turma de nadadores, não é? Ela me falou de você.

Claro que falou, me deu vontade de responder bem mal-educado, mas fiquei quieto. O que não fez diferença, porque o tal do Néelson falava por nós dois:

– Olha, podemos marcar um dia para eu ver você... hum, que tal na quinta-feira às 17 horas? Pode ser na piscina coberta do clube? É lá que a equipe costuma treinar e o pessoal vai estar reunido. Estou curioso para ver você, muito curioso. E então, combinados? Quinta-feira, 17 horas.

– Eu... eu... acho que... o senhor devia me ver, antes.

– Isso, Euclides, essa é a idéia! – ele interrompeu entusiasmado. – Valeu, até lá! Tchau!

E desligou.

Fechei o celular e fiquei olhando para Bebel, que agora me encarava do outro lado da sala, toda sorridente. Estendi o telefone para ela, tentando me controlar. Ela não podia ver porque tinha se virado de costas para a aquarela feia, mas o quadro estava pairando no ar, a uns quinze centímetros da sua cabeça. Nossa! Como eu estava zangado. Acho que nunca fiquei tão zangado com alguém! Por um momento o quadro oscilou sobre ela: cai ou não cai? O que seria mais duro? O vidro duplo do quadro ou a cabeça dela? Difícil dizer. Mas, por via das dúvidas, resolvi capitular. O quadro voltou aos poucos para a posição original.

– E aí? – ela perguntou, satisfeita.

– Pega esse telefone e some daqui! – gritei furioso.

– Pára Deco, eu...

– Nunca pensei que você fosse tão manipuladora! Você é igualzinha a minha mãe! Estão

achando que eu não sei que no fundo isso tudo é um monte de pena acumulada? Quero ver se você vai estar lá na quinta-feira, quero ver o que você vai argumentar quando ele inventar uma desculpa para me deixar de fora da equipe! Quero ver se você vai conseguir manipular o tal do Néilson também. E mesmo se conseguir, você acha que adianta? Vocês acham que eu vou ter sempre uma de vocês penduradas no meu pescoço para resolver alguma coisa, sobretudo uma coisa que eu não quero fazer?

Ela ficou pálida e avançou alguns passos. Pegou o celular com um golpe e caminhou com passos duros até a porta. Deu para ver que estava com os olhos rasos d'água. Quando ela saiu, eu me virei para o quadro de novo e de súbito, o vidro rachou com força e explodiu em pedaços. Minha mãe apareceu em seguida, pálida de susto.

– Mas o quê... – ela perguntou. Eu tinha reunido os cacos num montinho junto da parede.

– O quadro quebrou. Eu briguei com a Bebel. Não quero jantar. E não estou à fim de dar explicação, – rosnei e fui para o meu quarto, com a ajuda da Mjólnir. Cheguei lá e me senti tão cansado que só consegui sentar na cama e chorar.

No dia seguinte, não deu jeito de eu falar com Bebel. Enquanto eu ia para a escola eu até pensei que talvez Marcão não fosse aparecer, mas é claro que eu subestimei a paixão dele por receber atenção, sobretudo das colegas. A escola estava em polvorosa, e até a hora do recreio o Marco já tinha contado a história dele “oficialmente”, umas quatro vezes. Depois do recreio algumas pessoas se deram conta de que eu sou o melhor amigo dele e que o trabalho de Ciência ia ser dos dois e aí as perguntas caíram todas sobre mim. Só a Bebel ficou longe, sentada num canto, fingindo que não dava a mínima para todo aquele alvoroço. Meu coração ficava pequeno dentro do peito, mas eu ia tentando driblar aquilo e me sentir feito o meu amigo: o máximo. Mas o máximo que eu consegui foi me deprimir mais ainda. À tarde, quando a campainha tocou, não esperei para chegar até a porta. Antes mesmo de tocar a maçaneta, ela já estava se entreabrindo.

Mas não era a Bebel.

– Oi, como é que vai, Deco?

Era o outro irmão do Aristides. O sujeito trabalha como eletricitista, tinha a agenda cheia.

– Vou bem, *seu* Renato, – suspirei me apoiando na Mjólnir.

– Eu quero deixar umas coisas para o Aristides, uns esquemas de instalação elétrica para a usina de reciclagem lá no Aterro. Mas tenho medo de empurrar porta à dentro e Fera mastigar tudo. Posso deixar com vocês?

Eu sorri ao imaginar o Fera se deliciando com o banquete de papel.

– Claro.

– Vou falar pro meu irmão que deixei tudo com você. Ele passa aqui depois do trabalho.

– É coisa importante?

O Renato sorriu por sua vez. É meio arriscado fazer uma pergunta dessas para ele, porque o sujeito é apaixonado pelo que faz, mas com o tempo ele tem aprendido a ser enxuto nas suas explicações.

– É, é sim. Se a reforma que estamos propondo for aprovada pela Câmara, a Usina de Reciclagem do Aterro vai passar a funcionar com menos consumo, produzindo mais material.

Ele sorriu de novo e se apoiou na porta por um momento.

– É claro que mamãe preferiria que o Aristides usasse o curso de engenharia mecânica dele para trabalhar em alguma empresa de grande porte, mas a verdade é que o meu irmão é apaixonado por reciclagem de lixo. Ele já desenvolveu muita máquina para facilitar a vida dos catadores do Aterro e não tem o menor medo de por a mão na massa: em muitos dias ele trabalha lado a lado com o pessoal de lá, experimentando material, inventando novidades... uma hora dessas você vai ouvir falar dele pelos jornais.

O sujeito se afastou rumo ao portão do meu jardim e antes de sair, sugeriu, com um sorriso orgulhoso:

– Peça autógrafa para ele agora, enquanto ele é seu vizinho e ainda não é uma celebridade.

Acenei de volta, pensando na possibilidade e lembrando da Bebel perguntando se o Aristides não tomava banho. Vai ver ela o viu chegar depois de passar um dia inteiro no Aterro, eu pensei, deixando o envelope amarelo sobre o balcão da entrada. Voltei para a minha mesa, para os cadernos e o computador, de orelha em pé.

Mas a Bebel não apareceu.

6. No qual se discute sobre a possibilidade de energizar a água de uma piscina

Na quinta-feira, lá pelas quatro horas, o Celta da mãe do Marcão parou em frente à nossa casa. Casualmente eu estava junto da cerca brincando com o Fera e demorou só um momento para que eu me desse conta de que Marcão realmente está procurando sarna para se coçar. É claro que era ele no volante e é claro que ele não tem idade para dirigir um carro. E se tivesse idade, não ia ter cabeça para fazer isso.

Mas o Marcão nunca prestou atenção nessas coisas mesmo.

Do lado do passageiro, o vidro baixou e apareceu a cabeça loura de Paula, a “ficante” do Marcão. Eu acho que para “ficante” ela pede umas coisas que passam dos limites, mas o Marcão não acha. Agarota olhou para mim com doçura e sorriu.

– Quer ir ao clube com a gente? – ele gritou lá de dentro.

Que droga! Quem disse que coincidências não existem?

– Acho que não, – eu desconversei.

– Vamos lá, Deco! Você vai terminar transparente de tanto ficar em casa! – ele gritou de novo, mas os olhos dele diziam “venha junto, pelo amor de Deus!”. Eu não entendi. Ele gosta muito da Paula, para que ia precisar de mim para segurar a vela?

Hesitei feio.

– Bom... tá bem, eu acho... Esperem um pouco que eu vou avisar minha mãe.

Entrei o mais rápido que pude e fui gritando que ia com o Marcão até o clube, enquanto punha, apressado, um calção de banho e uma toalha dentro da mochila.

– Euclides, meu filho, não vá na parte funda da piscina, – ela suplicou enquanto eu lhe dava um beijo na testa.

– Pode deixar, mãe, eu não creio que vá chegar nem perto da água, – eu respondi e saí fechando a porta atrás de mim.

Quando cheguei no carro, compreendi a aflição do Marco Antônio: a Paula tinha trazido duas amigas dela consigo, a Lana e a Dica. Quando eu era menor, os colegas faziam troça. Diziam que eu e ela daríamos uma ótima dupla caipira: Dica e Deco. Mais de um levou um belo sopapo no nariz por conta disso, porque eu nunca fui com a cara dela. Como eu ia junto, a Paula tinha se mudado para o banco de trás, me deixando o lugar do carona. Entrei, cumprimentei todo mundo sem jeito e prendi o cinto com atenção redobrada. Eu me fiar do Marcão? Só se for na China!

As três tagarelavam alegremente no banco de trás, tão alegremente que antes da primeira esquina o Marcão tinha desligado o rádio.

– E aí? O que vocês vão fazer mesmo no clube? – ele perguntou, com a mesma cara que põe quando a professora de Matemática passa matéria nova pra gente.

– Energizar a água das piscinas, – esclareceu Dica.

– É parte da nossa experiência para a Feira de Ciências, – continuou Lana.

– Ah, é? Quais ciências? – eu me admirei. – Ocultas?

– Engraçadinho, – resmungou Dica chutando o banco. Realmente, essa era a colega de quem eu me lembrava!

– O que há, Euclides, você não acredita no potencial energético do sol? – resmungou, macia, Paula.

Titubeei. Havia uma armadilha ali, é claro.

– Do que você está falando? – eu perguntei.

– Ora, o professor de Física não nos explicou no mês passado aquela história de refração da luz? A gente não estudou Ótica e os prismas de Newton? – ela continuou no mesmo tom.

– É, foi...

– Então: nós pretendemos demonstrar que é possível energizar a água das piscinas com o auxílio de quatro prismas. Isso vai trazer todo tipo de benefícios na área da saúde, para quem tomar banho lá.

– Não acredito, piscinas milagrosas em pleno clube! – eu mastiguei divertido. O Marcão riu, aliviado. Acho que o falatório das três o tinha tirado do prumo.

– Você não precisa acreditar. A gente vai fazer a experiência justamente para demonstrar que isso é verdade.

Eu balancei a cabeça, incapaz de encontrar algo para dizer. Lana continuou, comemorando:

– Vamos tirar uma bela de uma nota! Foi a dona Veridiana que disse.

– Quem é a dona Veridiana? – eu me perdi. – E como ela soube? É vidente por acaso?

– Neste caso, nem precisa, – intrometeu-se Marcão, rindo. – A Veridiana é tia-avó do professor de Física...

– Não acredito! – disse eu.

– Garoto descrente! – resmungou Dica.

– Mas não é por isso que ela sabe. Acontece que a dona Veridiana é vidente, *sim!* – decretou Paula. – Não é à toa que ela é a diretora da Tríade.

Fiquei perplexo:

– E isso, o que é?

– Isso, o quê?

– Esse negócio aí, a tal da Tríade?

– Ih, meu, é um clube da Luluzinha, que você nem imagina! – interrompeu Marcão.

– Não é não! – protestou a Lana com aquela vozinha aguda e chata que ela tem. – Tem vários homens que freqüentam a Tríade. Só não uns incrédulos como vocês dois!

E continuou: que a Tríade é isso e mais aquilo, que as notas dela tinham melhorado depois que ela tinha começado a levar a sério os “preceitos da ordem” e não sei que baboseira mais. Depois eu é que

sou pirado, quando sento para jogar RPG com o Marcão e o Elói!

Em resumo, se é que eu entendi, o tal do clubinho esse era um troço esotérico, onde um monte de gente rica se reunia para bancar os bruxos, bruxas e não sei o que mais, ficar passando cristais de rocha pelo corpo todo e tomando banho de luz verde debaixo de uma pirâmide de cobre. Brinca muito e aposto que todo mundo ia tomar banho pelado no mar e fazer uma suruba coletiva, mas isso eu não falei, porque estava na cara que eu ia comprar uma encrenca daquelas com as meninas. Além do mais, chegamos em seguida ao clube e todo mundo desceu do carro.

As três figurinhas alegóricas que o Destino me dera por colegas de classe se afastaram falando pelos cotovelos, levando uma sacola dentro da qual estavam os famosos prismas energéticos, deixando o Marcão plantado ao lado do carro com cara de bobo. Me deu pena. Será que ele não vê que a Paula só está tirando ele pra mané e motorista?

– Quer vir comigo, *mano*? – perguntei. – Acho que tenho um lance na piscina coberta.

Ele me olhou admirado e piscou. Mas resolveu me acompanhar.

A piscina coberta do clube tem dimensões quase olímpicas e arquibancadas. Na largura tem oito raias e de comprimento cinqüenta metros. Tem uma profundidade de quase dois metros e foi nela que eu aprendi a nadar, depois de quase me afogar umas duas vezes. Naquele momento, vozes alegres ecoavam no teto alto, cheio de banderinhas coloridas. Um grupo de rapazes estava reunido em torno de um sujeito com camiseta branca e boné com as cores do clube. Eu achei que não havia mais ninguém ali, mas o Marcão logo me fez cair na real.

– Olha, a Bebel! – ele disse apontando para uma figura solitária sentada nas arquibancadas, perto o suficiente do grupo de garotos para ouvir o que eles diziam, mas longe o bastante para deixar bem claro que não tinha nada a ver com eles. Eu e o Marcão fomos caminhando na direção dela, e quando chegamos ao pé da arquibancada, ele começou a subir para cumprimentá-la. Só no meio do caminho é que se deu conta de que eu não podia acompanhá-lo, pelo menos, não com tanta agilidade. Aí ele parou confuso, olhou para ela e depois para mim.

Para dizer a verdade, eu quase não percebi nada disso. Eu e a Bebel estávamos nos olhando, muito sérios. Ela estava muito pálida, e com a expressão muito triste. Eu fiquei olhando, olhando, louco de vontade de pedir desculpas. Aí eu lembrei do quadro que quase tinha quebrado na cabeça dela, e me deu um estremeção de susto.

“Credo! O que eu quase fiz!”, pensei, compreendendo finalmente o risco que a garota tinha corrido. Envergonhado, me volvei para a turma de nadadores e fui caminhando até lá.

À medida em que eu me aproximava, o grupo foi ficando quieto, chocado com a presença da Mjolnir. Certo, minha gente, somos nós mesmos chegando, eu pensei. A rodinha se abriu. Normal. Conheço um bolo de gente que se afasta quando eu chego. O homem do boné me encarou com uns olhinhos pequenos e brilhantes.

– E aí, meu filho, está procurando alguém? – ele perguntou sorrindo contra a vontade.

Eu respirei fundo.

– O senhor é o *seu* Néelson? Eu sou o Euclides. Falamos por telefone na terça-feira.

O homem franziu as sobrancelhas largas e negras que tinha e espiou a Bebel com um ar

desconfiado. Eu também olhei para ela. O Marcão estava sentado ao lado dela com uma cara de susto.

– Ah, sei, o garoto que quer uma vaga na equipe...

Os demais olharam para o homem surpresos.

– Bom, – ele suspirou. – Vamos ver: que estilo você nada?

– Os quatro estilos olímpicos. Mas me dou melhor no borboleta.

Ele me avaliou criticamente e balançou a cabeça.

– Sim, era de se esperar, – ele disse, e eu senti que corava. – Qual é a sua marca?

Corei ainda mais e dei de ombros.

– Sei lá. Nunca cronometrei. Além disso, não entro na piscina desde o fim do verão.

– Seus pais sabem que está aqui?

– Não.

Uma luz de sorriso escapou pelos olhos do treinador. Mas não era deboche, era outra coisa.

– Ah, um sujeito valente, hein? Bom, já que você veio até aqui, vamos ver o que sabe fazer.

Ponha o seu calção e volte em seguida. Suponho que tenha trazido o calção...

Concordei com a cabeça, sentindo as orelhas latejando. Pois não é que o sujeito ia me dar uma chance, mesmo vendo que eu mancava?!

Bom, já que ele estava disposto a me dar uma chance, eu também ia dar uma chance a ele. Fui ao vestiário o mais rápido que pude, tentando não ouvir os murmúrios às minhas costas. Quando voltei, havia um garoto preparado junto de uma raia e todos os demais, uns dez ou doze, sentados no primeiro degrau das arquibancadas. Do outro lado da piscina, o treinador, com o apito na boca e o cronômetro na mão. Olhei para o garoto na outra raia e ele sorriu, esperto.

– O treinador quer saber o tempo que você faz, mas achou que você ia nadar melhor se tivesse um estímulo. Eu sou o Sandro. Sou o quarto melhor tempo da turma. Boa sorte para você.

Ele subiu na baliza. Quando eu me coloquei ao lado dele, ele sorriu e murmurou alto o suficiente para que eu ouvisse:

– Boa sorte, porque eu não vou ter pena e deixar você ganhar, pode crer!

Nossa, isso é que é saber mexer com os brios do camarada!

Quando o apito soou, eu me atirei na água com toda a força que tinha. Nunca tinha nadado com tanta força e vontade de chegar até o outro lado da piscina, eu juro! Na metade do caminho comecei a ouvir os outros garotos gritando “Sandro! Vai lá, cara! Vai lá, Sandro!” e aí, acho que o Marcão se doeu, porque comecei a ouvir ele assoviar e gritar “Deco! Deco! Deco! Já ganhou! Já ganhou!” e quanto mais ele gritava mais eu queria passar na frente do tal do Sandro, mas o sujeito era forte e sabia nadar bem pra caramba e me ganhou por uma braçada e meia. A gurizada veio correndo, todo mundo, inclusive o Marcão, e quando eu consegui tomar fôlego, vi que tinha várias mãos esticadas na minha direção para me ajudar a sair da piscina. O pessoal me puxou para fora e dois ou três me deram tapinhas nas costas. “Muito bem, cara! Muito bem mesmo!” O Marcão veio gritando feito um possesso e me abraçou como se eu fosse um campeão olímpico. Francamente, me senti um baita sujeito.

– Parabéns, – comentou o Néelson consultando o cronômetro e olhando para mim de novo. – Você é muito bom dentro da água. Qual é o problema que você tem na perna?

Fez-se um silêncio de morte. O Marcão quase avançou no sujeito mas eu respondi, bem tranqüilo:

– Cinco centímetros de diferença.

– Há quanto tempo?

Fiz a conta.

– Uns oito anos.

– Usa a muleta desde então?

Respirei fundo. Era o fim da linha.

– Sim.

– Deve ter muita força no braço.

Me surpreendi.

– Para falar a verdade, tenho.

O Néelson sacudiu a cabeça concordando.

– Bom, o negócio é o seguinte. Se você quiser, pode vir nos treinos da equipe de natação, segundas, quartas e sextas, das quatro às seis. Vamos trabalhar esse estilo, desenvolver mais a sua braçada do lado esquerdo. Acho que você vai ter dificuldade nas viradas, mas tudo a gente aprende e eu acho que você pode chegar bem longe, garoto. Saiba, porém, que você tem um limite, mas que isso não é prerrogativa sua: todo mundo aqui tem. E saiba que para mim e os meus atletas, ter limites não é desculpa para nada.

Eu não estava mais ouvindo, claro. Ainda bem que estava todo ensopado. Ia ser muito chato todo aquele pessoal me ver chorando.

Eu saí do vestiário uns vinte minutos depois, com um papel para a minha mãe assinar e um pedido para fazer um exame de saúde geral. O pessoal estava dando duro na piscina e vários deles me acenaram quando eu fui embora, inclusive o Sandro. Acho até que eu mancava menos, quase não sentia Mjólnir debaixo do braço.

Na porta da piscina, o Marcão me esperava, radiante.

A Bebel já tinha ido embora.

7. No qual o Marcão vai para a delegacia

Tive de trovar a minha mãe muito bem para que ela assinasse a permissão para eu participar dos treinos. No começo eu achei que ela ia dizer que era perigoso, que eu não devia me meter, mas o que eu ouvi foi aquela balela maternal sobre as notas na escola. Conseguir que meu pai assinasse a permissão foi mais fácil. Foi só eu aparecer no escritório e dar um alô para a secretária dele. Meu pai apareceu em seguida, ficou todo feliz com a possibilidade e assinou sem nem perguntar se isso ia fazer alguma diferença no boletim. Meus pais estão separados há dois anos. Me chateia, porque o meu pai já arrumou uma namorada e a minha mãe ainda está solteira.

O dia seguinte era uma sexta-feira. Eu estava me sentindo o máximo com aquela história de participar da equipe de natação, mas estava muito nervoso, porque, afinal de contas, ia ter de enfrentar a Bebel. Evitei o que pude o nosso encontro, mas na hora da saída, eu a vi caminhando logo à frente e percebi que seria a minha chance. Me aproximei e chamei por ela. Bebel parou e ficou me esperando.

Primeiro eu fiquei parado na frente dela, exatamente como um mané. Eu simplesmente não sabia como começar. Terminei apoiando Mjólnir mal numa pedra e a muleta escorregou. Perdi o equilíbrio, ela estendeu a mão, eu peguei. Sorri sem jeito.

– E aí? – ela perguntou recomeçando a andar.

Engoli em seco, acompanhando-a.

– Começo a treinar na semana que vem, – gaguejei, esperando ouvir “viu? Eu te disse! Eu te disse!”. Mas ela preferiu apenas sorrir um pouco.

– Que bom! – disse.

– Você estava certa, Bebel. Desculpe.

– Você também, Deco. Desculpe.

Olhei para ela surpreso.

– Como assim?

– Eu *sou* manipuladora. Meu pai vive dizendo isso! Eu simplesmente não consigo engolir que alguém com quem eu me preocupo não faça o que eu acho que vai estar certo.

– Mas você estava certa. Eu estava com medo, só isso!

– Mas podia ser que você simplesmente não quisesse fazer isso. Podia ser que você simplesmente não quisesse ser grosso comigo e dizer “não vou fazer isso Bebel!”.

Eu ri um pouco da voz grossa que ela fez.

– Em todo o caso, eu não tinha o direito.

– Bom, se você confessasse que gosta de mim, eu até te dava um desconto e um pouco de direito, sim, – eu tentei mais uma vez. Ela me olhou de lado, sacudiu a cabeleira negra e revidou:

– Pronto, já tá se achando!

Uma hora dessas, eu pensei, enquanto ria, uma hora dessas eu vou deixar de brincar e falar de verdade. Será que daí ela vai dar o braço a torcer? Tínhamos chegado ao prédio onde ela mora e Bebel abriu a porta. Antes de fechar, olhou por cima do ombro e comentou:

– Também, né Deco, era só parar para pensar: você acha que a gente se intromete desse jeito na vida de quem a gente não dá a mínima?

E fechou a porta no meu nariz.

Fiquei parado um tempão olhando para a porta, sentindo o coração bater com força. Abro a dita cuja, ou não abro? Seria brincadeira de criança! Cheguei a ouvir a lingüeta da fechadura estalar debaixo da maçaneta de ferro. Era só empurrar, devagarinho, devagarinho...

Mas eu não o fiz. Justo naquela hora, o carro da polícia passou zunindo por mim, com a sirena aberta e parou diante da casa do Marcão. Me apressei para chegar lá.

Mal deu para encostar no portão, uma dupla de policiais veio escoltando meu amigo que, cabisbaixo, ia tropeçando nos próprios tênis. Normalmente o Marco Aurélio vem caminhando comigo até sua casa, que fica logo antes da minha, mas justo naquele dia ele saíra mais cedo da escola, para ir ao dentista.

– Vão me levar, *mano véio*, – ele suspirou quando parou diante de mim. Eu senti o coração bater com força no peito. Preso! Iam levar o Marcão preso! Para onde, meu Deus do céu? Para o reformatório? Cristo, que enrascada!

– Chega de drama, compadre, que a gente só quer que você converse com o Mendes, – explicou um dos homens que estavam ao seu lado. Olhei para a casa e vi dona Geni, a mãe do Marcão, trancar a porta, acompanhada de Gilberto. O detetive sorriu para mim e acenou amigável, enquanto o Marcão se arrastava para o carro e me cochichava:

– Promete que vai me ver? Você sabe que eu não volto, não sabe?

– Pára com isso, Marco, – resmunguei, mas bem que senti o coração cheio de pena e preocupação. A mãe dele passou por mim com um aceno de cabeça, a boca franzida num bico zangado. O Gilberto saiu por último fechando o portão.

– Oi, Euclides, – ele cumprimentou.

– Deco, eu corrigi. – Ele acenou com a cabeça.

– Muito bem: Deco. Como vai a sua mãe?

– Vai bem. O senhor vai levar o Marcão preso? – me afligi. Gilberto alargou o sorriso.

– Não, que idéia! Nós só queremos confrontar a história dele com a do coveiro, o tal de Mendes. O sujeito não está querendo abrir o bico. Mas não se preocupe: eu devolvo o seu amigo são e salvo, antes das três da tarde.

Eu olhei desconfiado para o Marcão que, sentado no banco de trás da viatura civil parecia mais satisfeito do que triste.

– E eu? Não vou ter de prestar depoimento? – perguntei. Gilberto balançou a cabeça.

– Considerando os fatos, realmente o seu depoimento pode ser relevante. Vou mandar um escrivão até a sua casa depois do almoço, pode ser?

Eu até quis reclamar, mas depois achei que estava bem.

– Então, até mais. Diga para sua mãe que eu mandei um abraço, – despediu-se o detetive entrando no carro. A viatura arrancou e dobrou em seguida a esquina. Eu fiquei parado, matutando. Eu tinha ouvido mal, ou minha mãe tinha arranjado um fã?

8. No qual o Marcão tem uma idéia (infelizmente!)

– Achei um tema para nosso trabalho de biologia! – anunciou o Marcão entrando na sala da minha casa pouco depois das três da tarde. Suspirei de alívio. De fato, Gilberto era pontual.

– Achei que você ia me contar a respeito da delegacia e tudo o mais... – protestei.

– Bah, foi moleza, – disse o Marcão com ares de pouco caso, atirando-se como um grande são-bernardo no sofá da sala. – O Mendes cantou feito um sabiá logo que me viu. Percebeu que não poderia me desmentir, então entregou os pontos.

– E o que foi que ele contou? – perguntou Bebel entrando na sala com dois copos de refresco que ela tinha ido preparar na cozinha. O Marcão, pego de surpresa, sentou-se feito gente e se engasgou.

– Não tem refri? – indagou, desconversando. Balancei a cabeça numa negativa.

– Você sabe que minha mãe é anti-refrigerante. Agora conta, o que foi que o sujeito disse? De onde vieram os ossos?

O Marcão voltou-se para a janela e resmungou alguma coisa, baixinho. Bebel começou a rir. Eu perdi a paciência:

– Fala de uma vez, pô!

– Que importância tem isso? Você não se interessa em saber sobre a minha idéia para trabalho de biologia...

Respirei fundo. Depois daquela confusão toda, é lógico que tínhamos abandonado a idéia original do trabalho de ciências.

Depois daquela confusão toda, é lógico que tínhamos abandonado a idéia original do trabalho de ciências.

Depois daquela confusão toda, é lógico que tínhamos abandonado a idéia original do trabalho de ciências.

– Marco Aurélio... – comecei.

– Ah, ele não sabe nada, – atalhou Bebel sentando no sofá, encolhendo as pernas debaixo de si. – Está na cara, não está? O detetive colocou o Marcão na frente do Mendes e o Mendes viu que não tinha mais saída. Aí ele deve ter dito que precisava de um advogado, e o pessoal liberou o Marco Aurélio. Acertei?

Meu amigo resmungou alguma coisa que soou como “espertinha”.

– Então por que você demorou tanto?

– Porque estive tentando descobrir o que foi que o sujeito contou. Meu irmão está envolvido nisso, sabe? – reclamou meu amigo mal-humorado. Além do mais, não foi exatamente assim como a dona sabichona aí falou. Durante o depoimento do cara, um sujeito saiu da sala por um instante e deixou

a porta entreaberta e eu ouvi o Mendes falar em “lixão”. E foi aí que me deu o clique aquele, a idéia genial que vai colocar a nossa nota de biologia na estratosfera.

Eu deixei ele viajar um pouco antes de perguntar até porque ele não parecia disposto a falar sem que a gente perguntasse:

– Que clique, Marcão?

– Vamos fazer um trabalho sobre o lixão da cidade.

Bebel torceu o nariz. Eu também, para falar a verdade.

– Ih, que assunto mais batido, – ela comentou.

– E fedorento, – eu ri. Mas o Marcão não parecia disposto a largar sua presa:

– Batido coisa nenhuma! Super-atual! Está todo mundo sempre falando em reciclagem de lixo, não está? Vamos salvar o planeta e blá, blá, blá, blá, blá, blá! Tá, mas a gente quer saber: que tipo de bereba a gente pega remexendo no lixo? Como está a saúde das pessoas que trabalham na usina de reciclagem do Aterro? Que tipo de roupa eles usam para se proteger? Como esse material foi desenvolvido? E por aí vai...

– Que idéia, Marcão, – resmunguei levantando para esticar as pernas.

– Uma ótima idéia! Eu gostei! É uma abordagem diferente, mais próxima da gente... eu topo.

Eu e ele olhamos para a Bebel surpresos.

– E quem foi que lhe convidou, dona Berenice? – perguntou meu amigo. Ela deu de ombros e tomou um golinho do refresco.

– Você não esperava que eu fosse fazer o trabalho com alguma tonta, feito a sua namorada, não é? – indagou ela. O Marcão não gostou nada daquilo.

– A Paula não é tonta! – protestou. E a Bebel, sem piedade:

– Caro que é! Só uma tonta faria o trabalho que ela e as suas amiguinhas estão fazendo: ver se a luz do sol incidindo sobre um prisma é capaz de energizar a água da piscina... tenha dó!

– Ué, quem duvida? – eu tentei amenizar a situação.

– *Eu* duvido! – ela desafiou levantando aquele narizinho que Deus lhe deu. E Deus é um artista, amigos meus, eu garanto! – Por que a luz do sol ia precisar incidir sobre um prisma que *decompõe* o raio em suas diferentes cores, ou seja, que divide a luz, para energizar coisa alguma, se ele incide diretamente sobre a água da piscina o ano inteiro? Se você vai dar energia para alguma coisa, deveria canalizar a mesma e não ficar dividindo a força em partes, não? Pelo menos é o que eu acho.

– *Eu* acho que a Paula não deixou você fazer parte do grupo dela, – resmungou o Marcão com um sorriso maldoso. Deve ter atingido o alvo, porque a Bebel ficou feito um pimentão.

– Isso não é da sua conta, revidou. – Voltou-se para mim, certa da vitória.

– E aí, estou dentro ou não? O Rodrigo pediu que os grupos fossem compostos de pelo menos três pessoas, para que a apresentação na Feira não seja cansativa para ninguém. Quero participar, posso?

Eu cocei a cabeça. Com um sorriso daqueles, quem resiste?

– Bem...

O Marcão me olhou em desespero.

– Tá, tá bom. Eu não gosto da idéia, mas, enfim, se vocês acham que a coisa pode dar certo, também topo.

Bebel terminou o refresco, satisfeita.

– Ótimo! Assim poderemos ver onde é que o maluco do seu vizinho trabalha, – comentou a meia voz. Pendurado na janela, Marcão fazia de conta que se estrangulava a si mesmo com uma careta hilária.

– Não seja bobo, – observou a morena espiando por cima do ombro. – Todo mundo sabe que é impossível alguém se auto-estrangular, então não adianta nem tentar, que não vai colar.

Então aí estava eu, enredado nos desejos dos meus amigos sem perceber, porque estava com a cabeça nos treinos de natação que iam começar na semana seguinte: Marcão, que ouvira na delegacia mais do que tinha nos contado, estava doidinho pra dar uma espiada no lixão da cidade. E a Bebel, aquela Capitu dissimulada, doidinha para dar uma espiada mais de perto no Aristides. E sem querer-querendo, nos metemos na enrascada do ano.

9. No qual chegamos ao Fundo

O Rodrigo, da Biologia, achou muito boa a idéia de a gente fazer uma pesquisa sobre o tipo de doenças que a gente pode adquirir mexendo no lixo e elogiou a iniciativa:

– Moderna, atual, dentro dos cânones do nosso cotidiano urbano... gostei mesmo!

Eu e o Marcão nos olhamos de lado e o meu amigo levantou as sobrancelhas até quase encostar na franja de cabelos encaracolados. Francamente, quanto mais eu pensava na idéia de ir visitar o lixão, menos eu gostava, mas os outros dois estavam convencidos de que o trabalho era a chance de bisbilhotarem onde queriam (lógico que isso eles não diziam!) e quando eu abria a boca para reclamar, eles torciam o nariz e vinham com uns argumentos tirados de um monte de filmes sobre o estado do planeta.

Vira e mexe, tivemos que sentar para planejar o trabalho. Ficou combinado que eu marcaria com o Aristides de a gente ir visitar a Usina de Reciclagem do Aterro na terça-feira, e que o Marcão pediria para a mãe dele nos levar até lá. Bebel ia levar a máquina fotográfica e o gravador para fazer os primeiros registros.

Assim sendo, naquela mesma tarde, depois que acompanhei a Bebel até o portão, resolvi ir falar com meu vizinho. Esperei ela sumir na esquina e entrei no portão da casa ao lado. O Fera, que estava me espiando de um canto da casa, veio saltitando e latindo satisfeito. Chegou perto, se jogou com as quatro patas no ar, como sempre. Me abaixei, fiz carinho na barriga dele.

– Você quer brincar de pegar o pauzinho? – eu perguntei. O bom de conversar com cachorro é que eles parecem que entendem, mas não podem contar segredo algum da gente. Eu até acho que eles contam, mas como latem, ninguém entende.

O Fera saltou para cima das patas e botou a língua rosada para fora, com um ar atento. Eu olhei para um graveto que estava ali perto e o puxei para perto de nós. Não posso explicar uma coisa dessas. Eu poderia dizer que imaginei o graveto flutuando na minha frente, mas não é verdade. Você não imagina se esticando para pegar o copo de refrigerante nem colocando ele na boca. Você simplesmente o pega, e o faz. Assim é com a minha habilidade.

O pauzinho ficou flutuando diante da gente, como se tivesse asas, oscilando com atrevida alegria. De repente ele subiu no ar e o Fera pulou para pegá-lo. O legal de um pit bull é a altura que eles pulam. Parecem gatos! As mandíbulas do cachorro se fecharam a um milímetro do graveto que caiu um pedaço e foi arremessado para longe. O Fera aterrissou e saiu na disparada atrás do brinquedo. Cada vez que ele chegava perto eu ria e “jogava” o graveto em outra direção. O bicho ficava maluco, latindo, correndo, a cara mais satisfeita que eu já vi. Virou o seu pote de água, fez uma curva mal feita no canteiro de alfaces, saltou contra um lençol que estava estendido no varal, feliz da vida.

– Mas o que está acontecendo?

Eu me voltei num susto e o graveto caiu. Aristides estava parado na porta da casa com uma cara de sono de dar dó. Parecia mais cabeludo do que habitualmente mas eu não dei a mínima. Fera se aproximou da gente com o graveto entre os dentes, balançando o rabo cheio de felicidade.

– Fera! – lamentou Aristides vendo o estrago no lençol limpo. Depois voltou-se para mim. – Você não podia ter jogado o pauzinho em outra direção?

– Desculpe, foi mal, – eu lamentei. Aristides coçou a cabeça e terminou sorrindo.

– Deixa para lá. Ele parece sempre tão feliz quando você vem! Além do mais, tenho uma certa inveja dele. Eu também gostaria de brincar e rolar na grama! Deve ser divertido. Você veio só para brincar com o meu cachorro?

Expliquei que não. Enquanto coçava a cabeçorra do Fera, e ele babava satisfeito em cima do meu tênis, comentei com meu vizinho a idéia que tínhamos para o trabalho da Feira de Ciências e lhe perguntei se podíamos visitar o aterro na semana seguinte. Aristides bocejou longamente, mostrando uma fileira de dentes esquisitos, espreguiçou-se, e concordou:

– Podem, claro que podem! Ficaremos felizes em poder divulgar o trabalho no Aterro e mostrar como é possível reciclar lixo de um jeito civilizado. Aliás, como todo lixão urbano deveria ser, se me permite dizer.

– Terça-feira a gente passa lá, então, – eu sorri, satisfeito. O Fera abocanhou a minha mão e a mastigou sem muita força. Meus dedos ficaram completamente melecados.

– Tá. Terça-feira. Muito bom. Agora eu tenho de ir, – resmungou Aristides com aquela cara de sono. E a tarde mal ia morrendo. Ele acenou de leve e entrou. Deu para sentir o cheiro de cachorro molhado que vinha da sala dele.

– Passa, Fera, – eu resmunguei me afastando do mascote rumo ao portãozinho. – Você está precisando de um banho.

O pit bull me olhou, ofendido.

Terça-feira, então, lá fomos nós ao Aterro Santa Ana, unidade 1, mais conhecido como ASA-1. Suponho que a prefeitura municipal tivesse idéia de criar um Aterro Santa Ana, unidade 2, mas como o ASA-1 ainda era considerado experimental, não havia nada de concreto quanto à segunda unidade. Para dizer a verdade, toda vez que o prefeito tocava no assunto, os donos de terras da periferia pulavam feito pipoca na panela. Uns de preocupação, porque o prefeito vivia ameaçando os devedores do imposto predial com “ações mais contundentes”. Os outros, de felicidade, porque tinham interesse em meter-se naquelas intermináveis querelas jurídicas. O ASA-1, por exemplo, apesar de ser o lixão histórico, volta e meia aparecia nos jornais por conta dos proprietários das terras, que mantinham vivo o processo contra o poder público, na esperança de arrancar mais do que tinha sido o valor pago na época da desapropriação. De vez em quando algum deles ganhava a causa, mas antes dos cofres municipais serem abertos, a prefeitura entrava com um recurso e a disputa continuava.

Para despistar as mães que unanimemente haviam nos ameaçado com um castigo em regra se fôssemos até o lixão fazer qualquer coisa, nos encontramos na escola e de lá pegamos um ônibus. O primeiro, passou batido – ele até diminuiu a marcha quando o Marcão acenou, mas foi só o motorista

me ver, para que o carro voltasse a ganhar velocidade. Eu já estou acostumado – quando os motoristas de ônibus estão atrasados nem sempre param para um sujeito com problemas de locomoção, – mas meus amigos ficaram bem irritados. Felizmente o segundo ônibus não demorou muito.

Soubemos que estávamos chegando ao lixão antes mesmo de vê-lo. O cheiro era inconfundível. Marcão reclamou que a mãe dele ia adivinhar onde tínhamos estado só de cheirar a roupa dele e Bebel afirmou que era por uma boa causa.

– Não estou a fim de ficar de castigo no fim de semana! Tem show do Nenhum de Nós! – protestou o meu amigo.

– Ah, que bacana! Você vai, Deco? – ronronou Bebel voltando-se para mim. Eu já ia dizer que estava disposto a dar um jeito se ela me desse o famoso beijo que eu tanto esperava, mas o Marcão interrompeu indignado:

– Ô Bebel, que feio! Para quê perguntar isso? Só para se fazer de boazinha? Vê lá se o Deco vai poder ir num show desses! Como? Tá querendo que alguém derrube ele e depois pise em cima, é? Tem lugar que é perigoso para ele, pô!

Acho que fiquei branco, porque senti a brisa subitamente fria no meu rosto, apesar do sol.

– Que é isso, Marcão? Você está subestimando o Deco! – ela rebateu de imediato.

– Não estou, não. Show é lugar perigoso para ele. Duvido que a mãe dele deixe ele ir!

Quase gritei “ei, dá licença? Eu estou aqui! Posso falar um pouco?”, mas aí o motorista virou-se para nós e anunciou:

– Vocês querem descer no ASA-1? Pois é a próxima parada.

A conversa morreu. Eu fiquei sentado até o carro parar, olhando para frente com uma bruta vontade de chorar. O Marcão e a Bebel foram levantando-se e parando na porta. Por fim eu me mexi e desci o mais rápido que pude.

A parada ficava há uns cinqüenta metros da entrada do aterro, uma rua de terra batida e saibro. Caminhamos até lá debaixo do sol forte, em silêncio. O ruído de máquinas chegava desde longe e quando finalmente entramos no terreno do aterro, paramos um instante um tanto chocados. Eu não sei bem o que esperávamos, mas aquela muralha de detritos era muito diferente nas fotos do jornal do que ao vivo. Duas enormes escavadeiras remexiam o monte que cheirava de um jeito que eu não saberia descrever: coisas podres, coisas velhas, mofo, excrementos, suor, sovaco, tudo misturado. Havia um grupo de pessoas revirando um monte de coisas: carrinho de bebê, muito plástico e sei lá o que mais. Não dava para reconhecer e para dizer a verdade, só víamos as pessoas, porque se mexiam: a roupa que elas usavam parecia feita do que recolhiam, como se fosse uma daquelas colagens que a minha mãe chama de “obra de arte contemporânea”. A diferença é que ali não havia nenhum texto explicativo. E nem precisava.

Mais adiante, à esquerda, ficava um grande pavilhão de concreto de onde emergia o rugido constante de máquinas funcionando. Havia um tráfego bem grande de gente por lá. Alguns usavam uniforme amarelo, mas a maioria vestia-se com roupas tão velhas e desgastadas quanto o próprio lixo que reviravam. Todo mundo usava algum tipo de chapéu: o pessoal de amarelo, cobria-se com um boné também amarelo e alguns homens que saíam do pavilhão usavam capacetes. Os demais se protegiam

com bonés, camisetas velhas e chapéus. Suponho que era tudo encontrado no lixo.

Quando chegamos ao pavilhão, vimos que ali era a famosa Usina Experimental de Reciclagem. Um par de furgões e combis velhas zuniam, carregados de papelão ou já vazios, de um lado para o outro da estrada pela qual tínhamos entrado. Havia uma porta naquele lado pelo que vínhamos andando, só que ela estava fechada e achamos por bem dar a volta para ver por onde entravam os furgões. Demos com um portão do tamanho da parede do pavilhão, escancarado, onde podíamos ver uma máquina cheia de esteiras móveis e pás de moinho, pelas quais trafegava uma variedade enorme de coisas: caixas de papelão, embalagens de leite, jornais velhos, cadernos usados. Ao redor da esteira principal, várias pessoas selecionavam o material, protegidas por uniformes amarelos. Fomos entrando devagarinho, mas uma pessoa destacou-se das demais e se aproximou correndo de nós.

– Ô vocês! Não pode entrar, certo? Não pode entrar sem capacete! – gritou a figura, tratando de se fazer ouvir por cima do rugido das máquinas.

A pessoa fez um gesto para nós e nos levou para fora do pavilhão e para longe do barulho. Tirou o capacete com o qual se protegia, e uma cascata de maravilhosos cabelos louros desabou por cima dos ombros estreitos. Era uma moça, um pouco mais alta do que o Marcão e um pouco mais velha do que nós. Tinha a pele curtida e bronzeada, os olhos de um azul cristalino e os lábios pintados por um suave batom rosa. Tirou a luva grossa com que protegia os dedos e estendeu a mão para Marco Aurélio. No conjunto era uma moça linda, mas quando sorriu, vimos que faltavam-lhe alguns dentes. Ficava menos linda do que antes? Não sei dizer.

– Oi, eu sou a Cris. Vocês se perderam, foi?

– Eu.... er... nós... Aham.... – começou o meu amigo apertando a mão dela num misto de surpresa e repulsa. A Bebel saltou na frente:

– Nós somos vizinhos do *seu* Aristides. Vamos fazer um trabalho sobre o lixão para a escola e combinamos de encontrá-lo aqui, hoje.

– Ah, é? Pois olha, não sei o que dizer... não vi o *seu* Aristides aqui hoje. Mas não sei. Vamos entrar no escritório e dar uma espiada na agenda.

Ela nos guiou até a porta fechada e a abriu com uma chave que tinha pendurada no pulso. Entrou na frente, acendeu a luz e o ar condicionado começou a rosar imediatamente.

O escritório era uma sala ampla, e bem organizada. De um lado havia uma mesa de desenho com várias plantas e esquemas mecânicos e elétricos, misturados com gráficos e relatórios. Na outra parede ficava uma mesa de escritório comum, com um computador velho e destartado que zumbiu quando Cris acendeu uma chave. As demais paredes estavam cobertas de estantes cheias de livros e ao lado da porta havia um mural com várias matérias recortadas do jornal, avisos e listas: listas de nomes, de aniversariantes, de compras. Mal dava para ouvir o ruído da maquinária do pavilhão ao lado.

– Que bem organizado, – admirou-se Bebel.

– Gostou? Eu e o meu pai foi que ajudamos o Aristides – informou Cris. – Eu recolhi os móveis e meu pai consertou. O pessoal deu uma mãozinha na limpeza.

– Essas coisas vieram do lixo? – assustou-se Marcão olhando ao redor como se de repente alguma cadeira fosse criar vida e saltar sobre ele.

– Tudinho, até o computador – comentou a menina concentrando-se na tela. Ela buscou um ícone sobre o qual clicou e abriu uma daquelas pastas simples de tabelas. Cris apertou os olhos e os lábios começaram a soletrar as palavras: “ter-ça, com-pro-mis-sos da tar-de”. Respirou e continuou baixinho: “pa-gar á-gua”. E um pouco mais alto:

– Isso já foi.

Depois, “te-le-fo-nar Ra-fa-el, ver tin-ta fos... fos...

Eu espiei e murmurei baixinho:

– Fosforescente.

Cris me olhou de volta, esperta, malandra, e sorriu.

– Isso! Fosforescente! Eta palavrinha danada!

Eu acho que estávamos com uma cara muito estranha, porque ela explicou:

– Ainda estou aprendendo. Comecei na cartilha faz uns três meses. Nosso professor, o Ricardo, irmão do Aristides, disse que eu aprendo rápido.

– Aprendendo a lidar no computador? – gemeu Bebel, que todas as manhãs lia a página de fofocas do jornal antes de ir para a escola. Cris a encarou um tanto friamente:

– Aprendendo a ler, morena.

Apertei o maxilar com força e a loira continuou, voltando-se para o computador outra vez:

– Foi *seu* Aristides que inventou essa coisa das aulas para a gente aprender a ler. É preciso, porque as máquinas vêm com instruções escritas e ele nem sempre está aqui para ler, então a gente tem de se virar. Dá só licencinha, porque eu vou ter de ligar para o irmão do *seu* Aristides e ver esse negócio da tinta.

Ela agarrou a agenda de telefones e foi, pensosamente, soletrando os nomes, até encontrar o de Rafael, logo abaixo de uma lista de seis nomes que começavam com “R” e estavam assinalados com um asterisco.

– Os irmãos do *seu* Aristides, – ela riu e pegou o fone.

Durante alguns minutos nos mexemos irrequietos, enquanto ela negociava com um sujeito, a compra de duas latas de tinta fosforescente. Eu me sentia muito desconfortável, mas quando vi a cara de pavor do Marcão e o choque da Bebel, me senti um pouco consolado. Por fim, Cris voltou à agenda do computador e depois de alguns minutos, sacudiu a cabeça desalentada.

– Engraçado, não sei porque ele não veio, nem porque não colocou aqui que vocês viriam. Vamos conversar com a minha mãe e ver se ela sabe de alguma coisa.

Ela apagou o computador e nos levou até a porta. Apagou cautelosamente a luz antes de sair e fechar a porta.

– Vamos, – convidou e começou a andar em direção a um dos montes de lixo que eram revirados por um grupo de pessoas. Um caminhão chegou manobrando sobre o aterro e parou um tanto longe de nós. Várias pessoas aguardavam, algumas segurando enxadas. Acaçamba começou a se erguer e em seguida os detritos que estavam dentro dele se espalharam aumentando o monte de lixo e espantando vários urubus que aguardavam junto com as pessoas. Imaginei que as pessoas iam começar a separar objetos, mas nada me preparara para o que veio a seguir: o grupo saltou sobre o monte que

ainda estava se movendo, atirando-se sobre os detritos com avidez e ferocidade, gritando, conversando e – Deus meu – rindo! Parei onde estava, chocado. Bebel também parou. O Marcão, boca-aberta, tropeçou e quase caiu. Cris andou alguns passos e depois voltou-se para nós.

– Ah, aqueles lá são do grupo dos Podres. Estão procurando restos de comida, lixo orgânico, esses troços.

– O quê? – gemeu Bebel enjoada.

Cris pôs as mãos na cintura.

– Olha, infelizmente, aquela lei da prefeitura de entregar o lixo separadinho, bonitinho, não funciona. Até funcionou no começo, mas depois o pessoal esqueceu. Sabe como é rico, né? Vocês não cuidam, desculpe a franqueza, mas não cuidam nada. O caso é que o lixo orgânico não pode ir parar na máquina do galpão, porque senão emperra ela. Ano passado tivemos vários problemas por causa disso, então o pessoal do aterro resolveu fazer esse grupo, que separa o que é orgânico e deixa o que é material seco quase limpo. Depois vêm os do carrinho e levam o orgânico para a Usina de Gás, lá embaixo. O resto vai para a Usina de Reciclagem.

– Ufa! – gemeu Marcão secando a testa. – Por um instante achei que eles iam... bem.. comer isso!

Cris deu um sorrisinho e balançou a cabeça:

– Antes do *seu* Aristides chegar, a gente comia mesmo. O que tem de coisa boa que vai fora, vocês nem imaginam! Mas agora a coisa está melhorando, a gente até já tira um salário para cada família!

Bebel nos deu as costas e pôs a mão na boca. Aspirei profundamente e me arrependi no ato: o cheiro que acompanhava a brisa sobre o aterro era um asco.

– Talvez não tenha sido uma boa idéia vir aqui, afinal de contas, – eu murmurei me aproximando da minha garota. Ela sacudiu a cabeça, fez cara de corajosa e tornou a voltar-se para a Cris.

– Tudo bem. A sua mãe está onde, mesmo?

– Ali, – disse Cris apontando para um grupo que revirava um monte de objetos plásticos. Várias pessoas trafegavam por uma espécie de trilha, carregando carrinhos de mão cheio de material para a Usina e voltando de lá com os carrinhos vazios. Aloira olhou para mim e coçou a cabeça. – Se bem que.. não sei se você consegue chegar lá. É melhor ficar aqui.

– Certo. Eu sou um manco estúpido e você é o quê? A salvadora do planeta Terra? – reclamei, zangado. Algumas coisas soltas no monte mais próximo rolaram sozinhas e tive a certeza de que a culpa era minha. Estava na hora de aprender a controlar melhor a minha habilidade antes de me denunciar, pensei.

Cris levantou as mãos em sinal de paz e eu passei rápido por ela. Tudo o que eu queria naquele momento, era terminar com aquilo de uma vez, ir para casa e passar o resto do dia debaixo do chuveiro.

Logo me arrependi de meter-me pela trilha sem dar atenção à garota que estava nos guiando. A ponta cilíndrica de Mjólnir nem sempre encontrava um apoio sólido e por duas vezes a muleta ficou entalada entre os escombros. A trilha era firme, claro, mas não para quem tinha um apoio fino como uma

perna de pau. Eu precisava me concentrar para não perder o equilíbrio e antes de chegar ao monte onde a mãe de Cris trabalhava junto de outras pessoas, estava molhado de suor, com a boca seca e um gosto ruim se espalhando por ela. Vi um rato enorme, marrom escuro, sentar-se sobre um pote de barro e saborear um resto de banana, fitando-nos insolente. Fiz um gesto com a bengala na direção dele e ele se afastou, mas não muito. Voltou a sentar sobre as patas traseiras e encarar-nos com absurda tranqüilidade. Um cão magro aproximou-se para farejá-lo e o bicho voltou-se para ele com uma velocidade incrível, brandindo aquelas garrinhas cheias de unhas afiadas na direção do focinho do cachorro e fazendo um ruído que por pouco não passou por rosnado. Apesar de ser pelo menos o dobro do tamanho do rato, o parente distante do Fera meteu o rabo entre as pernas e afastou-se com um ganido humilde e resignado.

O grupo que trabalhava em torno do monte de lixo seco parou um instante para olhar para a gente ou talvez para olhar o meu avanço trabalhoso. Quando a menina que nos acompanhava emparelhou comigo, uma mulher destacou-se do grupo. Era baixa, gorda e os cabelos estavam presos em um coque mal feito. A pele era escura, quase mulata, as unhas pintadas de um rosa estranho, que nas mãos dela ficava berrante. Ela bateu as mãos no traseiro da calça amarela, a parte de cima do macacão amarrada na cintura. Usava uma camiseta física imunda, que deixava ver seus braços fortes.

– Ô mãe, e as luvas? – reclamou Cris quando se aproximou.

A mulher balançou a cabeça.

– Não consigo me acostumar – resmungou. Apontou para a gente com o queixo. – E esses aí, quem são? Se perderam, é?

– São do centro. Amigos do *seu* Aristides, – explicou Cris. – Estão procurando por ele.

A mãe de Cris olhou por sobre o ombro na direção da Usina de Reciclagem.

– Ué... sabe que eu não vi ele hoje? – comentou.

– De certo que não. Hoje tem lua, – argumentou uma outra mulher voltando ao trabalho.

– Ah, é mesmo, hoje tem lua. Daí o *seu* Aristides não aparece por aqui pela tarde, – concordou a mãe da Cris.

– Nem pela manhã! – replicou a outra. O grupo caiu na gargalhada, como se aquela fosse uma piada antiga. Eu não entendi nada.

– É... então vocês vão ter de voltar outro dia, – decidiu Cris encolhendo os ombros.

– Voltar? Você está me gozando, é? – eu disse de mau-modos, perdendo a paciência.

– E isso daqui é o lixo seco? – indagou Bebel aproximando-se enquanto amparava Marcão.

– Meu, – grunhiu o meu amigo quase caindo por cima de mim, – juro por Deus que nunca vi um rato daquele tamanho! Da próxima vez que a minha irmã gritar que viu um camundongo no porão eu chamo a Guarda Nacional, pode crer!

Empurrei Marcão para longe e prestei atenção na Bebel.

– É, esse é o lixo que os Podres limpam, – explicou Cris. – O grupo lá tira tudo o que é orgânico das embalagens e pratos e o grupo da Dona Safira separa papelão de plástico, plástico branco do plástico preto, garrafa, essas coisas. Cada material tem a sua serventia.

– Que coisa! – comentou a morena, como se fosse possível alguém achar alguma coisa

interessante por ali.

– Bom, o Aristides não está aqui, vamos embora, – decretei dando as costas para todo mundo com a maior falta de educação.

– E que tipo de material orgânico vocês encontram? – interrompeu o Marcão, demonstrando, de repente, interesse pelo assunto.

– Ah, de tudo, né, filho? comentou Safira, a mãe de Cris. – Antes do *seu* Aristides chegar, todo mundo fazia de tudo um pouco, então eu posso falar: se acha desde comida boa, até coisa tão estragada que não dá para aproveitar de jeito nenhum. Até os cachorros refugam.

– Uma vez eu encontrei um bolo de aniversário inteirinho! – comentou um homem aproximando-se de nós. Eu tentei me afastar dele, mas isso significava me aproximar do resto do grupo. As outras pessoas foram parando e se aproximando, lembrando dos quitutes com que tinham dado alguma vez. Pensei que nunca mais ia conseguir enfiar nada na boca.

– E o que mais? – Marcão interrompeu o cardápio que ia de mal a pior. Baixou a voz quase num sussurro: – E coisas... sei lá, resto de... bicho... de coisas vivas?

– Ah, uma vez eu encontrei uma gaiola de passarinho com passarinho dentro. Fiquei com tanta pena que soltei o bichinho, – comentou uma moça sorrindo.

– Teve uma vez que dei com uma ninhada de gatinhos. Mas estavam todos mortos.

– Bah, isso eu já cansei de encontrar: gato, cachorro, bicho fino... E de vez em quando, alguém deixa um bicho por aí: o carro pára, chutam o coitado para fora e o carro arranca. Os pobres ficam por aí, nos montes. Coitados.

– É mesmo. Tem gente que não tem coração.

– Mas cachorro se vira...

– Gato também.

– Mas que dá pena de ouvir eles chorando, isso dá.

– Você é que tem o coração mole!

– Pode ser. Mas deixar um bicho assim, no abandono, é pecado. É que nem abandonar uma criança.

– Mas é a vida. A vida é assim.

– É nada! Eu nunca abandonei ninguém! Estou criando onze filhos, cinco meus, três da minha irmã e três da minha vizinha, que foi embora um dia e deixou eles lá, chorando de fome.

– Isso não é falta de coração, é covardia. Tem gente que não tem coragem para nada, para nada.

– Sei, sei – interrompeu Marcão impaciente. Deus, que calor fazia. Eu estava ficando tonto. Como é que aquela gente conseguia trabalhar ali? Meu amigo continuou, sem medir palavras: – E será que nunca ninguém achou... um morto? Um morto pequeno? Uma criança?

Todo mundo ficou em silêncio. Eu e a Bebel olhamos para o nosso amigo com espanto. Aliás, *eu* olhei com espanto; a Bebel o encarou com ares de quem diz “não me contava nada, hein?”. Raciocinei depressa: a gente não está aqui para fazer trabalho de ciências, a gente está aqui, porque o Marcão ouviu alguma coisa na delegacia. O tal do coiteiro deve ter dito que o crânio que venderam para ele, veio aqui!

Dona Safira cuspiu para um lado e respirou fundo.

– Isso não é com a gente, – sussurrou a Cris. – Isso é com o pessoal do Fundo. A turma do Cerno. Eles é que cuidam dessas coisas que a gente acha e não pode falar.

– Cala boca, menina, – resmungou Safira. A filha resmungou algo e ficou quieta. A chefe do grupo olhou para a gente de novo, a fisionomia dura, desconfiada.

– Ninguém aqui quer saber das coisas que o Cerno e o pessoal do Fundo encontram. A gente nunca se mete com eles. E se vocês forem espertos, também vão ficar longe.

– Tá, já vi: os vilões são eles. Onde é que eles ficam? Onde é o Fundo? – continuou Marcão, feito um sabujo na pista. Dona Safira deu uma risada estranha.

– Eles é que são os vilões? Eu não disse isso, meu filho!

Marcão não pareceu intimidado nem confuso. Ficou olhando para a mulher, esperando uma resposta.

– O Fundo, fica no fundo, uai! – respondeu Cris.

– Fica quieta, Criciúma! – ralhou a mãe. Eu tive de me controlar para não começar a rir. A garota se chamava “Criciúma”! Que barbaridade!

Dona Safira suspirou e olhou para o Marcão de novo.

– É, o Fundo, fica no fundo. É lá para baixo, perto daqueles matos, – comentou, indicando um grupo de árvores particularmente escuras. Olhando para aquela sombra, minha vontade de rir desapareceu como por encanto. O calor também.

– Agora, se vocês vão se meter lá, não vão sozinhos. Levem o Natálio com vocês, – ela recomendou voltando ao monte de plástico. – E tratem de voltar antes de anoitecer.

– Por que hoje tem Lua? – indagou Bebel, seguindo a sua própria linha de raciocínio. Dona Safira balançou a cabeça.

– Se fosse uns anos atrás, eu ia dizer que sim, que era para voltar antes de escurecer, porque hoje tem Lua. Mas hoje em dia, meu bem... hoje em dia tem coisa pior rondando por aí. Hoje, assombração é que tem que ter medo de gente viva. Estejam de volta antes de acabar o expediente do Aterro. A gente vai embora; o pessoal do Fundo não. Eles moram aqui.

Deu-nos as costas e entendemos que a conversa tinha terminado.

Nos afastamos o mais rapidamente que pudemos, pela mesma trilha pela que tínhamos entrando. Quando chegamos na estrada, Cris olhou para nós e indagou:

– Querem um pouco de água? Vocês parecem mal.

Bebel tomou a frente seguindo a loira até o escritório onde havia uma velha geladeira de porte médio, funcionando a pleno vapor. Ela nos serviu água fresquinha e eu juro que teria feito tudo para nunca mais sair dali, se fosse possível. Porém o Marcão, impaciente, deu a partida.

– E aí, Criciúma, onde está o tal do Natálio? Vamos até o Fundo de uma vez, ou não vamos?

A loira me olhou, olhou para a Bebel:

– Eu tô fora. O guri aí não tem condições de ir até lá.

O “guri aí” era eu. Se fosse em outra ocasião, teria achado a desculpa ideal, mas eu estava cansado de super-proteção.

– Se a gente for até o Fundo, jura que vamos sair daqui e não voltamos nunca mais? – perguntei

para o Marcão, ignorando a garota.

– Palavra de honra, – resmungou meu amigo. Eu devia ter duvidado: desde quando o Marcão entendia de honra?

– Então vamos embora, – comandi levantando e me apoiando em Mjolnir.

– Eu acho que a Cris tem razão. Você não parece em condições de ir a lugar algum, – discordou Bebel. Até tu, Brutus?, pensei. Voltei-me para Cris.

– Você vai chamar o Natálio, ou a gente mesmo vai ter de procurar?

– Ele sempre é assim teimoso? – perguntou a garota para a minha morena. Bebel balançou a cabeça desalentada.

– Ultimamente, sim!

– Vamb'ora, Marcão, – chamei, claudicando até a porta. Meu amigo pulou nos meus calcanhares, feito um cachorrinho. As duas meninas o seguiram.

– Tá, vamos chamar o meu pai, – concordou a loira, tomando a frente.

Seu Natálio era um negro alto e forte, com cara bonachona. Parecia um sujeito capaz de parar um trator na porrada, tal era o tamanho das mãos, calosas, tão castigadas pelo trabalho duro que já não fechavam direito. Quando a garota disse que a gente ia até o fundo do aterro e que dona Safira pedira para ele ir junto, ele fungou, desgostoso.

– Ir até o Fundo? A esta hora? Só se for rapidinho. Agente tem de voltar antes de escurecer.

E depois, mais baixinho:

– Essa tua mãe tem cada uma! Como foi deixar?

Cris balançou os ombros.

– Vamos, – ele comandou.

– De empilhadeira? – perguntou ela animada. O homem franziu a carranca.

– “Tais” louca, Crisciúma? Se o pessoal do Fundo nos vir de empilhadeira ninguém volta: nem a empilhadeira, nem nós. Vamos à pé mesmo.

Olhou para mim e sorriu:

– Se quiser uma garupa é só falar.

E antes que eu me sentisse ofendido, tomou a frente, resmungando baixinho.

O seguimos apressados. Em breve, o calor e a sede haviam voltado em dose dobrada. O cheiro do aterro era nauseante, mas de vez em quando uma brisa aliviava a respiração. A estrada, agora, estava rodeada de um platô de detritos dos dois lados, de cerca de um metro e meio de altura. Passamos por uma bifurcação, que levava para a esquerda e percebemos que daquele lado havia um declive acentuado que terminava em uma cerca de concreto. Do outro lado da cerca, havia um campo com árvores e flores. Uma plaquinha indicava lá para baixo: “Usina de Gás”.

– Que usina de gás é essa? – perguntou a Bebel, intrigada.

– É uma invenção do *seu* Aristides, – contou o pai de Cris. – É lá que a gente enterra o lixo orgânico. Tá vendo aquele cano azul?

Olhamos e vimos: do meio dos detritos emergia um cano azul e sobre ele o ar tremulava. De lá vinha um cheiro de ovo podre que nem te conto.

– Ele disse que aquele arzinho tremendo ali é um tal de “gás metano”. É com isso que ele alimenta o fogão do escritório, e o fogo da usina de reciclagem, quando tem de queimar alguma coisa. A idéia dele é maior: ele quer estender o gás até as casas da gente. Quase todo mundo aqui vive naquelas casas ali ao lado da estrada.

Olhamos para um punhado de casebres que se amontoavam desordenados entre a estrada e um barranco verde, que dava para aquele vale florido que víamos além da cerca.

– O diabo é que a prefeitura não deixa! – resmungou Cris, que, no final, resolvera nos acompanhar.

– Olha o palavreado, menina! – ralhou o homem. Depois retomou a conversa: – A prefeitura não deixa a obra seguir adiante porque dizem que a gente está em terreno irregular e que os canos de gás iam passar em terra alheia. Daí não pode.

– Claro, quem é dono dessas terras aí, quase não tem onde morar! – riu Cris, irônica. – Imagine, ceder um pedacinho para a gente... Ia cair pedaço, mesmo!

– O Aristides está tentando a desapropriação da área, mas é difícil, – continuou Natálio.

– Bom, ninguém mandou se meter na terra alheia.

Todo mundo me olhou de jeito estranho e eu tentei emendar:

– É que se a terra não é de vocês... quero dizer, não são vocês que pagam os impostos... então como é que vocês querem... bolas, deixa para lá.

Natálio fungou de novo:

– Não, você está certo: a terra não é nossa, a gente não paga imposto. Mas a gente tem de morar em algum lugar, não é? Não é tão fácil, quando a gente não tem casa para morar, nem dinheiro para pagar o aluguel. Não dá para a gente simplesmente desaparecer da face da Terra. Já chega que tem um monte de gente que nem sequer nos enxerga porque vivemos do lixo! Podem fazer que não enxergam. Mas a gente continua aqui, respirando.

A bifurcação tinha ficado para trás e agora a estrada fizera uma volta e estava rumando direto para o mato escuro. Algumas árvores apareciam mais para a frente, secas, mortas, rodeadas de detritos e com vários urubus descansando em seus galhos.

– Mas já tem muita coisa que o *seu* Aristides conseguiu para a gente. Por exemplo: este ano, foi a primeira vez na minha vida que tomei banho com água quente. Um luxo!

Olhamos para Cris, com cara de idiotas. Ela continuou, carinhosa:

– O pai é que não gostou, né pai?

Natálio fez uma careta bem humorada:

– Nããã, água quente só no inverno e veja lá. A gente se acostuma a vida inteira com água fria, depois nem quer saber dessas coisas.

– E como é isso? – indagou Bebel baixinho. Cris se virou para ela e saboreou as palavras:

– Aquecimento solar!

E depois, mais baixo.

– É como o *seu* Aristides chama.

– Na verdade isso é invenção de um dos irmãos do Aristides, – explicou Natálio sorrindo. – Ele

fez a gente juntar tudo quanto era cano preto e garrafa de refrigerante. Depois construiu um painel com isso tudo, lá em cima da Usina. Assim, quando a gente termina de trabalhar, pode tomar um banho quente antes de ir para casa. Tem dias que a água é tão quente que tem de abrir a torneira de água fria junto.

– Um luxo! – riu Cris de novo.

– E sem gastar um tostão de energia elétrica, – resmungou Bebel com um sorriso estranho. – Nossa, que coisa!

– Tá muito longe ainda? Tô ficando cansado, – reclamei, antes que ela achasse uma boa idéia fazer mais visitas ao Aterro.

– Não. Na verdade, a gente já tá chegando, – resmungou o homem baixando um pouco a voz.

A estrada terminava um pouco adiante, numa espécie de clareira, cercada por coisas que pareciam barracas de papelão. Algumas tinham placas de lata ajudando a compor a construção. Apenas uma ostentava tábuas. Os urubus pousavam sobre o telhado dos casebres, havia cães esquálidos circulando por ali e atrás das cabanas, montes enormes de lixo. Os ratos corriam feito bichos de estimação, ameaçando galinhas magricelas e meio depenadas, de pescoço pelado. O ar era de um fedor pesado, diferente do resto do aterro. Tudo ali parecia ainda mais sujo e miserável. Eu tinha certeza de que tínhamos chegado realmente ao “fundo”. Nada podia ser pior do que aquilo.

Eu estava errado, lógico.

Natálio não entrou no espaço entre os casebres. Ficou parado ali onde os barracões começavam e bateu palmas. Dois urubus alçaram vôo e outro se aproximou de nós saltitando feito um bicho fofo. Um cão rosnou e se afastou a uma distância segura de nós antes de começar a latir. As galinhas nos ignoraram, ciscando felizes no meio de frutas podres, pneus velhos rotos e com água parada e latas em abundância. Finalmente, apareceu uma pessoa. No começo, eu achei que era um velho, mas logo vi que tinha me enganado.

– B’á tarde, comadre Lauciana. O Cerno está? – disse Natálio.

A figura ficou um instante sem se mover, depois apontou com o braço imundo, cheio de equimoses e feridas.

– Tá na rinha.

Natálio nos olhou por um momento, como se perguntando se a gente já tinha visto que chega. Decidiu que não.

– Obrigado.

A mulher se afastou arrastando os pés nus entre a sujeira e se meteu dentro de uma das casas.

– Tô ficando enjoada, – gemeu Bebel. Natálio sorriu.

– Vamos, – comandou.

Seguimos por uma trilha entre duas montanhas de lixo, o mais rápido que Mjólnir me permitia. Logo percebemos que estávamos nos aproximando de um grupo de homens, porque ouvíamos gritos, urros, gente torcendo por algum time. Eles jogavam bola? Que grande jogo é o futebol, eu pensei com os olhos embaçados de lágrimas que eu teimava em achar que era suor. Até aqui, no meio desta miséria, tem jogo de futebol! Mas, onde, meu Deus do céu? Cadê o campinho, o espaço para chutar a bola? O

máximo que eu via mais adiante era uma outra estrada que vinha em nossa direção, e onde dava para se ver dois ou três carros de luxo parados.

Incrível!, pensei, sem entender o que estava vendo. Até carcaça de carro chique tem aqui!

Um pouco mais além, a trilha avançava por uma depressão. Não sei se era uma depressão entre os montes de lixo, ou se era uma depressão natural do terreno, o caso é que paramos de súbito em uma passagem que levava a uma arena abaixo da linha do lixo, oculta entre os escombros. Foi a primeira coisa realmente construída que vimos naquela parte, uma espécie de muralha de madeira forte que protegia duas arquibancadas erguidas ao redor de uma arena onde dois galos se depenavam mutuamente. Os homens gritavam feito doidos, apontando para um e outro animal com fúria. O sangue vertia dos bichos, o dinheiro corria nas mãos dos homens. Não eram miseráveis, porém. Havia várias calças de brim de boa qualidade, camisetas de marca e tênis de grife. Vi um homem de terno e gravata. E um deles, que observava a turba com um sorriso satisfeito e olhos parados, um homem que se vestia com um grande casaco, marrom de tanta sujeira, um homem que nem era tão grande, mas cujo respeito com que os outros o tratavam fazia parecer maior do que era. Ele olhou para mim por um momento e eu soube: aquele era um homem mau. Era a maldade que o fazia parecer maior do que era, porque a maldade emanava dele feito um cheiro ruim, feito uma aura azeda.

Marcão ficou parado olhando como um condenado, Bebel sentou-se num monte de papelão molhado muito branca e escondeu o rosto entre as mãos. Eu balbuciei algo e senti que perdia o equilíbrio. Alguém me pegou nos braços. Olhei: era Natálio.

– Aí está o Fundo. E ali está o Cerno. Alguém vai querer falar com ele? – indagou o pai de Cris voltando-se para Marco Aurélio.

– Não. Não quero. Quero ir embora, – gemeu ele.

Se havia crianças que apareciam mortas no aterro, era aquele homem que as encontrava. O que ele fazia com elas, eu não sabia.

Nem queria saber.

10. No qual muita gente tem pressa de dar no pé (inclusive nós!)

Começamos a voltar pela mesma trilha pela que tínhamos vindo, mas não fomos muito adiante. De repente, Natálio parou entre um passo e outro e rosnou um palavrão, rodopiou e correu de volta para a arena, me sacudindo feito um saco. Nem chegou direito ao topo do declive e já berrava:

– Cerno! Os “home” vem vindo!

Enquanto ele me botava no chão percebi que o alarme tinha chegado com um segundo de atraso, porque já tinha sujeito fino escalando monte de escombros sem dar a mínima para a escada improvisada ao lado, meio entulhada de gente. Dois homens se engalinharam numa briga de murros por causa do dinheiro e o tal do Cerno passou por eles mancando, e resmungou alguma coisa. Os dois pararam de se esmurrar e olharam para o homem duvidando do que tinham ouvido, mas quando ele se dirigiu para uma estaca de madeira, viraram-se e correram na direção da escada. Natálio me pôs no chão e eu vi quando Cerno chutou a estaca com toda força e depois se arrastou até a trilha que subia em nossa direção. Uma das laterais de madeira da arena cedeu lentamente e logo um monte de entulho começou a rolar para dentro do buraco, até que, com um chiado alto e desagradável, tudo foi engolido pela montanha de detritos. Uma nuvem de pó e pedacinhos de papel e plástico levantou-se com um cheiro horrível, enquanto o homem vinha em nossa direção, arrastando a perna esquerda. Até que chegou ao nosso lado, não se via da rinha mais do que a madeira de contenção de um dos lados da arena.

Os carros da polícia se aproximavam rapidamente, mas a gente já sabia que eles não ia chegar até ali senão a pé. Cerno parou diante da gente e arreganhou os lábios no que deveria ser um sorriso.

– Você sabia? – perguntou Natálio, o rosto coberto de suor.

– É, – ele fez e olhou para mim.

Com um movimento rápido, agarrou Mjólnir e a puxou para si. Levei um susto e ferrei a mão na minha muleta de estimação e por um momento a gente forcejou, olho no olho. E ao invés de ficar com medo eu estava era ficando com raiva. Foi aí que Cerno se debruçou sobre mim e grunhiu, o hálito fétido exalando entre os dentes podres:

– Larga isso.

– É meu, – rosnei de volta.

– Larga isso! – ele levantou um pouco a voz e puxou com força, arrancando a muleta da minha mão. Perdi o equilíbrio e fui vergonhosamente ao chão. Bebel e Marcão correram para me acudir, enquanto Cerno se afastava uns passos apoiando-se na muleta. Não foi longe, porém. Como já havia acontecido várias vezes antes, a ponta do apoio se enfiou em alguma superfície não muito sólida e mergulhou no meio dos detritos. Cerno praguejou e puxou a muleta de volta, com uma laranja podre enfiada nela.

– Que merda essa muleta, – ele praguejou com raiva fria. Atirou-a de volta para mim rindo e eu a agarrei como pude. Tirei a laranja aos arrancos, cheio de nojo, pensando que teria de mergulhar meu melhor apoio no álcool se queria usá-lo outra vez, sentindo-me profundamente humilhado.

– Fica com esse teu cajado de deus. Prefiro mancar, – disse Cerno com desprezo.

Quando as palavras fizeram sentido, estremeci num choque e ergui os olhos para ele. Havia naquele olhar uma coisa que eu não podia discernir, algo que eu não tinha adivinhado, mas que se revelara naquela frase. Cerno percebeu o meu susto e riu, gargalhou feito um diabo.

Acontece que quando meu pai me levou para casa, depois do acidente, eu me recusava a usar muleta. Ficava por dentro de casa, pulando, mancando e caindo contra os móveis, deixando todo mundo nervoso. Então, um dia, ele contou uma história maluca sobre um deus chamado Thor, que morava em uma cidade que ficava do outro lado do arco-íris e que comandava as tempestades com a ajuda de um martelo enorme. Quando ele vinha para a Terra, se disfarçava de manco, e transformava o martelo em cajado para se apoiar. Esse martelo se chamava Mjolnir. Depois daquele dia, eu nunca mais desgrudei da minha muleta e é claro que eu a chamava daquele jeito, por causa do deus das tempestades.

Mas isso tudo, eu nunca contei para ninguém! “Mjolnir” e o fato de esse ser o nome do cajado de um deus, era algo que eu não comentava, porque para o deus do trovão isso também era um segredo!

Então ouvir Cerno falar aquilo foi um troço maluco, uma sacudida brutal. Como ele sabia? Meu coração disparou no peito e eu tentei me acalmar, enquanto algumas latas rolaram ao nosso lado. Cris olhou para elas, perturbada.

– O chão ainda está se mexendo, pai, – ela sussurrou. Fiquei com medo que Cerno soubesse daquilo também, mas estava acuado, não sabia o que pensar, não sabia o que fazer. Fechei os olhos e agarrei Mjolnir com toda força que eu tinha, me encolhendo dentro de mim, fugindo para algum lugar que eu nem sabia que existia, fugindo, fugindo feito um doido, sem olhar para trás, sem saber se conseguiria voltar, e sem me preocupar com isso naquele momento!

Felizmente, movimentos, vozes e passos pela trilha tinham distraído Cerno, que voltou-se para lá e cuspiu. O primeiro homem parou em silêncio. Eu abri os olhos devagarinho e dei com Gilberto me olhando cheio de espanto.

– Mas o que...

Olhou para todos confuso. Cerno arreganhou os lábios feito um cão e perguntou, agressivo:

– O que você quer comigo, detetive?

Gilberto piscou e voltou a si. Encarou o homem com franqueza e segurança, embora desconfiado.

– Estou procurando José Santiago.

– Eu sou José Santiago, – resmungou Cerno. – Quero ver o mandato.

– Para quê? Eu não estava pensando em levar você preso. Só quero que me acompanhe até a delegacia para prestar esclarecimentos sobre uma questãozinha levantada pelo senhor Luis Mendes, conhece?

Cerno franziu o nariz e olhou para o lado.

– O que aquele merda andou falando de mim?

– A gente vai ver isso quando chegar na delegacia. O senhor nos acompanha, ou vou ter de puxar mesmo o papel do juiz? Porque mandato eu trouxe, para o seu conhecimento. Se não fosse por isso, eu já teria vindo pela manhã. O senhor pode nos acompanhar por bem ou por mal. É só escolher.

Cerno escarrou de novo.

– Bosta, – resmungou e caminhou pela trilha, na direção dos homens que acompanhavam Gilberto.

O detetive se voltou para nós.

– Mas o que vocês estão fazendo aqui? – ele retomou num tom aflito. Olhou para mim, que com a ajuda dos meus amigos já tinha conseguido me por de pé. – Deco?

– Oi, Gilberto, – eu cumprimentei. Olhei para o Marcão irritado. – Estamos fazendo um trabalho escolar.

Gilberto apertou os olhos para o meu amigo.

– Trabalho escolar? Aqui? Coincidência, não, Marco Aurélio?

Marcão engoliu em seco.

– É, pois é... – gemeu.

Olhei ao redor. A tarde já estava acabando, o sol estava se pondo no horizonte de escombros. Um apito soou e Natálio remexeu-se inquieto.

– Ih, é a minha hora. O expediente acabou, – comentou pegando a mão de Cris e começando a puxá-la embora. – Vamos filha.

– Um momento. O senhor, quem é? – indagou Gilberto com voz de autoridade. O que está fazendo com esses menores nesse fim de mundo?

Natálio arregalou os olhos e o lábio de baixo da boca começou a tremer. Foi Bebel quem salvou a situação:

– Olhe, senhor detetive Gilberto, a gente veio fazer uma pesquisa tipo para a feira de ciências da escola e essa gente, o *seu* Natálio e a filha dele, a Cris, estão servindo de guia. Foi só isso.

– E a senhora sua mãe sabe onde você está, garota? – replicou Gilberto ainda naquele tom profissional. Bebel sentiu o lance e sorriu amarelo enquanto dizia que não. O detetive seguiu, frio feito gelo:

– E a senhorita sabe que este é um lugar de alto risco, insalubridade e outros que tais? Que para vir aqui o certo seria que um responsável direto por algum de vocês estivesse acompanhando o trio?

Voltou-se para Natálio:

– Quem é o responsável pelo Aterro? O senhor?

– Eu? Eu não, não senhor doutor! – gemeu Natálio com verdadeiro medo, olhando ao redor e percebendo como o crepúsculo ganhava terreno sobre o claro da tarde.

– Então, quem é? – insistiu Gilberto. Para falar a verdade, o nervosismo de Natálio estava começando a me afetar. Olhei para as árvores mais além e as achei incrivelmente escuras e indiscutivelmente atentas.

– É o *seu* Aristides, – intrometeu-se Cris, ao ver que o pai tardava em responder. Por razões óbvias, é claro, porque a pergunta seguinte só podia ser (e foi):

– E onde está ele? Por que ele não está acompanhado os estudantes?

Ela mordeu os lábios e sorriu amarelo.

– O *seu* Aristides não veio trabalhar hoje...

– Está doente?

Cris olhou ao redor. Achei que ela ia acabar com tudo e dizer “hoje tem Lua”, mas ela conseguiu se controlar e respondeu num fiapo de voz.

– Ah, não sei, não senhor. Ele não veio.

Gilberto puxou uma caderneta, muito profissional.

– Aristides Moura, certo? Esse é o nome dele?

Cris, agora, fitava o horizonte oposto ao sol com atenção redobrada. Eu olhei também: a Lua, cheia, enorme e amarela, nos espiava, subindo rapidamente. Meu coração disparou feito um foguete e eu nem sabia porquê. Uns dedos se enredaram nos meus, gelados e suados. Era Bebel, que fitava a Lua ainda mais nervosa do que eu, pálida feito leite, o lábio superior suado.

– É o nome ou não é? – insistiu Gilberto.

– É, é sim! – concordamos todos ao mesmo tempo. O detetive nos fitou de sobreaviso.

Lentamente.

– Certo, Deco, e como é que você sabe disso?

Pensei rápido: se eu disser que o Aristides é meu vizinho, o Gilberto vai querer ir lá falar com ele e eu, simplesmente, *não quero* que ele faça isso agora! Vou mentir; ele vai descobrir mais cedo ou mais tarde, mas quanto mais tarde melhor. De qualquer maneira, a gente tem de ir embora de uma vez por todas! Agora!

Eu disse:

– A gente viu o nome dele no escritório, quando fomos tomar água. Tinha uma plaquinha lá.

Bom, era uma meia mentira. A placa com nome do Aristides estava de fato sobre a mesa do escritório da Usina.

Uma brisa gelada farfalhou as folhas da mata ali perto e olhamos para lá nervosos. A Lua emergia esplêndida, redonda, dourada.

– Tô com frio, – gemeu Bebel.

– E eu, com fome, – resmungou Marcão do outro lado.

– Dá para a gente ir agora? – suplicou Cris.

Gravetos estalaram no mato. Um piado estranho, parecido com um grito perdeu-se sobre o aterro. Natálio puxou Cris para perto de si.

– Alguma coisa errada? – indagou Gilberto, fechando a caderneta com um estalo, olhando ao redor.

– É que já acabou o nosso expediente, então se a gente puder ir embora... – gemeu Natálio.

– O tal do Aristides é funcionário da Prefeitura? Eu vou querer falar com ele, – continuou Gilberto, mas o olhar dele agora vasculhava o entorno, junto com o da gente. Bebel ensaiou uma risadinha nervosa e eu apertei a mão dela, suplicando seu silêncio.

– Na Prefeitura, você com certeza consegue o endereço dele, – gemi. – Amanhã.

Gilberto me olhou desconfiado. E a pergunta seguinte era, é claro:

– O que está acontecendo aqui, Deco?

Foi aí que a gente ouviu aquele berro medonho, que logo virou um uivo sensacional, uma coisa, realmente, do outro mundo. Mas não viera do mato: viera do coração do aterro.

No céu, a Lua, divina e imensa, flutuava solta do horizonte, no vazio das estrelas.

– Estou com frio, – repetiu Bebel batendo os dentes e eu a abracei para ver se a gente parava de tremer. – Estou com muito frio.

– Nos dá uma carona, Gilberto? – indaguei. – Para todo mundo?

O detetive olhou para nós, para Natálio e Cris e o uivo se repetiu, um pouco mais longe.

– Cães grandes, vocês têm por aqui, não? – perguntou fazendo um gesto na direção do início da trilha.

– É... gemeu Natálio, trêmulo. – Bem grandes.

No final da trilha, havia dois automóveis nos esperando. Dentro de um estava Cerno, acompanhado de dois homens. Gilberto entrou no outro carro e a gente se amontoou do jeito que deu. Saímos com uma certa pressa e sob o luar prateado, voltei-me uma vez, para olhar as cabanas e lembrei da mulher que tínhamos visto, a comadre Lauciana.

Como eram frágeis aquelas cabanas de papelão e lata!

11. No qual faço um resumo de nossa situação

Resumo de uma ópera anunciada: ficamos de castigo, os três.

Explicando um pouco: duas mães choraram, uma discutiu com o marido e dois pais ligaram para os filhos, passando-lhes um sermão daqueles. O terceiro pai confiscou a internet por um mês, apesar de a gente jurar que se tratava de um trabalho escolar. Eu quase perdi a minha vaga na equipe de natação, mas choraminguei, bati pé e por fim apelei para a psicologia moderna dizendo que me proibir isso era o mesmo que me condenar a uma depressão profunda, e que gente com problema de locomoção precisa encontrar uma razão de viver, senão é capaz de se enturmar com o pessoal da pesada e da droga. Depois de uma meia hora de argumentação, consegui salvar a vaga na equipe, com duas condições: a primeira era que eu ia mudar o meu projeto de Biologia. A segunda é que meu pai passaria a me levar até o clube e me trazer de volta nos dias de treino. Disso eu até gostei!

Para dizer a verdade, não creio que nenhum de nós tenha ficado chateado por nem chegar a cogitar a possibilidade de ir ao show do Nenhum de Nós no fim de semana. A visita ao ASA-1 tinha nos deixado profundamente abalados e suficientemente assustados para nem pensar em sair à noite. Sobretudo naquele fim de semana de Lua Cheia. O Gilberto deixou todo mundo em casa antes de ir para a delegacia: deixou o Natálio e a Cris na entrada da vila, e depois nos levou, muito sério. Ele até tentou puxar conversa, mas ficamos de bico fechado e ele terminou desistindo. Era fácil ver que estava pensando em outra coisa, talvez na entrevista que teria com o Cerno.

Ele me largou por último e fez questão de ficar junto, até a porta abrir. Minha mãe, que estava apavorada com o meu sumiço, me abraçou, me xingou, me beijou, me cheirou e me mandou tomar um banho, coisa que eu fiz com todo o prazer. Enquanto pegava o pijama atrás da porta do quarto, ouvi o Gilberto tranquilizando-a, explicando que tinha nos encontrado no Aterro e que tudo não passara de um mal-entendido. Por fim, ouvi quando ele foi embora, despedindo-se com um “posso ligar amanhã para saber se está tudo bem?”. Suspirei satisfeito, fechei a porta do banheiro e me meti no chuveiro, debaixo do qual fiquei até sentir frio, esfregando a minha pele com tanta força que saí de lá vermelho.

Daí veio a cena, aquela de que falei. Minha mãe estava no telefone, com meu pai, que apareceu dali dez minutos, para jantar com a gente. Houve muita discussão e felizmente ninguém me mandou para a cama sem jantar, porque eu estava louco de fome. Na hora de tirar a mesa, entretanto, fiz a separação do lixo com todo o cuidado: num saquinho plástico separado pus a embalagem de leite e de margarina, que tinha terminado, depois de lavar esta última. No outro, coloquei a casca da laranja que havia comido e as sementes.

Depois que eu fui para meu quarto já de castigo, mas já negociada a vaga na equipe, ainda ouvi meus pais discutindo na sala. Minha mãe só apareceu um tempo depois que meu pai saiu, os olhos

vermelhos e meio descabelada.

– Ô, Euclides, que susto que você nos deu, – ela suspirou apoiando-se no batente da porta.

– Desculpe, mãe.

Ela fungou um pouco.

– Seu pai vai comprar um celular para você. Nunca mais faça isso, ouviu?

Balancei a cabeça concordando. Uau! Um celular! Eu ia ganhar um celular! Que notícia!

– Vou mandar a sua roupa para a lavanderia. Espero que eles consigam tirar o cheiro.

Imediatamente a imagem cintilante do celular em minha cabeça foi substituída pelo sorriso desdentado de Cris e a imagem decrépita de comadre Lauciana. Minha mãe ficou desfocada e eu senti as lágrimas correndo. Ela caminhou depressa e sentou-se ao meu lado, me abraçando. E aí foi que eu contei tudo, tudo, pelo menos, tudo aquilo que eu podia contar. Todo aquele horror. Toda aquela miséria. Ela foi sensata e só ouviu, não disse nada, até eu terminar e ficou comigo, até eu me meter debaixo do cobertor.

Minha mãe me deu um beijo de boa noite, recomendou que eu não ficasse pensando mais naquilo tudo e foi embora depois de apagar a luz. Mas, e quem conseguiria dormir, naquelas condições? Agora que eu estava sozinho com o escuro do meu quarto, outras coisas emergiram das lembranças daquela tarde, com a força de um murro. A primeira era o uivo animalesco que tínhamos ouvido e que tinha posto até o Gilberto para correr. O medo da Bebel... A Lua Cheia... Aquele papo da minha morena sobre o Aristides ser estranho, carnívoro e precisar de um banho.... O pessoal do aterro dizendo “Hoje tem Lua”. Ah, ah, eu pensei olhando para o teto distante, as mãos debaixo da nuca, eles acham que o boboca do Aristides é um lobisomem, só pode!

Aí lembrei do cheiro de cachorro molhado que sentira vir da casa do meu vizinho. Aquilo era estranho. Muito estranho. Sentei na cama e fiquei ouvindo, ouvindo. Mas nada se deixava ouvir, a não ser o ruído contínuo da cidade.

Então eu lembrei de Cerno me olhando e dizendo “fica com esse teu cajado de deus.” Como é que ele sabia? Como é que ele sabia?!

Acendi a luz do abajur e olhei para a estante diante da cama procurando um título. Um dos livros se destacou dos demais e veio flutuando para a minha mão. Eu o folheei rapidamente, mas nem precisava. Um garoto da minha idade não esquece este tipo de coisa, sobretudo se tem uma habilidade como a minha.

Deslocar coisas com a força do pensamento, dizia o livro, chama-se telecinese.

Ler os pensamentos dos outros, telepatia.

– Eu não acredito! – protestou Marcão quando me ouviu. Estava realmente zangado. Eu fiquei quieto, esperando a tempestade amainar.

– Vai fazer o trabalho com aquelas... aquelas... aquelas idiotas?! – essa era Bebel, quase mais indignada do que o Marcão.

– Olha, eu estou de castigo. E mesmo que não estivesse, não volto mais no aterro nem que a vaca tussa, entenderam? – desabafei. – Quero distância daquele lugar. A Dica saiu do grupo, e a Paula me

perguntou se eu não quero fazer o trio com elas. Eu disse que sim e se acabou.

– A Dica não saiu do grupo! “Saíram” ela, – protestou Bebel. Eu dei de ombros.

– Não me importa.

– Vai ser um lindo trabalho de ciências, ah, vai! – ironizou a morena, furiosa, dando-me as costas. – “O melhor método para energizar seu copo de água”! Boa sorte!

Eu olhei para ela triste. Era verdade: Dica tinha sido preterida do grupo de Paula e Lana, e a chefe das patricinhas tinha me convidado para fechar o trio com elas. E eu tinha aceitado com alívio! Pouco me importava o tema babaca da pesquisa que, por certo, tinha deixado de ser megalomaníaca e trocado a piscina do clube por copos de água. “É mais fácil de a gente controlar o experimento”, comentara Paula, doce. A melhor parte daquilo tudo é que o “experimento” podia ser feito em casa mesmo, com alguns copos de água e alguns cristais escolhidos pelas meninas. A gente não tinha de visitar aterro sanitário nenhum, não tinha de visitar o Fundo de novo, nem voltar àquela rinha medonha.

E eu não tinha mais de me preocupar com o Cerno, nunca mais, eu pensei. Era o terceiro dia de Lua Cheia, o que significava que no dia seguinte ela começaria a minguar e eu encontraria meu vizinho pela manhã com um ar feliz e satisfeito, fechando sua casa para ir trabalhar. O Aristides me diria “bom dia, Deco!” e eu responderia “bom dia, Aristides” e nunca mais eu tocaria no assunto do tal do ASA-1.

Você acredita em Papai Noel? Pois é.

A questão que tínhamos arrancado do Marcão era: de onde veio a idéia de ir até o aterro? Deu um pouco de trabalho, mas por fim ele confessou: naquela tarde em que ele tinha sido levado à delegacia, ouvira por acaso que o Mendes intermediava a venda dos ossos, mas que não tinha sido ele a encontrar o cadáver que fora parar nas mãos do meu amigo. Na verdade a prática, se não chegava a ser antiga, tampouco era recente. O Mendes vendia o material orgânico que José Santiago, trabalhador do ASA-1 arranjava, e depois os dois dividiam o dinheiro. Ou seja, o Cerno arrumava os restos e o Mendes vendia.

A polícia, agora, queria saber como é que isso ia parar nas mãos do Cerno.

Bom, pensei depois de ouvir o relato, do jeito que vai, o Marcão termina trabalhando de detetive!

Depois disso eu anunciei que ia fazer o trabalho de ciências com as energizadoras de água e nós brigamos.

Então, resumindo de novo: estávamos de castigo e estávamos brigados.

Nem a Bebel nem o Marcão apareceram na minha casa por duas semanas e se não fossem os treinos de natação eu juro que teria ficado maluco entre a vigilância familiar e a presença daqueles copos de água com uma pedrinha colorida no fundo. Os copos significavam bem mais do que H₂O e um recipiente de vidro. Significavam segurança e proteção. E também solidão. Felizmente, o Néelson e a turma da natação não queriam saber nada destas bobagens que cercavam a minha vida. Os integrantes da equipe estudavam em outros colégios e ninguém estava interessado em outra coisa senão em baixar o tempo que levava para atravessar a piscina. A gente mal chegava e o treinamento começava, sem muito papo. O Néelson costumava repetir e repetir, até que a gente começava a repetir também, quase sem querer: “saber que se treinou muito é a única maneira honesta de ganhar uma competição e a única forma digna de perdê-la”.

Fora isso, por causa do trabalho, comecei a andar com a Paula e a Lana. Na primeira semana foi só um tempinho depois da aula, mas na segunda, tive um curso intensivo de esoterismo barato. Começou com ter de assistir “O Código Da Vinci”. Eu não estava entendendo nada do filme, que eu achei bobo, feio e chato, e então a Paula decretou que eu precisava me aprofundar mais nos conhecimentos “intangíveis”. Eu expliquei que todo conhecimento é intangível, a menos que a gente jogue um volume de enciclopédia na cabeça de alguém, mas ela retrucou que eu precisava conhecer dona Veridiana e na mesma hora puxou o celular e ligou para a figurinha difícil, marcando uma hora para conversar comigo. No dia seguinte, então, antes da natação, lá fui eu acompanhado das duas dondocas, ouvir a mestre delas. Minha mãe nos levou, e enquanto eu era guiado para uma sala nos fundos da loja que a mulher gerenciava, ela preferiu ficar na parte da frente, escolhendo incensos e especulando preços.

A loja de dona Veridiana era uma boutique esotérica chique, no centro da cidade. Chamava-se “Tríade”. Era dotada de um ar condicionado potente e prateleiras cheias dos mais variados bibelôs: deuses egípcios e pirâmides dividiam espaço com tarôs ciganos e ideogramas chineses que, afirmava o vendedor, significavam a palavra “sorte”, mas que o meu sarcasmo me fazia pensar que dava igual que significasse “sorte” ou “desinteria”, porque a gente não sabia o que era mesmo. Tapetes de boa qualidade se intercalavam com estolas de seda indiana em mostradores horizontais, e perfumes de qualidade duvidosa ficavam sobre o balcão, exibidos como se fossem pedras preciosas. Havia uma prateleira inteira dedicada à bruxaria, como explicou o vendedor. Caiu meu queixo: “bruxaria? *Tais* brincando? Isso ainda existe?” e ele, gentil, paciente, “existe, sim”. Do lado, repousavam vários manuais de auto-ajuda e numerologia. Uma caixa de bom tamanho, dividida em quadradinhos exibia seixos coloridos e sobre ela descansava uma tabuleta com um preço que me dá vergonha repetir, de tão exorbitante. Havia imagens de deuses africanos e índios norte-americanos, dragões tailandeses, máscaras apavorantes e espelhos com a moldura dourada mais brega que já vi na vida. Fiquei feliz quando pude sair dali.

A sala de dona Veridiana era ampla e tinha uma parede de vidro inteira, que dava para um jardim interno coberto de cascalho branco. A um canto do jardim, havia uma fonte borbulhante, cujo espelho d'água estava cheio de aguapés verdes, e do outro lado, contra a parede feia do prédio vizinho, inúmeras plantas ocultavam o reboco velho e mal-acabado. A sala não era grande. Havia três pesadas estantes cobrindo as paredes que não davam para o jardim, cheias de livros. As pastas de almoxarifado, daquelas caras, de plástico colorido, estavam num canto, onde não chamavam muita atenção. Havia uma poltrona confortável, uma cadeira com cara de antiga e um sofá coberto por um pano de veludo, com uma aparência de antiguidade tal que fiquei com receio que fosse desmontar quando as meninas sentaram nele. Dona Veridiana, a própria, ocupava uma cadeira de escritório cara e confortável diante de uma mesa antiga sobre a qual havia um computador do último tipo. Tudo tinha um aspecto de ser caro, frágil e autêntico, inclusive a tal senhora, que, no momento em que chegamos mal nos dedicou um olhar.

– Sentem-se um momento, – ela pediu. As meninas, como eu disse, sentaram no sofá. Eu fiquei com a poltrona diante dela.

Enquanto ela lia com atenção alguns documentos e assinava algumas notas, eu pude observá-la bem. Era uma senhora de idade, os cabelos brancos muito bem penteados e uma leve maquiagem no rosto. As roupas eram escuras, pouco práticas e quando ela movia as mãos, anéis chispavam, pulseiras tilintavam e um perfume doce espalhava-se ao seu redor. A princípio eu até gostei do cheiro, mas depois começou a me dar dor de cabeça. Tentei me distrair olhando ao redor e foi quase com um susto que dei com um enorme relógio tiquetaqueando macio perto da porta. O mostrador era dourado, os ponteiros finamente trabalhados. Um pêndulo enorme e cor de ouro movimentava-se, macio, ostentando um desenho maravilhosamente trabalhado. Prestei atenção, porque ele era diferente de tudo o que eu vira ali, aquelas três pétalas longas dispostas de tal maneira que suas pontas externas tocavam um triângulo levemente sugerido por finas linhas, um círculo menor, sobre o ponto central onde elas se uniam, e dentro deste círculo, um triângulo com as pontas opostas aquele formado pelas pontas externas das pétalas, e dentro dele, outro círculo. Tudo era maravilhosamente trabalhado e a medida em que o pêndulo oscilava, a luz batia de tal maneira na gravação que parecia que todo o desenho se movia. Fiquei perdido naquele movimento, encantado com o efeito, que contrastava de forma violenta com a caixa de madeira negra, pelo menos quinze centímetros mais alta do que eu. De repente o relógio resmungou macio, como um gato ronronando e em seguida um gongo soou com a firmeza de uma luva de ferro revestida de veludo.

– Uau! – sussurrei, realmente impressionado. *Aquilo* sim, valia a pena a visita. Quando me voltei, dona Veridiana me fitava através dos meios-óculos de leitura de aro dourado.

– Gostou, Euclides? – perguntou. Eu pulei e olhei para as meninas, nervoso. De alguma forma, aquela voz me lembrou o gongo do relógio: duro e macio ao mesmo tempo.

– Muito bonito, senhora, – gaguejei.

Ela sentou-se para trás me avaliando com um sorriso.

– Então este é o aliado de vocês na busca pela verdade? – ela perguntou para Paula.

– É sim, – comentou a menina com um tom aflito de quem procura aprovação.

A mulher ficou me encarando por alguns segundos. Eu espiei o relógio, sentindo um aperto no coração. Meu treino começava em meia hora e ela não parecia disposta a me deixar sair tão cedo.

– Você acredita em Deus, Deco?

Uai! Diabo de pergunta!

– Aham... não sei... sei lá.

– Um deus pai, um velho de barba branca, sentado em algum lugar do céu, vendo tudo e todos, ouvindo tudo e todos, sabendo de tudo e de todos, controlando tudo e todos, pronto para nos castigar toda vez que fazemos alguma coisa que ele acha que é errado... Você acha que deus é isso?

Eu me senti desconfortável. Ultimamente, quando eu pensava na Bebel, a última coisa que eu queria é que alguém soubesse no que eu estava pensando. Dá licença? Tem umas coisas que são íntimas, sabe?

– Espero que não, senão estou enrascado – murmurei, honestamente. As meninas riram. Dona Veridiana abriu um sorriso, também.

– E uma energia cósmica, uma inteligência que permeia a tudo e a todos, que interliga as coisas,

o tempo, as pessoas... uma energia com a qual a gente precisa aprender a lidar, se quiser alcançar a iluminação e a sabedoria? Será que isso é Deus?

Era uma idéia muito promissora. Bem melhor.

– Talvez... – eu concordei sem ter muita certeza.

Dona Veridiana balançou a cabeça e continuou:

– E o que você sabe sobre “poder”, Euclides?

Poder, para mim, era o que o professor de matemática exercia sobre a turma quando ele entrava na sala e todo mundo calava o bico porque sabia que a nota dependia de prestar muita atenção no que ele dizia. Expliquei isso a ela e ela riu.

– Sim, isso é poder. Agora imagine se você tivesse esse poder, Deco. Imagine se você pudesse exercer esse poder sobre tudo. Se você pudesse fazer as coisas andarem do jeito e no ritmo que você preferisse. Deus é isso: um poder que toca todas as coisas. Agora imagine se, na prática, você fosse sábio, iluminado, se soubesse falar a essa energia com palavras que ela não pode ignorar, imagine se graças a isso você tivesse acesso a essa energia e esse poder, e pudesse, através dele, fazer com que o mundo à sua volta faça o que você deseja.

Titubeei. A velhota estava falando sério? Que papo maluco!

Ela viu que eu estava confuso e então resolveu simplificar. Inclinou-se para frente, cruzou as mãos sobre o tampo da mesa e disse:

– Imagine se você pudesse fazer a garota dos seus sonhos estar na sua, sem discussão, sem joguinhos adolescentes. Imagine se você pudesse fazer-la gostar de você, da mesma maneira como você gosta dela e na mesma intensidade.

Dona Veridiana acertou em cheio e eu enrubesci feito um tomate. Paula e Lana abafaram risadinhas cretinas às minhas costas. Olhei para elas com raiva e voltei-me outra vez para a velhota, que agora sorria feito um jacaré.

– Vejo que você entendeu perfeitamente do que estou falando, meu jovem, – ela continuou. – Ter acesso a essa capacidade de transformação é a finalidade última do nosso grupo. Essas mocinhas que o trouxeram tão gentilmente até mim, são nossas mais jovens iniciadas. Sempre há um lugar aberto para quem deseja aprender algo, e três é um número que me agrada muito. Se você quiser, pode vir com as meninas. Nos vemos todos os dias. Você aprenderá a sentir a energia que permeia o Universo, aprenderá as palavras e os gestos que ela compreende e atende. E se se esforçar um pouco, verá como a sua vida se modifica plenamente, para melhor. Todos os seus objetivos serão alcançados sem grandes esforços e com muito prazer.

O relógio engatou solenemente e deu as horas. Eu estremei, olhando para o mostrador. Se não saísse naquele momento, chegaria atrasado ao treino de natação.

– Posso ir agora? Tenho um compromisso, – murmurei. Dona Veridiana sorriu de novo, mas uma fagulha gelada passou por seu olhar.

– Claro, querido, não quero atrapalhar a sua agenda. Você verá que a minha também é bastante lotada.

Levantei-me, sentindo as costas doerem por causa da posição que tinha ficado. A poltrona era

boa, mas depois de algum tempo esparramado nela a gente sentia as conseqüências. Talvez por isso, eu tenha perguntado, pensando na minha perna:

– Essa força de que a senhora falou... ela pode fazer algum milagre de verdade?

Ela olhou para mim e ficou muito séria.

– Mas, Euclides... por acaso você não faz milagres todos os dias?

Imediatamente lembrei de como movimentava as coisas e gelei. Saí apressado, preocupado.

Será que ela também lia pensamentos?

12. No qual se chega a conclusão de que alguém andou lendo “O Código Da Vinci”

Tá: voltei no dia seguinte. Eu estava muito interessado em descobrir se Dona Veridiana era telepata, se havia muita gente no mundo que fazia isso e se, de repente, a minha habilidade era mais comum do que eu pensava. Sabe lá, eu viajava, talvez um monte de gente faça isso e eu achando que sou um sujeito paranormal? Eu juro que era tudo o que eu queria era descobrir.. Esse papo de arcanos superiores e inferiores, número energético, emanções do cristal e raios da pirâmide, francamente, me parecia conversa mole para boi dormir. Nas terças e quintas-feiras eu ficava mais tempo, porque a mãe da Paula vinha nos buscar e me dava carona. Na mãe da Paula, é claro, minha mãe confiava plenamente, mesmo quando ela se atrasava. Meu celular sim, meu pai cumprira sua promessa, para minha felicidade! vibrava, eu saía da sala dizendo que tinha de ir ao banheiro e atendia o aparelho, explicando para minha mãe que a gente ia se atrasar um pouco. Depois eu ficava fazendo cera para não voltar tão cedo para aquele escritório pequenino, cheirando àquele perfume doce que dona Veridiana tanto gostava.

Passou-se um mês, mais ou menos. Minha água energizada tinha cheiro de geladeira velha e dona Veridiana tentou me vender um medalhão com o mesmo desenho do pêndulo do seu incrível relógio, alegando que todos os seus alunos tinham um. As meninas prontamente puxaram uma corrente do pescoço e me mostraram o símbolo com orgulho. Torci o nariz. Eu, hein? Usar medalhão! Não sou metaleiro nem nada! Comentei com a mulher que a peça era meio cara era caríssima, como tudo em sua loja e disse que ia ter de falar com o meu pai.

– Fale, Euclides, pode falar. Usando as palavras certas, aposto que ele vai te atender prontamente, – ela comentou piscando o olho, convencida de que eu ia correndo pedir um troço daqueles para o meu pai.

Por falar em palavras, dona Veridiana nos fazia repetir umas bem engraçadas antes de começar as suas aulas, alegando que isso abria o chakra do conhecimento. As palavras não significavam nada especialmente, e um dia em que a Lana tentou fazer isso antes da aula de Geografia, pagou o mico do ano. Só que ela já estava tão envolvida pela conversa da velha que não deu a mínima bola para as risadas e continuou cantando aquelas sílabas desconexas feito uma doida. Eu e a Paula fingimos que não conhecíamos ninguém, nem a Lana, nem um ao outro e muito menos os nossos colegas. A Bebel ficou olhando para mim, à espera de uma explicação e o Marcão passou o recreio inteiro no meio do pátio imitando a Lana e inventando posições esquisitas que, ele dizia, fariam a menina voltar ao normal. Eu

tentei usar o episódio para me aproximar dos dois de novo e perguntei se eles continuavam com o trabalho no ASA-1.

– Não que seja da sua conta, Euclides, mas a resposta é sim – disparou Bebel, fechando o livro que fingia ler e abraçando-se a ele com força. O título era “Folclore do Brasil”. – Nossas mães retiraram as proibições e temos ido uma vez por semana até lá, fazer o levantamento dos dados. O Aristides é um sujeito muito bacana, sabia? Ah, a Cris mandou lembranças.

Será que eu tinha detectado uma ponta de ciúme na voz da minha morena? Talvez valesse a pena prestar mais atenção no blábláblá da dona da Tríade!

Na terça-feira seguinte, a mãe da Paula telefonou no fim da “aula” esotérica, avisando que não poderia vir nos buscar e pedindo que fôssemos até o shopping para encontrá-la. Minha colega não ficou muito feliz – ela só exibia sua boa vontade comigo, se não precisasse andar em algum lugar público na minha companhia. Ir até o shopping, significava atravessar o centro e correr o risco de encontrar algum conhecido.

No caminho, passamos pela entrada lateral da igreja do centro. A Catedral Nova, como todo mundo a conhece, é um dos edifícios mais feios que já vi: é enorme, retangular e cinzenta. As torres são gigantescas, opressivas, e a cruz entre elas é pesada, imensa. Sempre me dá uma certa vertigem passar ali.

Naquela tarde, me surpreendi ao ver o Gilberto entrar na nave, acompanhado de um dos seus auxiliares.

– Ah, olha só! O Gilberto! – eu comemorei, feliz da vida. O detetive andava saindo com a minha mãe e eu estava louco para fazer um pouco de política de boa vizinhança, porque eu torcia para o namoro dar certo. – Vamos lá? Quero dar um oi para ele.

Paula resmungou alguma coisa, tipo que a gente estava atrasado, mas Lana topou sem dizer nada.

Entramos na igreja logo em seguida, nos passos de Gilberto. Eu ficara intrigado, me perguntando se o cara era do tipo religioso, que reza sempre que aparece algum problema, mas a gente se surpreendeu ao dar com ele parado no meio do corredor, com as mãos na cintura, olhando as paredes da igreja contrariado. A verdade é que o que a igreja tinha de feia por fora, tinha de bonita por dentro, com uma pintura mural muito bacana junto ao altar. Nas laterais, arabescos de folhas estilizadas ajudavam a tornar o ambiente ainda mais fresco.

O caso é que alguém pintara números enormes sobre as paredes, números enormes pincelados com tinta vermelha brilhante.

– Está na cara, detetive! – dizia o ajudante de Gilberto com certeza absoluta. O sujeito se chamava Lucas. – Alguém aqui andou lendo aquele livro do Da Vinci.

O detetive olhou para o assistente com o cenho franzido. Ainda estava tentado assimilar o cenário esquisito que tinham pintado nas paredes.

– O quê? – fez ele, confuso.

– Aquele livro do Da Vinci, o senhor não leu? O que virou filme – Lucas sorriu vitorioso. – Eu li. Minha filha me emprestou. Um pouco bobo, mas interessante. Daí a gente conclui: o cara que fez isso

leu o livro, tá na cara. E resolveu brincar de matemático e pintou a seqüência daquele italiano nas paredes, só para se divertir. Vandalismo. Se pegarmos os guris que fizeram isso, vamos pô-los a limpar a praça durante meio ano. Fim do caso.

Gilberto grunhiu algo e puxou sua caderneta do bolso, onde anotou os números das paredes.

– Bom... é o que está parecendo, – disse, mas não estava completamente convencido. Eu olhei ao redor, achando que o Lucas tinha acertado, pelo menos uma vez na vida: aquilo parecia coisa de gurizada besta, mesmo, esculhambar desse jeito a decoração da igreja. A Paula foi quem discordou.

– Com licença, – disse ela aproximando-se com um ar aborrecido

– Quem é você? – indagou o detetive, profissional. Daí levantou os olhos e me viu. Eu abanei, já me sentindo um bocó por ter aparecido ali com aquelas duas malucas. – Ah, oi Deco!

– Meu nome é Paula Mascarenhas, – explicou minha colega.

– Certo. Prazer em conhecê-la, Paula. Mas agora vou pedir para vocês saírem. Como podem ver, não há nada demais aqui, a não ser uma certa tendência ao vandalismo. A casa paroquial poderá lidar tranqüilamente com a situação.

Minha colega continuou encarando Gilberto como num desafio. Terminou sorrindo, superior. Odiava quando ela fazia isso.

– Vamos pô-los a limpar a praça por um ano! – determinou Lucas decidindo aumentar a pena dos infratores para impressionar a menina. Ela o fitou com um sorriso gelado.

– Acha mesmo que foi vandalismo, pura e simplesmente?

De repente um arrepio correu pela minha coluna e olhei os tais dos números com mais atenção. Comecei a ficar com a impressão de que o melhor seria sair dali imediatamente, antes de me envolver mais.

– Ô Paula, vamos andando? Sua mãe deve estar preocupada, – eu sugeri com um sorriso amarelo. Ela me encarou friamente, depois voltou-se para Gilberto.

– É que esses números... não são a seqüência de Fibonacci.

Voltou-se para Lucas, que agora parecia incrédulo, com um ar de professora.

– O sexto número da seqüência de Fibonacci é um oito. Não há nenhum oito por aqui. O sexto número, na ordem crescente destes que estão aí, é um onze.

Ela olhou para Gilberto de novo.

– Estes aí são números primos.

Ele sorriu, sem humor.

– Obrigado pelo esclarecimento.

– E daí que são números primos? – exigiu Lucas, com o amor próprio ferido. Ela deu de ombros.

– Não sei. Só sei que são primos.

– Entre si?

Eu comecei a rir baixinho. Ela controlou-se.

– Números primos são números que só dão como resultado outro número inteiro, em uma divisão, se forem divididos por eles próprios ou pelo um – explicou. Era isso. – O um, o dois, o três, o cinco, o sete, o onze, o treze, o dezessete, dezanove, vinte e três...

– Entendi, entendi! – interrompeu Lucas irritado. Voltou-se para o detetive e sentenciou: – São números primos, mesmo.

– Talvez seja uma nova gangue, – resmungou Gilberto. – Vamos até a casa paroquial ver se eles viram alguma coisa. A igreja está liberada.

– Hum, – fez Paula, sem ouvi-lo direito. Estava olhando, perdida para o altar. Gilberto deu dois passos na minha direção, depois voltou-se para o companheiro e pediu:

– Vai lá falar com a Irmã Carolina. Avisa que terminamos.

O assistente suspirou, resignado e foi-se, resmungando. Como resmungava aquele sujeito, por Deus! Giba aproximou-se de Paula outra vez.

– Não acham isso estranho? – ela perguntou de repente.

– O quê? – Lana se perdeu.

– Os números não estão em ordem. Olha só: o um está na porta de entrada, mas se você seguir ao redor da igreja, não vai encontrar o dois, vai encontrar o sete e o cinco. Qualquer que seja a direção em que seguir, vai dar com uma desordem numérica. Não seria mais lógico pintar o um, depois o dois, o três, o cinco, o sete e por fim o onze?

Gilberto estacou, ficou pensando. Parecia importante. Mas não era. Era só vandalismo. Ou não?

– Por que um bando de adolescentes tem de ser lógico?

Houve um silêncio frio e ofendido de nossa parte. Por fim, Lana perguntou:

– Por que todos os números tem pontos, menos o número do altar?

Paula voltou-nos os olhos curiosos, brilhantes. Tinha visto algo que a gente não chegara a ver.

– Eu deveria saber? – indagou Gilberto.

– Se o senhor ligar os números em ordem crescente, em grupos de três, vai desenhar um estrela de seis pontas no chão da igreja.

Estremeci e olhei os números outra vez. Gilberto caminhou um pouco e pôs-se quase no centro do templo.

A garota tinha razão. E se alguém ligasse os pontos, em vez dos números, obteria uma estrela de cinco pontas, com a quinta ponta voltada para a porta. A sensação ruim voltou. Me arrepiei.

– Tem razão, moça. Como disse que se chama, mesmo?

– Paula.

– Bom, Paula, você tem um excelente sentido de observação. Deu-se conta de que se ligar os pontos, terá uma estrela de cinco pontas no chão da igreja?

Ela balançou a cabeça, muda.

– Tem mais alguma coisa que gostaria de dizer?

Ela olhou ao redor, suspirou.

– É engraçado termos apenas seis números. Sete seria uma quantidade muito mais... "correta".

– Então estaria faltando um número. O treze, por exemplo?

– Por exemplo...

Gilberto deu um passo e abaixou-se diante de uma das lápides de igreja. Havia um discreto treze pintado nela. Se não fosse ter procurado, se não fosse ter olhado com atenção, o número teria se perdido

entre a data esculpida. Nos aproximamos dele e paramos ao seu lado, com um estremecimento.

– Que coisa, – murmurei. Olhando com atenção para as beiradas da lápide, dava para ver que alguém mexera na pedra há pouco tempo.

– Por que o “um” não está sobre o altar? – perguntou Paula olhando naquela direção outra vez.

Gilberto olhou para o onze em números garrafais. Quem fizera aquilo tinha usado uma escada.

– Olhem aqui...

– Assim, ó: os números, na numerologia tem significado. Todas as dezenas são somadas entre si até serem reduzidas à unidades, menos o onze. O um é a unidade, a perfeição, o início. Deus é um só, portanto ele é que deveria de estar sobre o altar. O dois é o equilíbrio das partes: masculino e feminino, quente e frio, úmido e seco. O três é a Santa Trindade. O cinco é o número do Homem: cabeça, braços e pernas, percebe? O sete são os sete pecados, os dias da semana, as portas de Tebas. O sete é o poder, a perfeição, a totalidade do espaço e do tempo. O onze é o número do transbordamento: o dez, que é o limite estático, e o um, a unidade perfeita. O onze é tudo isso. O onze passa dos limites. Mas é também a soma do cinco e do seis. É portanto, a totalidade de tudo.

Eu me perdi na altura do cinco para o sete. Parecia que ouvia a voz de dona Veridiana no escritório da loja.

– Agora o treze, o treze... É a soma do dez, que é o limite de tudo, e o três, o número da divina trindade. O treze é potência geradora... E o treze no centro de uma estrela de seis pontas, que simboliza o universo, o macrocosmos, e de uma estrela de cinco pontas, que simboliza o homem, o microcosmos...

Ela estremeceu e levantou os olhos para a cruz. Parecia assustada.

– Não gostei. É uma bobagem. Vou embora – decidi.

– Um momento.

Eu sabia que isso ia terminar assim.

– Como sabe de tudo isso? – indagou Gilberto olhando para a lápide à seus pés. A lápide que fora tocada.

– Elas estudam o assunto, – expliquei, quando elas se calaram. – Numerologia, ciências ocultas, essas coisas. Ficam encontrando relações entre as coisas mais disparatadas, você não vai nem querer saber. Para mim tudo isso é puro vandalismo, coisa de moleque que não tem nada para fazer. Vamos embora.

Nesse momento, Lucas entrou na nave guardando algo no bolso.

– Caramba, vai cair um toró, – disse ele e foi parando aos poucos. Conhecia aquela expressão no rosto do companheiro.

– Ô, Lucas, vem dar uma olhada nessa lápide daqui, – pediu Giba. O outro aproximou-se, agachou-se, observou com muita atenção.

– Violaram essa tumba, – disse, por fim. – Tiraram a pedra, depois puseram de volta. O que o senhor acha? Que deixaram um monte de drogas e essa numeração nas paredes para dizer onde está o negócio? Meio esquisito, não acha?

– Mais do que esquisito. Acha que a gente consegue levantar a pedra? – perguntou para o assistente. Ele concordou com a cabeça e voltou-se rápido. Saiu da igreja em alguns passos e Gilberto se

voltou para nós.

– Você não deveriam ficar aqui. A presença dos três é altamente irregular, – ele murmurou.

Me lembrei do aterro, da rinha, do Cerno. Suspirei e sentei no banco mais próximo, resignado.

Vai ver, destino existe, pensei.

– Elas, eu não sei. Eu vou ficar, – resmunguei.

Dali a pouco, Lucas estava de volta com um pé de cabra. Com ajuda da alavanca, os dois conseguiram erguer a pedra. Um som estranho escapou quando a laje se soltou, e um cheiro nauseabundo inundou o ar.

– Tem uma coisa aqui, chefe, – gemeu Lucas no esforço de levantar a laje. Gilberto pegou a pedra conseguiu virá-la para o outro lado, depositando-a o mais suavemente que pode no lado oposto da cova. Era como um livro, eu pensei, um livro de pedra. E não está certo? Dona Veridiana não dizia sempre que as catedrais eram livros de pedra?

Olhei o buraco que se abrira, vi alguns fiapos coloridos. Desviei a mirada para a pedra virada e vi uma estrela de cinco pontas desenhada.

– Vou telefonar para o pessoal da perícia. Tira eles daqui, – ordenou Gilberto ao assistente, enquanto puxava o celular.

13. No qual meu amigos vão ao cinema

Eu estava brincando com o Fera, cuidando do relógio e do pôr-do-sol, quando o carro do Gilberto estacionou na frente da minha casa. Brincava com o Fera para me distrair. Cuidava do pôr-do-sol, porque era a primeira noite de Lua Cheia depois daquela tarde no ASA-1. Não sei se acreditava em lobisomem, mas seguro morreu de velho, é o que o meu pai sempre diz.

Cumprimentei o Gilberto com alegria e voltei para o meu pátio. O Fera ficou me olhando com cara de infeliz por entre as tábuas que serviam de cerca entre as duas casas.

– Esse bicho é manso mesmo? – duvidou Gilberto olhando para o pit bull com certa preocupação.

– Como se fosse um gatinho, – eu respondi. – Conheço ele desde filhote. Nunca mordeu ninguém.

Achei melhor acrescentar:

– Minha mãe está no banho.

Gilberto sorriu, simpático.

– Tá. Posso entrar? Vou adiantando a janta.

O jantar, eu imaginava, era para oficializar para mim o namoro dos dois. Como se eu precisasse disso!

Depois, enquanto a minha mãe – linda e cheirosíssima! – e ele estavam na cozinha preparando o jantar, os ouvi cochichando. Eu tinha acabado de fechar todas as janelas da casa, e a Lua Cheia tinha acabado de nascer, e estava pensando em quanta bobagem os adultos inventam só pra dizer “a gente está junto e se gosta”, quando o Gilberto apareceu na porta do meu quarto e se encostou no batente me encarando. Estremeci, um pouco assustado e bem mais nervoso do que tinha pensado que ia ficar. Bom, é agora, pensei.

– Deco, será que eu posso conversar com você um instante?

Sorri, todo atenção:

– Claro. Sente-se.

Ele sentou-se num caixote com tampa que tenho e puxou um envelope do bolso.

– Você continua andando com aquelas suas duas amigas, as que nos ajudaram a encontrar a lápide na igreja? – ele lascou. Eu concordei, surpreso.

– E você anda estudando essas coisas de numerologia, também?

Pisquei.

– Mais ou menos, – comecei, devagar. – Acho aquilo tudo um monte de bobagens, mas depois daquele dia lá no aterro decidi mudar de trabalho de ciências e tive de mudar de grupo.

Gilberto concordou.

– A frase “Assim embaixo como em cima” faz algum sentido para você?

Eu franzi a testa. Sim, eu ouvira a velha da Tríade falar sobre isso.

– É um negócio dos... dos... alquimistas. Você sabe, aquele bando de gente que queria inventar a Pedra Filosofal.

Disse isso e senti um gosto amargo na boca.

– Pedra Filosofal? A do Harry Potter? – quis saber Gilberto satisfeito por encontrar algo mais ou menos conhecido.

– Não exatamente. A Pedra Filosofal era um troço que os alquimistas juravam que transformava qualquer metal em ouro. A dona Veridiana diz que, mais do que uma pedra, era um processo químico, ou melhor, alquímico. Mas não me pergunte muito mais do que isso, porque eu realmente não presto atenção, – confessei num arranco.

Os olhos de Gilberto brilharam.

– Quem é a dona Veridiana?

– A dona de uma loja chamada Tríade. É uma velha meio maluca que adora ficar falando horas e horas sobre palavras mágicas, energias redondas e o poder de Deus. Está nos ajudando no trabalho de ciências.

Gilberto piscou por um longo tempo, olhando em silêncio para a minha estante de livros, sem vê-los. Finalmente, suspirou e tirou algumas fotos e uma lupa do envelope pardo.

– Você pode olhar essas fotos, por favor? Diga-me se vir alguma coisa estranha ou familiar.

Eu pulei numa perna só e olhei as imagens. Eram fotos de um manequim pintado com um monte de símbolos esotéricos. A cabeça estava coberta de fiapos de lã colorida. No peito, tinha um triângulo cortado por três linhas que se uniam no centro, onde havia um círculo, dentro do qual havia outro triângulo, com as pontas opostas ao do primeiro, e dentro do qual havia outro círculo. Parecia o símbolo do medalhão que os alunos de dona Veridiana usavam. Conteí isso para o Gilberto.

– Que troço feio, – concluí.

– Foi isso que encontramos dentro do buraco que abrimos na igreja, Deco. “Assim embaixo como em cima” era uma frase escrita num pedaço que estava debaixo do boneco.

Eu olhei para as fotos com mais atenção e então recuei, chocado. Havia um nome escrito nas costas da boneca, debaixo do símbolo esotérico para a Lua Cheia.

Criciúma.

Enfiei a mão trêmula no bolso e tirei de lá o celular, sem dizer nada. Liguei para a casa da Bebel. Só queria saber se ela andava falando com a Cris. Só queria saber se a filha do *seu* Natálio estava bem. Mas o que eu ouvi me deixou apavorado.

– Alô? – perguntou a mãe da Berenice

– Oi, dona Nádia. Aqui é o Deco, o Euclides, colega da Bebel. Ela está?

– Ah, oi Deco! Não, a Bebel não está. Foi ao cinema com o Marco Aurélio ver “Um amor de Lobisomem”.

Estremeci, agradei e desliguei. Encarei Gilberto muito sério. Pela veneziana, a Lua Cheia nos

espiava.

– Gilberto, acho que a gente precisa dar uma volta, agora.

Ele me olhou, como se eu tivesse enlouquecido. Talvez tivesse, mas eu tinha certeza de uma coisa: não havia um filme chamado “Um amor de Lobisomem”. Aquilo era uma mensagem, uma mensagem para mim.

Aqueles dois malucos tinham ido ao ASA-1 caçar o Aristides!

14. No qual eu começo a roer as unhas

– Será que agora dá para você me contar por que estamos indo para o ASA-1? – perguntou o namorado da minha mãe naquele tom profissional de detetive que ele gosta de usar quando sua paciência está no fim.

Eu não respondi. Estava muito ocupado roendo a unha do polegar e pensando. Os pensamentos davam voltas na minha cabeça como cavalinhos de um carrossel: será que Marcão e Bebel estavam mesmo no ASA 1? Cris estaria bem? Lobisomem era bobagem, não era? Por que o nome da Cris estava naquele boneco medonho? Será que Marcão e Bebel estavam mesmo no ASA 1? Cris estaria bem? Lobisomem era bobagem, não era? Por que o nome da Cris estava naquele boneco medonho? Será que Marcão e Bebel...

Quando os casebres da vila de papaleiros surgiram numa curva da estrada, eu resolvi tirar a limpo pelo menos uma das minhas preocupações. Eu ia ver se Cris estava em casa. Quando a visse bem, assistindo a novela das oito, ia saber que estava viajando na maionese e poderia deixar o meu dedão em paz.

– Pára aqui, Gilberto. Pára.

– Aqui? Ficou doido menino? – perguntou com preocupação real na voz.

– Pára agora! – eu olhei para ele assustado.

Ele pisou no freio e se virou para mim.

– Você sabe o que significa estar com um policial neste lugar, a esta hora, garoto? Ser assaltados é o mínimo que pode nos acontecer!

Eu sorri e joguei o meu boné para o banco de trás. Depois tirei a camiseta e a vesti no lado avesso. Pelo menos disfarçava a estampa. Aí olhei para os meus pés. É, os tênis iam ter de encarar a bronca.

– O que você está fazendo? – insistiu o homem, nervoso.

– Bom, é o seguinte, Giba, – eu comecei sem saber ao certo onde ia dar. – Eu preciso ver se uma amiga minha está em casa. Depois a gente vai adiante.

Ele me olhou sem entender muito bem. Depois a ficha caiu:

– Você está pensando em entrar na Vila Agostinho? – perguntou, sem acreditar.

– Não estou pensando. Eu vou entrar.

– Ah, não vai, não! – ele irritou-se dando a volta na chave e apertando um botão. As trancas do carro baixaram, automaticamente. – Eu vou levar você para a casa e vamos ter uma conversa de homem para homem.

Eu suspirei. Como será que ele reagiria? Impossível saber. Olhei para a minha tranca e ela abriu.

Depois a porta se escancarou, sem que ninguém tivesse se mexido. Gilberto olhou além de mim, achando que alguém tivesse aberto ela por fora e eu sorri. Comecei a entender que as pessoas sempre procuram qualquer explicação para a minha habilidade, menos a verdadeira.

– Olha, se não vai ajudar, pelo menos não atrapalha, falou? Eu já volto.

Pulei para fora, com Mjólnir à tiracolo. Comecei a andar, ele começou a gritar por mim e eu fechei a porta sem me virar, ouvindo a tranca automática funcionar.

Me meti entre os casebres. Estava muito escuro. Não fosse a Lua Cheia, eu não ia ver nada. Por algumas janelas escoavam fiapos de luz elétrica, e eu não tinha dúvida que eles roubavam energia de algum lugar, provavelmente da Usina. Como não tinha a menor idéia de onde morava Cris, bati na primeira porta que apareceu.

Quem abriu foi uma das mulheres que trabalhavam com Dona Safira. Dei sorte, pelo menos.

– Quem é você? – ela se assustou. – Se perdeu, menino?

Mania daquela gente achar que só os perdidos davam naquele lugar. Ou será que eles estavam certos e eu não sabia disso?

– Quero ver dona Safira e *seu* Natálio agora, – decretei. – Onde eles moram?

A mulher olhou por cima de mim, de certo assustada com o carro do Gilberto. Me impacientei. Não tinha tempo a perder, não tinha mesmo.

– É a casa no fim do beco, depois do bar. Não tem como se perder, é a única que tem um puxadinho.

Eu comecei a andar na direção em que ela me indicara.

– Quer que eu vá junto? – ela perguntou em dúvida.

– Não precisa, eu encontro sozinho, obrigado.

O que ela chamava de bar apareceu em seguida. Era um galpão velho e torto, todo desconjuntado. Na frente havia uma mesa de bilhar que naquele momento era usada por um grupo de homens mal-encarados. A pouca luz que havia, vinha de um par de liquinhos velhos, um junto à porta e outro lá dentro. Havia uma TV preto e branco zunindo e um monte de gente ao redor assistindo à novela. O lugar cheirava a vinagre e cerveja. Dois dos sujeitos que jogavam sinuca pousaram os tacos no chão e me encararam sorrindo.

Encrenca à vista. Me virei, esperando para ver o que ia acontecer.

– Olha, um riquinho perdido, – murmurou um deles.

– Perdido mesmo! – riram os outros.

– Ô, guri, ô, ô, ô, vem aqui! Tô falando com você! – cantarolou o primeiro, movendo-se na minha direção.

Apertei os lábios e olhei para o liquinho. Bastava um empurrão e a coisa caía na cabeça dele.

– Janjão! – trovejou um homem lá de dentro. Pela janela apareceu a cara macilenta de um sujeito. Era gordo, a camiseta branca tinha uma mancha enorme de gordura sobre a barriga, e manchas de suor debaixo dos braços.

O rapaz que falara comigo murchou.

– Tá pensando o quê, moleque? Na nossa área não, nossa área é lugar de respeito! Se quiser

“limpar” alguém, vai ter de ir até o centro, – ralhou o homem. – E se a polícia aparecer aqui para procurar ele, você vai se ver comigo.

Janjão suspirou aborrecido.

– Que pena! Um frangote tão fácil! E manco, ainda, coitado.

Zum! A perna dele subiu tão depressa quanto o ponto final apareceu na frase. O sujeito caiu de costas e os companheiros o olharam assustados.

– Cara! Caiu de maduro! – riu um, e os outros gargalharam ao redor dele. Alguém, lá dentro, xingou, exigindo silêncio. Eu me afastei depressa, na direção do beco.

As casas eram pequenas e miseráveis, mas não tão miseráveis quanto as do Fundo, eu pensei, à medida em que me aproximava da casa de *seu* Natálio. Vários cães ladraram quando eu me aproximei, mas não pareciam muito dispostos a me morder. Cheguei na porta de ferro e vidro e bati.

Levou algum tempo até que a parte de vidro se abriu. Apareceu a cara redonda e simpática de *seu* Natálio, amarrotada de sono. A casa estava às escuras. Eles nem TV tinham, eu pensei com um aperto no coração.

– Oi, *seu* Natálio. O senhor lembra de mim?

Ele piscou, depois virou-se para dentro e chamou:

– Mãe! Vem cá! É o manquinho!

Tá bom, pensei, vou deixar passar.

Dona Safira surgiu das sombras com cara de espanto.

– Ué! Como é que você me aparece aqui a uma hora dessas, santo Deus? – perguntou.

– Oi, dona Safira. Eu só queria... eu estava...

Parei, pensei: o melhor é ser curto e grosso. Disparei.

– Eu só queria saber se a Cris está bem.

A mulher franziu a testa, intrigada.

– Espero que sim, oras. Em casa não está.

Estremeci. Fechei os olhos, me controlando.

– Como assim?

– Ela arrumou um emprego no centro, em casa de gente fina. Agora passa a semana lá. Só vem para casa em fim de semana.

Nossa, que alívio que me deu! Ninguém é capaz de imaginar. Cheguei a rir comigo mesmo: sou um mané que só vendo!

– Puxa, desculpe, foi mal. Viajei nessa! Acho que vou embora. Já atrapalhei que chega o sono de vocês.

Dona Safira bocejou e se tivesse mais luz acho que ia dar para ver o esôfago dela, mas ainda assim eu me senti feliz. Gente que boceja desse jeito não teme nada na vida.

– Como é que você chegou até aqui? – quis saber *seu* Natálio coçando o traseiro, intrigado.

– Vim com um amigo. Ele ficou no carro, lá na estrada, – contei, dando a volta e me sentindo leve feito uma pluma. Nem a perspectiva de passar pelo bar outra vez me intimidava.

– Deixou um amigo no carro, lá na estrada? Valha-me Deus, vocês não tem nada na cachola

mesmo! Ô pai, vai com ele, vai? Só para garantir que nada vai acontecer aos dois, – preocupou-se dona Safira. *Seu* Natálio resmungou alguma coisa e calçou os chinelos velhos que estavam ao lado da porta. Achei melhor não citar que Gilberto era da polícia, não que eles fossem se assustar.

O pai de Cris me acompanhou naquele passo manso e pesado que tinha, conhecedor de todos os buracos e depressões do beco. Já eu, depois de relaxar, consegui encontrar tudo quanto foi obstáculo pela frente e por pouco não caí.

Passamos pelo bar, ganhamos a parte externa da vila e chegamos até a estrada. Havia dois sujeitos parados junto a uma cerca, olhando o carro de Gilberto com interesse, mas foi só Natálio cumprimentá-los, para que sumissem nas sombras do luar, sem muita conversa. Gilberto baixou o vidro, quando me viu, e eu percebi um reflexo estranho junto da base da janela.

– Está tudo bem, Giba, o *seu* Natálio está comigo, – gritei de longe. – Ele me acompanhou para ter certeza de que nada ia acontecer.

O reflexo desapareceu lentamente e eu respirei aliviado. Não sei se conseguiria parar uma bala. Normalmente eu tenho mais controle sobre objetos que vejo.

Seu Natálio me levou até o carro e fez questão de abrir a porta, que já estava se abrindo sozinha. Ele não se assustou nem nada. Acho que pensou que carro de gente rica é assim mesmo. O Gilberto me fitava com uma expressão muito alucinada.

– B'a noite, – fez o pai de Cris, cumprimentando meu amigo. A lâmpada do carro acendeu e ele reconheceu o namorado da minha mãe. Natálio deu uma fungada e acrescentou, com respeito: – Nossa, o senhor tem coragem mesmo.

– Boa noite. Está tudo em paz? Então vamos embora.

Uma súbita inspiração me fez perguntar enquanto fechava a porta e abria o vidro:

– *Seu* Natálio, o senhor por acaso não viu aqueles meus dois amigos, o Marcão e a Bebel por aqui hoje à noite, não é? Sabe, eu acho que eles tinham combinado alguma coisa de vir até o Aterro...

– Espero que não. Hoje tem Lua e o pessoal da igreja se reúne. Eles não gostam de gente bisbilhotando, não... a menos que os seus amigos sejam da igreja. Eles são, é?

Senti a sensação ruim voltando. Gilberto também se agitou do meu lado, inclinando-se sobre mim para olhar melhor o meu interlocutor.

– Que igreja? – perguntei. Natálio coçou a nuca.

– Bom... a gente é que chama de igreja. Mas não é igreja, não. É um grupo de grão-fino que aparece aqui uma vez por mês. Eles têm mais contato é com o Cerno, mesmo. A gente não chega muito perto sabe? São uns tipos estranhos, usam uns vestidos compridos, esquisitos, ficam cantando, às vezes fazem uma barulheira louca.

Me remexi, aflito. Grão-finos, Cerno, gente vestida com “vestidos”, cantando... aquilo parecia cada vez pior.

– Natálio, você por acaso já viu eles? – perguntou Gilberto com a voz tensa. Olhei para ele. Me escondendo o jogo, é?, quase que eu perguntei.

– Vi, vi uma vez.

– E eles tem uma cruz, alguma coisa assim?

Seu Natálio pensou, coçou a nuca de novo, passou a mão na boca, olhou sobre o carro.

– A Safira me mata se souber que estou falando isso com o senhor, doutor.

Titubeou de novo, o que pareceu ser uma eternidade. Quase que eu gritei para ele falar de uma vez, mas o Gilberto agarrou meu pulso com força, e eu fiquei em silêncio.

– Eles fazem um desenho no chão da rinha, um triângulo, sabe? Depois tem um círculo, outro triângulo e outro círculo. Mas cruz eu nunca vi, não.

– E eles estão lá, agora? – quis saber Gilberto. Natálio olhou para o céu, balançou a cabeça.

– Acho que sim. É noite de Lua... mas eles não gostam de ninguém rondando por lá, não. O Cerno até falou que hoje em particular, era para a gente ficar longe.

– Valeu, Natálio, a gente se vê! – disse Gilberto e arrancou o carro.

– O Cerno? – eu gemi depois que o pai da Cris sumiu da minha janelinha. – Achei que ele estava preso!

– Tivemos de soltar ontem pela manhã. Um advogado apareceu com um alvará de soltura e não deu para fazer nada, – respondeu Gilberto de olho na estrada. Depois olhou para mim e sorriu atravessado. – Um advogado grão-fino, sacou?

Balancei a cabeça, concordando. A unha do meu dedão doeu e começou a sangrar.

15. No qual eu corro para salvar a minha vida

Gilberto passou zunindo diante da entrada do ASA-1 e eu protestei.

– Pára, Giba! Eu quero descer!

O detetive olhou o retrovisor com cuidado e sorriu enquanto comentava.

– Você não viu? O portão estava aberto.

Olhei sobre o ombro.

– E daí?

O carro já tinha desacelerado e Gilberto agora rumava para uma porteira secundária do aterro.

– Bom, acontece que o portão do ASA fica fechado à noite. Se está aberto é porque tem alguém circulando. Se o caso é de granfinagem, o provável é que haja um segurança de prontidão. Você não quer avisar o pessoal da “igreja” de que vamos entrar, quer?

Ele estacionou o carro atrás de uma moita e desligou tudo. Puxou a arma e engatilhou, depois olhou para mim com preocupação.

– Eu queria que você ficasse no carro, – suspirou chateado.

– Não viaje, Gilberto! – resmunguei, querendo sair dali de uma vez.

– Eu podia trancar você, – ele disse me encarando. Encarei ele de volta.

– Você pode tentar, – comentei. Depois acrescentei: – De novo.

Ele respirou fundo.

– Tá. Não vou ficar quebrando a minha cabeça tentando entender o que aconteceu antes. Vou ver isso depois. Agora, Euclides, presta atenção no que eu vou te dizer: “A”, eu sou responsável por você. Se te acontecer alguma coisa, tua mãe me mata, então, por favor, obedece o que eu te pedir.

Eu concordei e disparei um bocado emocionado.

– Você gosta da minha mãe, não gosta? Estão namorando? Vai esperar o dia do júízo para me contar?

– “B”, – continuou ele sem responder. – Eu estou armado, então fique atrás de mim. Atrás, entendeu? Não se meta na minha mira. E “C”, a gente só vai olhar. Se vir alguém conhecido, não chame, não abane, não grite. A religião é uma coisa livre neste país, então não é crime rezar para um paralelepípedo, se a pessoa quiser.

Concordei com a cabeça.

– Então, para quê a arma? – sussurrei, assustado. Gilberto sorriu, olhando para aquele trabuco feio.

– Para nos defender dos cães do aterro, aqueles grandes, – respondeu, irônico. – Vá se acostumando com esse negócio, Euclides. Se você gosta da idéia de eu namorar a sua mãe, vai ter de se

acostumar com o meu trabalho. Leve seu celular junto. Ponha no silencioso, e se tocar não atenda. Mas não desligue. E, por último, se puder deixar a sua muleta aqui, vai ficar mais fácil. Agora vamos.

Descemos do carro. O chão era macio, coberto de restos de couro e dificultava um pouco o meu deslocamento, mas a coisa ficou um pouco melhor quando entramos pela porteira. Mjólnir ficou no carro, e eu claudicava atrás de Gilberto, meio agachado, como ele. Aquela era uma das entradas dos caminhões, então o chão estava bem socado pelo tráfego e dava para caminhar bem, sem ter de se preocupar muito com buracos e vultos. Eu tinha pensado que ele pedira para levar o celular para usar a lanterninha dele, mas não foi preciso. O luar poderoso daquela Lua Cheia iluminava tudo de um jeito mágico e prateado que eu não conhecia. Fiquei até meio bobo, achando que mesmo um aterro sanitário consegue ser meio bonito numa hora dessas, quando vi um gato enorme e de aspecto doentio deslizar sobre um monte de escombros.

Avançamos com cuidado. De vez em quando o Gilberto parava e escutava e eu fazia o mesmo. Pensei que ele havia se perdido, mas logo percebi que ele se guiava por aquele mato sombrio e esquisito que ficava atrás do Fundo. O cheiro era pungente mas suportável. Havia uma brisa mansa correndo por cima do aterro, tornando a coisa menos ruim.

– Escute, – ele fez de repente, parando, hirt. Eu parei e prestei atenção. Uma dor intensa correu da minha bacia até o alto da nuca, por causa da caminhada capenga até ali. Havia alguma coisa às nossas costas que também parou, dois passos depois de nós. Eu olhei para trás, nervoso.

– Tem alguma coisa ali atrás – sussurrei. Uma latinha rolou para longe de mim. Droga! Preciso me controlar!, pensei, lembrando do Néelson berrando “treinar é a única maneira de vencer com honra e perder com dignidade”. Estava precisando treinar isso também.

– Tem uma música.

Prestei atenção. Havia mesmo. Era feito uma cantoria, uma coisa monótona e desagradável, um troço que ia e vinha na brisa. Vinha da nossa frente, mas desviando um pouco para a esquerda.

– Vamos, – comandou Gilberto avançando. Eu fui junto.

De súbito, o caminho que a gente seguia se transformou numa trilha e desceu entre dois montes. Um cachorro muito magro apareceu no caminho, e rosnou, zangado. Eu olhei uma coisa redonda que havia por ali e a coisa voou contra o focinho dele. Era uma laranja podre e não machucou o bicho, mas ele enfiou o rabo entre as pernas e se afastou, sempre rosnando. Giba olhou para mim; eu sorri um pouco.

– Valeu.

A trilha terminava na entrada da clareira que era o Fundo. Reconheci uma das casas que se encontrava numa réstia de luar, porque as outras estavam mergulhadas nas sombras das montanhas de lixo. Não se ouvia nada, a não ser a cantoria que ali, era muito mais alta. Enveredei pela trilha que tínhamos seguido com o Natálio um mês antes, mas o Gilberto me segurou pelo colarinho. Olhei para ele e ele balançou a cabeça numa negativa. Depois mergulhou entre os casebres. Eu estremei e o segui.

Atrás de uma das casas, ele subiu por uma vereda entre dois montes, até chegar no alto de um deles, o que parecia mais firme.

A cantoria terminara, mas um halo de luz coroava os escombros e quando cheguei lá em cima, vi

porquê. Me joguei no lixo junto com Gilberto, não sabia se mais assustado com o bicharedo que se espalhou juro que nunca mais vi baratas daquele tamanho! , ou com o que via lá embaixo.

A primeira coisa que me chamou atenção foi o fato de que a rinha estava no mesmo lugar de antes, o chão de areia avermelhada e fina tão limpo quanto na tarde em que tinha vindo ali pela primeira vez. As arquibancadas estavam no mesmo lugar, e se alguma coisa mudara, eram as tábuas que sustentavam a montanha de lixo. Antes eram amarelas, agora tinham recebido uma demão de tinta prateada. Potentes holofotes iluminavam uma pirâmide de três lados, formada apenas por arestas de cobre, localizada sobre um grande círculo desenhado no chão. Os holofotes batiam na estrutura da pirâmide e projetavam três sombras bem definidas no solo. Mais para o centro, havia outro círculo e dentro dele outro triângulo.

Reconheci de imediato o desenho que tinha sido rabiscado no boneco encontrado na igreja e não tive dúvidas quanto ao que via:

Era o símbolo do medalhão da Tríade.

E se havia sobrado alguma dúvida tipo “mera coincidência”, lá estava dona Veridiana para me fazer pensar que certas coincidências são mais do que mera coincidência; são incidências de verdade.

As arquibancadas da rinha estavam cheias de pessoas vestidas com túnicas escuras e estranhas com capuz. Me lembrei de algum filme de terror besta que tinha visto em algum momento, e a impressão se acentuou quando uma fileira de pessoas entrou na rinha, vestidos com túnicas e capuz, escarlates. A única que se vestia de branco e não usava capuz, era dona Veridiana, que estava no centro do desenho, o rosto e o corpo divididos pela sombra da pirâmide de três lados.

Os sujeitos que estavam entrando se posicionaram em grupos de três, formando uma rede de pequenos triângulos que formavam um triângulo maior, dentro das área claras do desenho formado pela sombra da estrutura de cobre. Dona Veridiana levantou os braços para o céu.

– Iansã-Diana, deusa da Lua, senhora dos ventos, da noite e dos mortos! Ouve-nos! – berrou a velha com uma voz bem mais possante do que aquele sussurro bobo com que tentava me convencer a desembolsar o dinheiro da minha mesada para comprar ideogramas chineses e outros quetais.

– Ouve-nos! – respondeu a multidão num murmúrio.

– Trazemos hoje um presente extra, senhora da noite, trazemos hoje um presente que lhe agradará ainda mais! Tragam o presente!

Meia dúzia de sujeitos enormes, que me fizeram pensar no bom trabalho de uma academia daquelas chiques, apareceram de um lado, conduzindo três pessoas, segurando-as pelos braços. Já adivinhou quem eram? Pois eu nem sei porque fiquei tão boquiaberto.

A primeira, vestindo uma touca de fios vermelhos, era Criciúma. Vinha com os olhos arregalados, mas vinha pelo próprio pé, confusa e assustada. Depois, dois sujeitos apareceram carregando o Marcão, que olhava ao redor tão apavorado que nem conseguia se sustentar nas próprias pernas. Eu entendia meu amigo com perfeição. Não sei se eu conseguiria levantar de onde estava. E por fim, arrastada e dando muito trabalho, mordendo tudo no que conseguia por o dente e chutando feito uma possessa, Bebel.

– Bando de maluco! Me solta! Quando eu sair daqui vou dar parte de todos vocês! – ela gritava

quando não estava tentando morder seus captores.

Tentei levantar, mas a mão de Gilberto me empurrou de volta para o chão.

– Pára quieto! – sussurrou entredentes, puxando o celular com uma mão e a arma com a outra. Ele abriu o celular e eu senti um alívio imenso: Giba ia chamar reforços, a polícia ia aparecer, prender todo mundo, soltar meus amigos, nossa, graças à Deus, tudo termina bem quando está bem, não?

Um pé apareceu do nada e chutou o celular longe. Fiquei um instante estático, quando outro pé enorme e deforme abateu-se sobre a mão do policial que segurava a arma e um objeto enorme caía sobre as costas de Gilberto. Ele gemeu e tentou se virar, mas o homem que o agredira o levantou pelo cangote e o atirou monte abaixo sem piedade.

Olhei para ele enquanto ouvia aquele som fino e esquisito, feito garfo no prato.

Cerno olhou para mim e comentou:

– Acha mesmo que eu ia deixar ele chamar os companheiros dele?

Reagi sem pensar. É bobagem aquela história de que a gente aponta com a mão e a força sai pela ponta dos dedos, como se fosse a Mulher Invisível do Quarteto Fantástico, é bobagem, mas ajuda na pontaria. Estiquei a mão para Cerno como se o empurrasse e o sujeito caiu para trás, como se alguém tivesse lhe acertado um murro. Eu virei e, sem me preocupar se mais alguém ali ia me ver, levantei e me atirei morro abaixo, na direção dos casebres da vila do Fundo.

– Merda de guri burro! Tu sabe que eu posso te achar! – vociferou o sujeito levantando e correndo atrás de mim.

Escorreguei metade na trilha abaixo, perdi o equilíbrio, rolei até o pé do morro de lixo, no meio do Fundo. Levantei quando uma das portas se abriu e corri feito um maluco. Ouvia os gritos que tinham se erguido no centro da rinha e o barulho que Cerno fazia enquanto caía morro abaixo, atrás de mim. Comecei a correr, enquanto caçava o meu celular no bolso. Achei. Tropecei com a perna boa, o que me fez me apoiar de mau jeito na perna menor, e uma dor desafortada percorreu minhas costas. O braço ficou dormente e o celular caiu no chão, mas eu não parei até ter recuperado o equilíbrio e o fôlego. Olhei para trás e vi que Cerno estava se abaixando para pegar o telefone, então estiquei a mão e o aparelho passou zunindo pelo nariz dele até bater nos meus dedos. Doeu, porque eu não calculava bem a força, mas eu o agarrei, ainda correndo e ganhei velocidade na estrada que levava até a Usina de Reciclagem. Teclei 190 e coleí o aparelho na orelha, espiando sobre o ombro. Cerno estava a dois passos. Olhei para o lado: um pneu enorme passou por mim e por pouco eu não o acertei, mas ele teve de parar para se desviar e eu ganhei tempo.

– Guri burro! – rosou o homem escarrando com raiva.

Continuei avançando. Dei com a bifurcação que levava à Usina de Gás quando alguém atendeu do outro lado da linha.

– Socorro! – berrei no telefone. A voz do outro lado pediu alguma informação.

– Me ajude! Estou no ASA-1! Tem umas pessoas... umas pessoas... o detetive Gilberto foi ferido! Socorro!

Uma coisa me atingiu as costas e o telefone caiu longe, no meio do entulho, a luzinha acesa, inútil. Olhei para trás. Sob o luar, percebi que Cerno havia se munido de um cabo de vassoura.

– Pára de correr, guri burro!

Estiquei as mãos para me proteger e algo atingiu o peito de Cerno com força, empurrando-o para trás me dando tempo para levantar e recomeçar a correr. Precisava chegar à vila dos papeleiros. Era a minha única chance!

Os passos do Cerno voltaram a se aproximar. A gente estava em igual pé de condições, mas ele estava mais habituado a andar sem muleta, então, era mais rápido e ágil do que eu. Tentei aumentar o ritmo, o corpo inteiro protestando, a cadeira doendo com violência cada vez que eu pisava com a perna curta no chão e a coluna doendo feito um relâmpago cada vez que eu pisava com a outra.

– Hehe, dói né? – riu o outro, atrás de mim. Ele sabia. Sempre sabia!

E foi aí que comecei a ouvir. Um resfolego na nossa cola, um tropear de passos, um troço medonho. Olhei sobre os ombros e tentei ver de onde vinha o som, não querendo ver a origem dele, para dizer a verdade. Felizmente, já dava para enxergar a Usina, o que significava que a entrada não estava tão longe assim!

Súbito, um vulto emergiu de uma das laterais do aterro e parou no meio da rua. Uma luz acendeu-se nos meus olhos e eu parei, ofuscado.

– Alto lá, ou eu atiro! – gritou uma voz firme. Já a polícia? Pensei aliviado. Mas o Cerno atrás de mim, destruiu minhas esperanças.

– Lima! Atira no guri, Lima! Atira!

O cara titubeou, acho que pensou que não ia atirar num sujeito feito eu. Então viu algo atrás de nós, um pouco à direita, porque o fecho de luz desviou-se para lá e ele resmungou:

– Que bicho grande! Nunca vi um cachorro deste tamanho!

Eu olhei para a lanterna do sujeito e ela voou das mãos dele, sumindo-se no meio do lixo. Um vulto enorme passou por mim na direção da luz e eu passei pelo guarda “empurrando” com toda a força que achava que tinha a minha habilidade. O sujeito voou contra o barranco de lixo e eu passei por ele a toda. Não é que o Gilberto tinha razão? Os caras tinham segurança e os seguranças estavam armados!

Passamos pela Usina e em algum lugar à minha direita, um uivo de decepção explodiu feito uma bomba. Perto demais para o meu gosto, diga-se de passagem. Senti meu corpo inteiro se arrepiando de pavor e ofeguei quando meti a perna boa num buraco e caí redondo. Levantei do jeito que deu e continuei correndo. Agora Cerno estava mais perto, mas, em compensação, já dava para distinguir a entrada do aterro.

Outro vulto saiu ao luar. Levantou o braço e um tiro ribombou na noite. Eu diminuí o passo e fui parando, ofegante, sentindo a boca seca feito um deserto, um gosto ruim feito de medo e coisas podres.

– Pára ele, Darci! Atira nele! – berrou Cerno atrás de mim.

O vulto se aproximou de nós e eu tentei inutilmente ver onde estava a arma dele. Quando por fim a distingi no meio da sombra, era tarde. Ouvi o cão ser engatilhado e me encolhi, preparando-me para o choque, cansado demais para reagir. Eu só conseguia ver a entrada do aterro e a estrada que passava além dela. Tão perto e tão longe!

Então uma sombra saiu dentre os escombros à nossa direita e algo voou para cima do sujeito que Cerno chamara de Darci com um rugido apavorante. Eu me endireitei. Cerno parou ao meu lado. Darci

mal teve tempo de gritar e a coisa o atacou com sanha.

– Meu Deus, – gemeu Cerno e deu as costas para entrada, correndo de volta para o coração do aterro. Eu não fiquei para ver: dei a volta e segui o meu perseguidor.

O caminho de volta pareceu muito mais longo. De vez em quando eu perguntava para o Cerno num ofego:

– Tá ouvindo? Tá ouvindo ele?

– Não. Nem tu, né?

Não, eu pensava, e sabia que não precisava responder. Quando chegamos diante do Fundo novamente, diminuí a velocidade, sem saber ao certo o que eu ia encontrar. Estava muito assustado, não sabia o que fazer. De repente, o vulto do Cerno entrou no meio das sombras dos escombros e eu o perdi de vista.

Estava na beira do Fundo, sozinho. Atrás de mim, pela estradinha prateada ouvi um som.

O som de patas.

O som parou. Estaqueei. Dei um passo para trás. O tip-tap da pata avançou um pouco.

Parou de novo.

Me virei e corri para a minha direita, para a trilha que Natálio seguira aquela tarde em que nos trouxera até ali, derrubando coisas à minha passagem, fazendo que com o entorno de objetos sólidos parecesse uma onda fluída.

A coisa que estava atrás de mim deu uma arrancada e partiu no meu encalço.

Consegui avançar aos tropeções, rezando para não cair. Quando finalmente revirei o tombo, foi morro abaixo e só parei na areia fina e avermelhada da rinha. Caí de mau jeito e me virei gemendo, ignorando o coro de vozes que se levantou me chamando. Virei como pude e fiquei olhando o longínquo céu estrelado, demarcado pelas linhas da pirâmide de cobre. Alguém me agarrou pelo colarinho e me fez levantar. Nariz com nariz. Não dava para confundir o bafo de galinha podre do Cerno com outra coisa nesse mundo, então empurrei com brutalidade e ele voou longe de mim, batendo de mau jeito numa das arquibancadas.

Voltei-me para o coro de vozes e dessa vez não estava com vontade de fugir, ah, não. Eu realmente estava zangado. Muito zangado. Estava tentando conter a onda de coisas que se desprendiam e rolavam sozinhas, nas direções mais enlouquecidas, mas não estava conseguindo manter a calma. Nem mesmo quando vi a pistola da velha Veridiana voltada na minha direção.

– Então, era mesmo o bom do Deco! – ela riu ensandecida. Arinha estava vazia. Que mania que os frequentadores do lugar tinham de sair correndo, eu pensei, ouvindo ao longe uma buzina e um motor de carro caro rugindo. Por cima do ombro dela, vi Gilberto sendo amparado por Marcão e Criciúma, uma das pernas dobrada num ângulo estranho e Bebel parada na frente deles, com ares de fúria. Bom, pensei para mim mesmo, atiro a arma de Veridiana longe e depois a jogo pro outro lado.

Um instante depois, senti um murro se abater com violência na base do pescoço. Vi estrelinhas enquanto pensava “guir burro! Tu sabe que eu posso te achar!”

– Posso mesmo, – rosou Cerno do meu lado, quanto eu caia de quatro no chão. – Sempre posso, tu sabe!

Tentei reagir sem pensar, mas um segundo murro me prostrou de vez. Senti o nariz bater com força no chão e um gosto metálico na boca. Dona Veridiana riu e meus amigos gritaram. Fechei as mãos na areia, à beira da inconsciência.

– Agora, José, vou lhe dar uma oportunidade para se redimir, – anunciou a mulher, passando por mim. Me contorcei ao ouvir a risada do homem. Não precisava ler os pensamentos da mulher, para saber o que ela havia pensado-ordenado ao sujeito. Me virei e o vi claudicando na direção da estaca que segurava a lateral de madeira que sustentava a montanha de lixo. Olhei para o alto e soube: se ele chutasse aquilo, a gente ia morrer. O Cerno me olhou e sacudiu a cabeça.

– Medo, moleque?

– Medo você vai ter quando o Aristides chegar, – eu tentei bravatear, tentando levantar. Minhas costas estavam me matando e achei que meu ombro tinha saído do lugar. Solucei quando voltei a cair, sem nenhum apoio no braço direito. Pensei com toda força no que tínhamos visto junto ao portão e o Cerno parou.

– Merda... – resmungou esfregando a boca e olhou para o alto do lixo.

– O que foi? – quis saber a senhora, ainda me apontado a arma.

– O *lobisome* matou o seu segurança, *madama*.

Veridiana piscou os olhinhos doces de vovó e ela agitou a arma mal-humorada. O que eu não daria para que aquelas duas cabeças ocas das minhas colegas a vissem agora!

– Um cão matou meu segurança? Mas que droga! Que espécie de bichos vocês têm por aqui? Suma com o corpo dele, entendeu José? Se a polícia continuar fuçando por aqui, vamos perder a nossa boquinha, será que eu fui clara?

– Não é um cachorro. É um *lobisome*, dona – resmungou Cerno entredentes, talvez pensando que não era um boa idéia afastar-se da luz.

Dona Veridiana balançou a cabeça irritada.

– Certo é um “senhor” cachorro. Um lobisomem. Certo, – comentou ela se dirigindo para uma chave de luz grotescamente mal acabada. – Não esqueça de sumir com os holofotes amanhã pela manhã. E trate de desmontar a pirâmide, porque vamos usá-la outro dia.

Voltou-se de novo para mim com uma expressão de ódio que até então eu nunca vira no rosto de ninguém.

– Outro dia... quando a polícia não interferir!

E, *bang!* Disparou. Me encolhi. A bala bateu na terra e levantou uma nuvenzinha de poeira diante do meu nariz. Veridiana fungou.

– Engraçado, a esta distância eu nunca erro, – comentou com a voz distraída, e baixou a chave de luz.

Súbito, os holofotes morreram. A sombra engolfou tudo, para depois, pouco a pouco, o luar fazer tudo emergir da sombra com um contorno prateado. Fui eu quem o viu primeiro, no alto do monte do lixo, a língua enorme pendendo entre um par de caninos desproporcionais. Acho que gritei, não sei. O caso é que o Cerno correu para um lado e eu me arrastei do jeito que deu para junto dos meus amigos, bem no centro da rinha, bem debaixo do vertice da pirâmide. A coisa o cão, o lobo, aquilo em que

Aristides se tornara, saltou para dentro da rinha com um movimento de símio, uma criatura grotesca e enlouquecida. Ouvi dona Veridiana arfar de susto, muito perto dele.

Perto demais.

A criatura virou-se para ela com fúria e saltou na sua direção com um grunhido. O som que ouvimos, coisas se quebrando, se rasgando, um gemido estranho e cavo, foi de enlouquecer. Senti a mão de Gilberto me agarrando pelo ombro e me puxando para dentro do abraço trêmulo de Bebel.

– Temos que dar o fora agora! – gemeu Marcão e seria uma coisa inteligente de se dizer, não fosse o fato de que a criatura estava entre nós e a trilha.

Aí ouvi um baque, o repicar sonoro de madeira caindo no chão. Olhei para o alto da montanha de lixo.

Ela tremeu feito uma onda.

Uma latinha passou por nós, seguida por uma bola de plástico furada.

– Meu Deus! – gemeu Gilberto, apavorado.

Me desvencilhei das mãos dele e dei um passo para frente. Eu já falei que aquela história de apontar a mão era bobagem, mas naquela hora, naquela escuridão pintada de prateado, foi só no que eu consegui pensar. Estendi as mãos para as tábuas que seguravam a montanha de restos, porque sabia que não poderia dar conta de todas aquelas coisas ao mesmo tempo. Eram objetos demais! Empurrei com força. A montanha estremeceu, mas um pneu escorregou com um chiado e caiu picando ao meu lado. Então empurrei com mais força. E mais e mais. Meus braços começaram a doer. Meus joelhos vergaram.

A tábua imobilizou-se. Algumas coisas rolaram morro abaixo, mas o movimento parou. A coisa que atacara dona Veridiana recuou para o luar, acossada, rosnando baixinho para o lixo e para mim, mas não se aproximou. Era grande, peluda, meio homem, meio cão, a boca aberta porque os dentes não permitiam que a fechasse completamente.

– Caiam fora! – eu berrei. – Não vou dar conta disso por muito tempo!

– Como, com esse *seu* Aristides aí? – choramingou Criciúma.

Aí o Marcão reagiu. Ele agarrou um guarda-chuva velho e sem pano que estava ao seu lado, e partiu para cima da criatura, enterrando uma das arestas no pêlo grosso e grotesco do braço esquerdo da coisa. O bicho ganiu de dor, voltou-se para Marcão e rosnou de novo. Eu quis me voltar para eles, mas o movimento quase pôs tudo a perder e eu tive de voltar a me concentrar na tábua.

– Não vou conseguir segurar por muito tempo, – choraminguei.

Finalmente, a criatura entendeu, voltou-se para uma das laterais da rinha e desabalou carreira, ganindo e deixando um rastro viscoso que brilhava feito prata sob a lua. Meteu-se numa trilha entre duas montanhas de escombros e desapareceu.

– Você feriu ele! Você tirou sangue dele! Grande Marcão! – comemorou Bebel, empurrando meu amigo na mesma direção em que o bicho tinha sumido. Marco Aurélio agarrou Gilberto por um lado e junto com Criciúma começaram a arrastar o detetive na direção marcada pela trilha de sangue.

– Euclides! – gritou o namorado da minha mãe, apavorado, enquanto meus amigos o levavam.

– Já vou, já estou indo, – eu gemi, vendo luzes estranhas espoucando na periferia da minha

visão. Laranjas sujos e violetas escuros. Vou morrer aqui, eu pensei.

Aí eu senti um braço em torno da minha cintura e esse alguém pegou o meu outro braço e passou sobre seu ombro. Minha mão direita continuava esticada na direção da tábua, mas eu já não a sentia muito bem.

– Não sei o que você está fazendo, Deco. Mas quando eu disser “três”, a gente vai sair correndo, tá? – sussurrou a voz de Bebel junto da minha orelha. Concordei com a cabeça. Não dava mais para pensar muito mesmo. Ela foi me arrastando na direção da trilha, cada passo que a gente dava fazendo estremecer aquela onda mortal sobre nós.

– Um...

Cambaleamos quando uma geladeira perdeu a sustentação e quase nos atingiu. Eu sentia o suor escorrendo pela testa, o corpo todo encharcado, e algo viscoso saindo do meu nariz.

– Dois...

Ela não esperou para contar três. Me puxou com força e me obrigou a correr com ela. Deixei a tábua que sustentava a montanha de lixo e acompanhei-a do jeito que deu. A montanha veio abaixo, tão lenta quanto na outra tarde, muito mais rápida do que tínhamos lembrança. Ficou tudo escuro. Achei que não tinha dado para escapar.

16. No qual o lobisomem nos agradece

Quando voltei à mim, estava deitado sobre um pedaço de papelão relativamente seco, com um troço enfiado no nariz. Tossi, tentei sentar, cai de volta, gemendo de dor. Tudo doía, tudo! Parecia que eu sentia cada osso do meu corpo, cada um deles, separado.

– Deco! – gritou Gilberto tentando se aproximar. Mas não conseguiu. Ele estava sentado em outro papelão. Olhei ao redor: estávamos no Fundo. A lua, cheia, magnífica, brilhava exatamente sobre nós. Tudo estava coberto por um suor prateado, tudo parecia fácil de entender: claro e escuro, certo e errado. Porém aos poucos os borrões foram se movimentando ao nosso lado. Não eram borrões. Era gente. A gente do Fundo. Umas pessoas esqueléticas, com as feições marcadas, um cheiro de álcool de baixa qualidade, suor, urina e sujeira. Uma mulher agachou-se na minha frente.

– *Tá mió, o minino, tá?* – perguntou. Ela cheirava à cigarro de palha e não vi nenhum dente na caverna escura da sua boca. Me encolhi, mas me encolher custou-me outro imposto de dores. Gemi.

– Ih, coitadinho! – disse alguém.

Então a mulher que havia se abaixado agarrou meu pulso com mão de ferro. Tentei me desvencilhar, cheio de asco, mas o movimento só me fez choramingar de novo. O contato com ela era seco e quente e ela pôs a mão sobre a testa, movendo os lábios e falando baixinho. Não dava para ouvir o que era, só um silvo, um chiado, uma coisa que parecia uma prece. Um calor gostoso se irradiou da mão dela pelo meu pulso até o resto do corpo e eu fui relaxando, relaxando, até que percebi que o grosso da dor tinha passado. Ela me soltou devagarinho e levantou-se com dificuldade. Consegui sentar sem problemas.

– O guri *tava* carregadinho, carregadinho, – murmurou ela. Alguém lhe trouxe um copo e ela bebeu, depois me ofereceu. Pensei em recusar, mas estava com a boca seca e a língua inchada. Agarrei e bebi, sôfrego. Era água.

Devolvi-lhe o copo vazio e a observei com atenção. Depois fui olhando para as demais pessoas, trêmulo. O medo que dona Safira nutria por aquela gente ainda me corroía, mas não sou estúpido para não perceber quando as pessoas estão interessadas em mim.

– *Cadê o Cerno?* – gemi, me assustando de repente.

Houve um instante de silêncio.

– O Cerno foi embora. *Vai demorá pra voltá,* – comentou a mulher diante de mim, passando a mão na minha cabeça.

– E os meus amigos?

– Foram com a Roseméri chamar a *políça*.

– A gente está sozinho aqui? E o lobisomem? – mordi língua, envergonhado. – Quero dizer..

o... cachorrão... o....

A mulher diante de mim sorriu, depois sacudiu os ombros. Me olhou bem no olho e comentou:

– *Seu Aristides num* chega aqui não.

Aí ficou séria:

– Eu *num dexo!*

Olhei sobre os ombros e percebi aqueles casebres de papelão e zinco. Tão frágeis, tão frágeis!

Olhei de novo para ela e achei que parecia ser maior do que antes.

– *Si ela num dexe, ele num vem. O seu Aristides sabe que num é bão se metê com a dona Maria,* – comentou alguém.

Nossa, como eu precisava treinar para chegar aos pés dela, eu pensei de repente, sentindo meu nariz voltar a sangrar.

A polícia não demorou nada. Alertadas pelo meu telefonema, as autoridades já estavam de prontidão e quando Bebel os chamou, vieram voando. É claro que os meus amigos arrombaram o escritório da Usina para usar o telefone. No lugar deles, você andaria quilômetros atrás de um orelhão?

Nossas famílias chegaram no rastro dos policiais. Minha mãe brigou comigo, xingou Gilberto, depois se abraçou nele chorando, porque o pessoal do hospital o estava levando de maca para a ambulância. Finalmente, me acompanhou em outra ambulância, bem como a Bebel, a Criciúma e o Marcão e seus respectivos pais, com exceção do pai da Bebel, que não mora aqui. Tivemos de ouvir sermão sobre sermão, até que o Marcão conseguiu pedir para o motorista ligar a sirene. Aí o berreiro da ambulância foi tal que não deu mais para falar. Tivemos de ficar em observação no hospital o resto da noite e todo mundo, menos eu, foi liberado na manhã seguinte. O médico que me examinou achou que a minha pressão estava muito baixa e achou melhor me monitorar o dia inteiro, então eu fiquei lá, bancando o dorminhoco, até que a minha mãe saiu para tomar um café. Aí aproveitei, puxei Mjólnir para perto e fui me esgueirando pelos corredores, até achar o quarto do Gilberto. O detetive estava sentado na cama, comendo uma maçã, lendo os jornais e logo não me viu parado junto à porta.

– Ora, ora, mas se não é o meu super-herói predileto, – ele ironizou quando finalmente me viu. Eu entrei, meio encabulado e fechei a porta.

– Como vai a perna? – quis saber.

– Bem imóvel, como pode ver. A partir de amanhã estarei aceitando autógrafos. Agora puxe uma cadeira, sente-se.

Nos encaramos. Depois eu sorri e olhei para uma das cadeiras de visita. Ela se arrastou sozinha com um zumbido sobre o chão frio e eu me sentei nela. Gilberto engoliu em seco, pôs o jornal de lado.

– Meu Deus, – sussurrou. – Como você faz isso?

Dei de ombros. Como é que vou explicar? Sei lá.

– Você já fez as pazes com a minha mãe? – me interessei.

Ele piscou, surpreso.

– Faremos em breve. Meu teatrinho de “minha perna está doendo muito”, toda vez que ela tenta discutir o que houve ontem, tem funcionado para desviar o assunto, – ele confessou.

Eu ri. Depois fiquei tenso.

– Você vai contar? – perguntei olhando para uma das maçãs da bandeja. A fruta flutuou levemente até a minha mão. Gilberto negou com a cabeça, ainda admirado.

– Ela não sabe?

– Nunca contei, – respondi mordendo a maçã. Estava deliciosa.

Ele respirou fundo.

– Então não sou eu quem vai contar. É você. Quando achar que deve.

Nesse momento, a porta se escancarou e minha mãe apareceu no umbral. Me olhou, pôs as mãos na cintura e xingou:

– Olha menino! Tem que me obedecer, que coisa! Mas é muito bom mesmo que os dois estejam juntos, porque nós vamos ter que decidir algumas coisas sobre nós, se vamos continuar juntos, compreendem? Vocês não podem fazer isso comigo! Não podem! Decidem dar uma volta de carro, somem, desaparecem, e daqui a pouco bate a polícia me procurando! Vocês vão me deixar louca desse jeito! Doida, entendem?

Sorrimos um para o outro, cúmplices. Eu concordei.

– Claro, mamãe, a gente promete se comportar, – comentei. Ela se voltou para mim, furiosa.

– E o senhor mocinho, está de castigo, ouviu? Castigo! O seu pai...

Gilberto fez um gesto súbito em direção à perna e ela calou-se assustada.

– Minha nossa, que coceira! – fez ele piscando um olho para mim. – Amorzinho, por favor, me alcança a espátula para me coçar um pouco! Isso sim é que deixa qualquer um biruta!

Ela alcançou a ele uma espátula que estava ao seu alcance com um ar zangado, mas não retrucou nada. Cruzou os braços como quando está de mal comigo e não disse mais uma palavra sobre o assunto.

Mudanças? Bem, sim, houveram algumas. O Marcão, a Bebel e eu voltamos a ser amigos. O Marcão ficou um pouco menos avoado, um pouco mais maduro. A mãe dele o levou a um psicólogo, porque ele andava tendo pesadelos horríveis com lobisomens, mas o tratamento não deu certo. O que funcionou foi que um dia eles estavam lá em casa, e o Fera apareceu, todo faceiro. Tinha fugido de casa! O Fera, ultimamente, anda bem mais feliz e saracoteador do que antes. Cavou um buraco na cerca e me “visita” quase todos os dias.

Estávamos na sala brincando com o bobão, quando tocou a campainha. Fui atender. Era o Aristides. O Fera veio saltitando para ele e se jogou nos braços do dono. Eu nunca tinha visto ele fazer isso.

– Oi, gente, como vocês vão? – perguntou meu vizinho para nós. – Você está pálido Deco. Tem passado bem?

Eu engasguei, atrapalhado. Desde a aventura no ASA-1, eu não tinha mais visto ele.

– Tô, to bem, sim...

– Que bom. E vocês dois? Terminaram o trabalho de ciências? Tiveram uma boa nota?

– Sim, – respondeu Bebel sorrindo, tranqüila. – Ficamos em primeiro lugar. Vamos levar o trabalho para a feira regional no mês que vem e o professor já disse que a nossa classificação é quase garantida. Se tudo correr bem, vamos para a mostra nacional.

Aristides sorriu, satisfeito.

– Nossa, meus parabéns! E você, Deco, também está nessa?

Torci o nariz:

– Não. O trabalho que fiz só ganhou nota média.

– Também pudera! – riu Bebel passando o braço no meu ombro. Estremeci, feliz. Quem liga para a nota de ciências? – Aquela bobagem! Mas não se preocupe. Vamos levar você na feira regional. Vamos precisar de mais gente para dar conta do recado.

Aristides ficou parado nos vendo conversar, e de repente largou o Fera e deu dois passos na direção do Marcão. Meu amigo deu um salto tentando fugir, mas o meu vizinho foi mais rápido e o envolveu num abraço apertado.

– Desculpe, – resmungou. – Eu tive de fazer isso. Não sei o que me deu, mas tenho um impulso muito grande de agradecer para você... alguma coisa.

Esfregou o próprio braço esquerdo e sorriu nos olhando.

– E sinto que lhes devo mil desculpas. Sobretudo para você, Deco. Mas não sei porquê.

– Tá limpo, Aristides, está tudo bem, – eu murmurei constrangido.

– Então, tudo bem. Vamos embora, Fera, tá na hora do seu jantar.

Os dois foram embora, Fera saltitando alegremente ao redor do dono.

– Bom, – suspirou Bebel, – aí vai um lobisomem curado. Não me admira que tenha te agradecido, Marco Aurélio. Afinal, foi você quem o livrou da maldição.

– Eu? – admirou-se meu amigo, espalmando a mão no peito. – Como assim?

– Uai, você não lembra o que lemos naquele livro de folclore? A única maneira de livrar alguém da condição de lobisomem é arrancando sangue dele. Você o feriu com o guarda-chuva, lá no aterro, não lembra? *O feriu no braço esquerdo!*

Gilberto, depois que voltou à ativa, ganhou uma promoção e levou a cabo as investigações que tinham começado com a descoberta do crânio que o Marcão deixara ao lado do lixo da cozinha. Parece que um bando de malucos chamado “Tríade”, comandados por Dona Veridiana, se reunia ali na rinha uma vez por mês, sempre na Lua Cheia. Faziam sacrifícios humanos, é isso aí. Pegavam a garotada que pedia esmola nas sinaleiras e davam um fim neles, pensando que assim conseguiriam mais poder e dinheiro. Pegaram a Criciúma, porque pelo visto ela tinha escutado uma conversa que não devia ter ouvido, mas foi burrice, porque no depoimento que ela deu para o Giba, deu para perceber que a menina não tinha entendido nada. Fazer o quê? Todo mundo erra, e nesse caso, foi um erro providencial: os membros da Tríade conseguiram uma bela temporada no xilindró, bem feito! Dona Veridiana comandava a ação, depois o Cerno, que arrumava o espaço, ficava com o corpo e tratava de se livrar dele. Repassava o que dava para o tal de Luis Mendes e os dois repartiam a grana que ele conseguia ao revender os ossos. Cerno, então, ganhava dos dois lados, porque a Dona Veridiana também o pagava. O que eu não entendo é porque continuava a viver lá, no meio do aterro. Vai saber!

A história do Aristides é paralela. Ele nunca tinha se metido com o pessoal da Tríade, porque era um bando de gente e porque ali na rinha sempre tinha muita luz. Mas cheguei à conclusão que naquela noite em que fomos até lá, eu e o Gilberto devemos ter passado por dentro do território dele e posto a criatura na nossa pista. Foi muita movimentação e o bicho passou a nos seguir. Depois passou a seguir a

mim e deu no que deu. Por isso é que o pessoal da vila dos papeleiros não se metia no ASA-1 em noite de Lua Cheia. Eles sabiam que a paz e a segurança da comunidade passavam por não se meter nem no caminho da Tríade, nem no caminho do lobisomem, que a tudo isso vivia sua vida breve de bicho lunático, devorando cães perdidos, gatos esqueléticos e o que o Raul, o irmão que tem um açougue, trazia para o mano ficar tranqüilo, não atacar os vizinhos e não terminar sendo morto por uma bala de prata. O Fera, devia sentir a criatura que vivia em Aristides e por isso cultivava aquele jeito medroso de ser. Fera pode ser muita coisa, mas burro é que ele não é.

A natação vai bem, obrigado. Tenho treinado muito e semana que vem vou participar do meu primeiro campeonato. A minha habilidade também vai bem. Eu a tenho desenvolvido aos poucos, treinando, treinando. De vez em quando eu visito Dona Maria no aterro. A velha benzedeira faz uns gestos ao meu redor, diz que eu estou “carregadinho” e respinga água em mim com um ramo de arruda. Depois eu fico por lá, mexendo coisas com o pensamento, aprendendo a medida da minha força. O cheiro do Fundo continua sendo repugnante, mas o investimento vale o sacrifício. Como diz o Néelson, “treinar é única forma de ganhar com honestidade e perder com dignidade”. Se eu um dia perder com a minha força, quero que seja porque eu tentei tudo o que sabia.

Meu namoro com a Bebel esse sim é que vai de vento em popa. Um dia desses engrena, vocês vão ver! Ela continua caidinha por mim, mas continua não dando o braço a torcer. Já eu, não perco oportunidade de falar para ela:

– Bebel, você é linda. Quando você vai ser minha namorada oficial?

– Quando você deixar de ser bobo, Deco! – ela responde com um muxoxo.

Mas de vez em quando a minha morena me olha de um jeito intrigado, e eu não preciso ser o Cerno para saber que ela está pensando naquela montanha de lixo a ponto de desabar sobre nós e eu suando feito um condenado, o nariz sangrando aos borbotões. Ela sabe que eu segurei aquilo, mas não sabe como, e não sabe como perguntar. Mas uma hora dessas vai querer saber, porque esse é o mesmo olhar que ela fazia para o Aristides antes de tudo acontecer, então não vai demorar para ela perguntar. Ah, mas a resposta, eu já sei qual é:

– Só conto de você me der um beijo!

Será que ela vai dar?